

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

VITÓRIA CAROLLINE FLORO DA SILVA

**VOCÊ CONSEGUE SE TENTAR:**  
UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO MERITOCRÁTICO DA MÍDIA EM TORNO  
DAS HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO NO TELEJORNALISMO

RECIFE - PE

2023

VITÓRIA CAROLLINE FLORO DA SILVA

**VOCÊ CONSEGUE SE TENTAR:**

UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO MERITOCRÁTICO DA MÍDIA EM TORNO  
DAS HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO NO TELEJORNALISMO

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de bacharelado em Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção de graduação em Jornalismo.

**Orientador: Prof. Dr. Dario Brito Rocha Júnior**

RECIFE - PE

2023

VITÓRIA CAROLLINE FLORO DA SILVA

**VOCÊ CONSEGUE SE TENTAR:**  
UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO MERITOCRÁTICO DA MÍDIA EM TORNO  
DAS HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO NO TELEJORNALISMO

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como parte das exigências para a obtenção da graduação em Jornalismo.

Recife, 15 de junho de 2023

BANCA EXAMINADORA

---

Dario Brito Rocha Júnior  
Universidade Católica de Pernambuco – Unicap  
(Orientador)

---

Andrea de Lima Trigueiro de Amorim  
Universidade Católica de Pernambuco – Unicap  
(Avaliadora Interna)

---

Adriana Maria Andrade de Santana  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE  
(Avaliadora Externa)

*A vida era assim e ponto final, crescíamos com a obrigação de torná-la difícil aos outros antes que os outros a tornassem difícil para nós.*

Elena Ferrante

Dedico este trabalho à minha professora de português do ensino fundamental, Adriana Ferraz, que me despertou para o prazer envolvido na construção de novos caminhos por meio da escrita; e para todas as meninas que nunca foram boas em matemática.

## AGRADECIMENTOS

A primeira memória que tenho sobre o meu potencial intelectual remonta um dia cinza durante uma aula de matemática na sétima série do ensino fundamental, enquanto eu conversava e dispersava meus pensamentos para longe dos números complicados que faziam confusão no quadro branco, o rígido professor me chamou atenção. Lembro claramente do que ele me disse: “desse jeito, é muito difícil que você seja alguém na vida”, por isso, não faz sentido começar meus agradecimentos com modéstia: eu agradeço a mim.

Me agradeço porque por muito tempo duvidei se eu realmente seria capaz de executar tarefas tão difíceis quanto pareciam ser os exercícios de geometria repassados pelo professor da sétima série. Demorou muito para entender que sim, eu sou inteligente e sei fazer coisas mais legais e elaboradas do que decorar a Lei dos Cossenos. A graduação em jornalismo e este Trabalho de Conclusão de Curso são a prova que a minha versão de 14 anos precisava ter, é uma reafirmação concreta e palpável de que existem caminhos para os saberes que tenho no meu arcabouço de ideias, existe futuro para a criatividade, para a escrita, para as meninas que são melhores nas aulas de português. Existe uma vida feliz que acontece bem longe da Fórmula de Bhaskara e eu me agradeço por nunca ter desistido de tentar encontrar esse caminho.

No entanto, o caminho de realizações nunca é construído sozinho, por isso, também dedico os meus mais sinceros agradecimentos à minha mãe, Gilvanize Silva, e meu pai, Elielson Floro, que, cada um de sua maneira, nunca deixaram de investir e acreditar nos meus sonhos profissionais e intelectuais. Acredito que a família também é construída para além das relações consanguíneas e tenho sorte de ter escolhido minhas irmãs Duda e Thaína para me acompanhar na vida e nos extensos relatos e desabafos sobre a produção deste trabalhos (peço desculpas pela ausência em muitas das nossas conversas nos meses em que me dediquei na construção desta pesquisa), esse é só um dos muitos sonhos e conquistas que estaremos assistindo juntas, pra sempre.

Agradeço ainda aos outros amigos que também foram uma constante de equilíbrio e suporte durante todo o tempo em que precisei de apoio. Em especial, agradeço Alice Lins por ser meu porto seguro na vida e na faculdade; Duda Melo, por me acompanhar na jornada da monografia e por ser uma ótima companheira na viagem que compartilhamos e vivemos os sonhos de uma novela do Manoel Carlos no Rio de Janeiro, semanas antes de nossas defesas; e Clara Nilo, por sempre estar presente e trazer a realidade em todos os momentos. Tenho sorte de estar acompanhada por tanta gente querida que não cabem aqui todos os nomes aos

quais gostaria de continuar agradecendo, pego emprestado um velho clichê: os de verdade eu sei quem são! Meu muito obrigada mais genuíno para todos os amigos e colegas que, mesmo que por pouco tempo, me ouviram falar sobre essa pesquisa, me convidaram para sair de casa e esquecer um pouco a pesquisa ou só conversaram comigo sobre qualquer assunto banal, foram todos momentos muito importantes e especiais para mim.

Gostaria de fingir que todo o meu desenvolvimento pessoal foi mérito de uma jornada emocional conquistada de forma independente, mas precisei de muito apoio no processo de autoconhecimento para alcançar a confiança e a segurança necessárias para finalizar este trabalho. Portanto, agradeço também à minha psicóloga Jéssica, por trilhar junto comigo os desafios internos necessários para chegar até aqui com todas as ideias e sentimentos no lugar certo e por ouvir sempre que preciso - e muito mais do que todas as outras pessoas aqui citadas - tudo sobre o processo de escrita desta monografia.

Por fim, agradeço imensamente toda a atenção, cuidado, dedicação e paciência de Dario Brito, que foi a melhor opção de orientador que eu poderia ter escolhido durante este processo, além de também expressar minha gratidão por Maria Eduarda Andrade, essencial em me guiar na construção e concretização de muitas ideias que sustentam o processo metodológico e analítico deste trabalho. Tenho muito orgulho de ter chegado até aqui. Obrigada a todos que me impulsionaram e me fizeram ter forças para nunca mais acreditar nas palavras do professor de matemática da sétima série.

## RESUMO

Partindo do pressuposto de que a meritocracia é um sistema falho de ascensão social, o presente trabalho tem como objetivo investigar reportagens televisivas que abordam narrativas de superação envolvendo jovens estudantes de classe baixa que, apesar das adversidades, conseguem se destacar nos estudos. Por meio da análise do material proposto, o intuito é apontar a ausência de criticidade da mídia quanto ao papel do Estado na melhoria das políticas públicas de acesso à educação, propagando um discurso meritocrático, que inviabiliza a problemática em torno da desigualdade social responsável por afetar diretamente a vida dos estudantes representados nas produções. Para destacar que o problema tem respaldo na atualidade, as reportagens em observação estão no recorte temporal entre 2019 e 2022, sendo os últimos anos também marcados pelas dificuldades que os estudantes enfrentaram durante a pandemia de Covid-19 e paralisação das aulas presenciais. Este trabalho terá base metodológica nos conceitos analíticos estabelecidos pelo posicionamento de pesquisa da Análise Crítica do Discurso (ACD), somando-se aos complementos teóricos de Lippmann (2008), Bakthin (1992), McCombs & Shaw (1993/1972), Van Dijk (1996/2003), Lage (1998), Traquina (2001), Pena (2021), Vogler (2015), Markovits (2021) e outras contribuições relevantes ao debate proposto.

**Palavras-chave:** Meritocracia; Desigualdade social; Educação; Análise de Discurso; Enquadramento; Agendamento.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. MERITOCRACIA	19
1.1 A desigualdade como fator histórico	19
1.2 A distopia meritocrática	22
1.3 O mérito educacional	26
1.4 A trajetória do herói e a armadilha da meritocracia	31
2. JORNALISMO	37
2.1 O jornalista como o roteirista da sua própria narrativa	37
2.2 Além do factual	40
2.3 A mecânica e a história do telejornalismo brasileiro	46
2.4 O melodrama como função telejornalística de sedução da audiência	50
2.5 Repercussão agendada	55
2.6 Qual o interesse da mídia?	60
3. METODOLOGIA	65
3.1 Tipo de pesquisa	65
3.2 Corpus	65
3.3 Análise Crítica do Discurso	67
3.4 Categorias Análíticas	69
4. ANÁLISE	71
4.1 Reportagens regionais	71
4.2 Reportagens nacionais	84
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
6. REFERÊNCIAS	96
7. APÊNDICES	100

## INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma habilidade antiga e quase inerente à humanidade. É por meio delas que a cultura prevalece e os ensinamentos são repassados para as gerações futuras. “Sagas, lendas, tradições, histórias, contos são a quinta-essência dos povos e compõem a história do mundo e dos variados saberes” (FONSECA; VARGAS, 2006, p. 10). Não muito distante deste caminho, mas certamente com um grande espaço de tempo percorrido com o desenvolvimento das civilizações, o jornalismo foi desenvolvido com propósitos semelhantes aos de contação das histórias e lendas transmitidas em torno de uma fogueira.

A profissão tipificou em gêneros as diferentes formas de se repassar uma história com relevância social, ou seja, tudo aquilo que pode ser chamado de notícia, sendo “a reportagem o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pelas instituições jornalísticas” (MELO, 2003, p. 65). Nesse sentido, em sua essência, a reportagem é o gênero no qual o jornalista consegue o melhor espaço e a liberdade para explorar os detalhes de uma narrativa, podendo se debruçar sobre todas as nuances da situação relatada.

Na prática, porém, o jornalismo contemporâneo, que começa a se desenvolver na segunda metade do século XIX, traz para o foco do fazer jornalístico técnicas que corroboram para um desenvolvimento mais rápido e superficial da notícia — fugindo dos propósitos fundamentais para a produção de reportagens — favorecendo, assim, uma criação em larga escala de um conteúdo mais sucinto. O lide e a fórmula da pirâmide invertida são, até hoje, ferramentas que contribuem para a elaboração rápida da notícia.

Dentro do jornalismo brasileiro, essa adequação aos novos padrões de produção transformou o conteúdo jornalístico do país — majoritariamente opinativo até a Primeira Guerra Mundial — em uma prática de produção expressa e mais factual (MARTINEZ, 2022). Dessa forma, alguns produtos começaram a ficar mais enxutos, agradando aos critérios do mercado.

Além das exigências mercadológicas, o veículo e os gêneros jornalísticos estabelecidos na hora da produção são responsáveis por guiar o estilo do produto. Rádio, digital, impresso e televisão possuem exigências específicas quanto aos limites de tempo ou caracteres que vão compor uma matéria. Quanto aos gêneros, se uma reportagem pode oferecer um projeto mais robusto, uma notícia factual, por outro lado, caracteriza-se pela urgência da informação, “é tudo aquilo que o público necessita saber, tudo que o público deseja falar” (PENA, 2021, pp. 70-71). Por isso, seu processo de criação tende a ser mais

rápido, com menos aprofundamento no assunto, para que os fatos cheguem até o público-alvo da notícia.

Os noticiários televisivos, por exemplo, são produtos jornalísticos de exibição diária com produção voltada para o repasse de notícias de forma rápida devido ao limite de tempo estabelecido pelas emissoras.

A programação da TV — e aqui estamos falando da TV aberta — tem um ritmo contundente, próprio de sua natureza como meio de comunicação de massa, e acaba voltada à transmissão de notícias de maneira breve. O que se considera desvantagem da TV (superficialidade). (PATERNOSTRO, 1999, pp. 63-64).

As produções televisivas, exibidas em noticiários, mesmo quando exploram gêneros diferentes da notícia factual — a exemplo da reportagem ou entrevista — têm dificuldade de fugir da superficialidade, estabelecida pelo ritmo da TV diária, que implementa um aspecto vago às mensagens transmitidas. “Os custos das transmissões, os compromissos comerciais e a briga pela audiência impedem o aprofundamento e a análise da notícia no telejornal diário” (IDEM, p. 65).

Existe, porém, espaço para programas específicos na televisão aberta, com maior densidade jornalística, que abarcam produções mais aprofundadas, com maior senso crítico (IBIDEM). Nestes, uma produção superficial se justificaria apenas como uma escolha editorial da emissora. O problema, é que este tipo de telejornalismo, que abre mão do aprofundamento do assunto para atender demandas mercadológicas e de audiência, coloca em risco a perda do senso crítico e deixa de lado o caráter de denúncia, importante na produção de grande parte das histórias.

Dentro do eixo de temas que são considerados notícia pelo jornalismo e, principalmente aqueles que tendem a ser alvo das temáticas que fogem do factual, a temática das histórias de vida tende a focar em narrativas que acompanham a rotina de indivíduos ou grupos sociais (MARTINEZ, 2022) e são preteridas para a elaboração de pautas comoventes que apelam para o emocional e costumam ter como plano de fundo uma lição de moral ou um valor subentendido para destacar, que usualmente aparecem sob o pretexto inspiracional do conteúdo.

Normalmente, as narrativas de vidas que envolvem temáticas ligadas à superação de obstáculos exploram histórias de pessoas de baixa renda, principalmente no Brasil, país emergente com altos índices de pobreza. Nesse contexto, o jornalismo televisivo tende a transformar em espetáculo dramático a trajetória de personagens com narrativas de sucesso,

apesar das adversidades enfrentadas devido à falta de renda ou à carência de acesso às políticas públicas de inclusão social e redução da desigualdade de classes.

Por isso, é de suma importância que a produção de conteúdos que apresentem trajetórias de superação como plano de fundo da notícia demonstre um alto valor de senso crítico, trazendo ao público não apenas as conquistas da figura retratada, como também questionamentos analíticos sobre qual é a responsabilidade do Estado no papel de agente direto na promoção de equidade de renda e oportunidades educacionais e de carreira entre os cidadãos, buscando elucidar a diferença entre a jornada do sucesso de pessoas ricas quando comparada com as narrativas daqueles que não possuíam acesso aos mesmos recursos. Esses objetivos só podem ser atingidos por meio da ótica da denúncia e da cobrança, que devem guiar o jornalismo sério e comprometido com o público, se sobrepondo a melodramatização dos fatos em busca do apelo emocional que resulta em aderência do público e aumento da audiência.

Nesse sentido, o presente estudo vai centralizar as análises em torno das reportagens televisivas sobre histórias de superação referentes aos estudantes brasileiros de baixa renda que, apesar dos desafios impostos pela desigualdade social e educacional no país, ganham destaque na mídia por buscar um futuro melhor por meio dos estudos, tema recorrente nos veículos jornalísticos quando a pauta busca emocionar o público, ou passar uma suposta mensagem de esperança, com histórias classificadas como inspiradoras.

Assim, o objetivo geral desta investigação pretende analisar a construção da narrativa midiática no telejornalismo ao retratar histórias de superação de obstáculos na vida de estudantes de baixa renda no Brasil. Além disso, serão os objetivos específicos: a) averiguar reportagens de destaque sobre casos que se encaixam na narrativa de superação de jovens estudantes de baixa renda; b) analisar a estrutura da notícia; c) observar qual recorte foi estabelecido aos problemas enfrentados pelos personagens por meio da análise dos discursos referidos; d) entender se o enquadramento das narrativas apresenta potencial para agendar debates sociais capazes de impulsionar os ideais meritocráticos. Por isso, a pergunta de pesquisa será: Existe um discurso elaborado pelas emissoras televisivas que desestimula o pensamento crítico a respeito dos problemas de desigualdade educacional e de renda abordados em suas reportagens?

Assim, será necessário detectar padrões nos discursos apresentados em reportagens sobre o tema, exibidas em telejornais brasileiros entre os anos de 2019 e 2022, para identificar como o repasse dessas narrativas ao público, sem um aprofundamento crítico,

pode colaborar na romantização e normalização das desigualdades sociais, reforçando estereótipos meritocráticos e fortalecendo o mito da meritocracia.

Dessa forma, por meio de uma investigação qualitativa, com base metodológica no posicionamentos de pesquisa da Análise Crítica do Discurso (ACD), ancorada no estudos que envolvem as teorias do agendamento e do enquadramento, a intenção do presente projeto é se debruçar sobre o processo histórico de solidificação dos ideais meritocráticos na sociedade e refletir criticamente sobre os motivos que caracterizam o sistema como um processo injusto de ascensão social, que deve ser tratado com recortes específicos dentro das produções jornalísticas, evitando tanto a superficialidade do tema quanto o jornalismo melodramático, que atua como grande contribuinte para a superficialização das narrativas meritocráticas na sociedade moderna e a isenção do Estado no processo de luta contra as desigualdades educacionais no país.

Nesse contexto, será defendida a hipótese de que a mídia reforça acriticamente o conceito meritocrático de que é normal e honrável que pessoas mais pobres se esforcem mais para alcançar lugares e posições sociais que as classes sociais mais altas que com mais recursos disponíveis conseguem chegar com menos esforço.

Os conceitos da ACD serão utilizados para compreender a relação do conteúdo jornalístico produzido com as fases analíticas de identificação do nível semântico e compreensão dos atores sociais envolvidos nas reportagens, análise qualitativa com objetivo de identificar como acontece a representação destes mesmos atores sociais ao longo do texto elaborado e, por fim a identificação dos discursos referidos servirá como base para entender, como a narrativa é contada, ou ainda enquadrada e agendada para privilegiar uma ideologia em detrimento de outra, neste caso, a hipótese do trabalho acredita que, por meio dos processos acima citados, seja possível identificar o reforço dos ideais meritocráticos dentro das reportagens avaliadas.

Portanto, a análise das construções narrativas da mídia ao retratar histórias de superação de obstáculos na vida de estudantes de baixa renda no Brasil se faz necessária, pois, seguindo os preceitos da teoria do enquadramento, o jornalista, atuando como participante ativo da construção social da realidade, pode interpretar os acontecimentos de forma parcial em favor de determinados grupos, priorizando a disseminação de ideias específicas enquanto deixa de lado pontos essenciais de uma narrativa que, em sua percepção, podem não colaborar para a mensagem que ele, condutor da história, deseja contar.

Nesse contexto, o estudo será importante para entender o papel do jornalismo no enquadramento das informações veiculadas que resultam no agendamento dos debates

públicos em torno do tema, considerando que “as pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo” (Shaw, E. *apud* Wolf, 2001, p. 144).

Com finalidade de representar a aplicação dos conceitos teóricos por meio dos objetos investigados neste trabalho, cinco reportagens televisivas foram analisadas em dois blocos diferentes, um representando as produções de alcance regional e outro direcionado para produções de distribuição nacional. Visto que existem diferenças marcantes entre a linha editorial dos telejornais nacionais e regionais, a escolha da divisão entre materiais audiovisuais transmitidos, agrupando-os regionalmente e nacionalmente se faz importante para destacar o alcance do tipo de produção melodramática dentro do jornalismo, que, para a hipótese deste trabalho, perdura na sistemática de produção do telejornalismo desde o surgimento da televisão no Brasil, independente da linha editorial do telejornal em destaque.

Ademais, a seleção das obras telejornalísticas também levou em consideração a diversidade no critério de escolha a respeito das localizações onde acontecem as narrativas de superação retratadas na mídia, incluindo não só histórias do Nordeste, região comumente utilizada no jornalismo para explorar os clichês da pobreza na construção midiática da informação. Assim, as histórias selecionadas acontecem no Norte, Nordeste, Sul e Centro-oeste do país.

Outro fator importante para critério de escolha das reportagens envolveu a contemporaneidade do tema, incluindo apenas produções que foram ao ar entre os anos de 2019 e 2022. A popularidade das emissoras no Brasil também se caracterizou como um fator decisivo de escolha. De acordo com o ranking de IBOPE da TV aberta brasileira, obtido com exclusividade pelo portal Splash UOL em fevereiro de 2022 e realizado pela Kantar Media<sup>1</sup>, entre os dezesseis canais abertos com alcance nacional, a Rede Globo e a RecordTV ocupam o primeiro e segundo lugar respectivamente. Dessa forma, a pesquisa considera que as duas emissoras detêm o maior poder de influência do debate público por alcançarem mais domicílios.

Nesse sentido, ao considerar os critérios de seleção, cabe descrever um breve resumo das reportagens que fazem parte desta monografia, com objetivo de orientar uma melhor compreensão dos tópicos abordados no trabalho elaborado. No âmbito regional serão exploradas três reportagens, sendo uma delas uma suíte, agrupada em conjunto com a sua

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2022/02/04/veja-o-ranking-de-ibope-da-tv-aberta-redetv-ja-ronda-o-traco.htm>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023

reportagem principal. A primeira delas, exibida no telejornal da Record Goiás apresenta Milene<sup>2</sup>, uma estudante de Goiânia, filha de catadores de produtos recicláveis, que foi aprovada no vestibular de medicina da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Sem renda, o foco da matéria é chamar atenção para a impossibilidade de Milene conseguir realizar o seu sonho, ao viajar para estudar em outra cidade. Junto a este material, a suíte do caso, realizada pelo mesmo programa, dias depois da exibição da primeira reportagem, relata a comoção da audiência com a história veiculada, a nova matéria acompanha o desenrolar das ações de caridade feitas em prol de Milene e sua família, para que a garota fosse capaz de realizar o sonho de cursar Medicina em outra cidade.

O segundo caso, exibido em março de 2022, pela RICTV, afiliada da Record TV em Curitiba, no programa Balanço Geral de Curitiba, revela a trama de Natielle Souza<sup>3</sup>, uma jovem de 20 anos que recolhe lixo nas ruas da cidade para juntar dinheiro com objetivo de pagar a sua matrícula na faculdade particular.

Para as coberturas nacionais, a primeira selecionada foi ao ar em março de 2021, no Fantástico, da Rede Globo. A revista eletrônica dominical conta a história de Artur Mesquita<sup>4</sup>, um jovem de 15 anos, morador da área rural do município de Alenquer, no oeste do Pará, que precisava subir em uma árvore no quintal de casa para receber sinal de internet e, dessa forma, assistir às aulas online durante a pandemia de covid-19.

O segundo caso foi exibido em janeiro de 2022, pelo Domingo Espetacular, da Record TV. Na reportagem, o público conhece a história de Wellington José<sup>5</sup>, um jovem de 29 anos, morador do município rural de Ribeirão, localizado na Zona da Mata de Pernambuco, que se formou em medicina em uma faculdade particular mesmo sendo filho de cortadores de cana.

Estruturando-se em torno da hipótese de que a atividade jornalística não deixa de ser um instrumento que possa interessar a diversos tipos de poder, incluindo fontes governamentais, será importante observar e fiscalizar se os veículos denunciam a ausência do Estado na vida dos personagens representados.

Quando reportagens produzidas sobre essas histórias não abordam, com um olhar minucioso, a raiz dos problemas que resultam nas dificuldades enfrentadas pelos estudantes de baixa renda até a entrada no ensino superior, é mais fácil que o Estado fique isento de

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vOidcyzD02s>>. Acesso em: 20 de novembro de 2022

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RmDJWBfXCm4>>. Acesso em: 20 de novembro de 2022

<sup>4</sup> Disponível em:

<<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/03/21/jovem-sobe-no-alto-de-arvore-para-melhorar-sinal-de-internet-e-assistir-aulas-no-para.ghtml>>. Acesso em: 20 de novembro de 2022

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bqjdbhUcONM>>. Acesso em: 17 de março de 2023

cobranças da população para a elaboração de políticas públicas que equiparem a vida de todos os estudantes do país, independente da classe social. Para que, por meio de melhorias e reformas no sistema de ensino e de distribuição de renda, os alunos de menor poder aquisitivo não precisem passar por mais dificuldades para alcançar os resultados atingidos com facilidade por estudantes de classe média-alta.

Tendo em vista que a meritocracia surge a partir de uma sociedade desigual e a mesma se beneficia deste conceito para o seu fortalecimento, a pesquisa começa com um remonte histórico da desigualdade na sociedade humana, com base argumentativa nas ideias de Rousseau em *A Origem da Desigualdade Entre Os Homens* (2017). O objetivo do capítulo de abertura é explorar as raízes das relações humanas que embasaram e solidificaram as dinâmicas de desequilíbrio econômico social. Assim, será possível compreender o ponto de partida em que o sistema se estruturou e como ele foi fabricado para beneficiar as classes abastadas. Em paralelo ao surgimento do ideal de desigualdade social, a meritocracia começa a se desenvolver com o desdobramento da vida moderna. Com uso dos fundamentos de Daniel Markovits em *A Cilada da Meritocracia* (2021), o capítulo segue explorando a difusão desse conceito de forma mais concreta, investigando o que ele é, em que se baseia, quais são seus pontos fracos e por que ainda é tão pertinente no imaginário do senso comum como uma prerrogativa de sucesso.

Para centralizar o debate em torno do processo da desigualdade educacional no Brasil, o capítulo inicial faz uso das ideias de Michael J. Sandel em *A Tirania do Mérito* (2021) para ressaltar que a definição da meritocracia como uma ferramenta de ascensão social prospera no imaginário popular especialmente quando as narrativas envolvem estudantes e educação. Isso porque, estudantes, principalmente os de baixa renda, se configuram como os personagens ideais na trajetória conhecida como “narrativa de herói”, valorizada pelo ideal meritocrático. Assim, com uso dos conceitos de construção de personagens de Christopher Vogler em “A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores” (2015), será possível correlacionar as figuras de sucesso das narrativas meritocráticas com o conceito da construção do arquétipo de herói.

O capítulo se encerra com o destaque para o trabalho de Robert H. Frank em *Sucesso e Sorte: o mito da meritocracia* (2017), para explorar a direta ligação entre a especulação de sucesso promovida por um ideal de trabalho duro e a influência que a sorte e o acaso têm nesse cenário, assim, descaracterizando a meritocracia como um sistema verdadeiramente funcional e justo.



O segundo capítulo será destinado a entender a influência direta do fazer jornalístico nos debates que ocorrem na sociedade e no agendamento das pautas governamentais. Para isso, a pesquisa usa dos conceitos base de Maxwell McCombs e Donald Shaw para o *Agenda-Setting* e das ideias de Gaye Tuchman e Goffman para os preceitos do Enquadramento, abordados inicialmente por Erving Goffman em *Frame Analysis* (1974) e mais tarde aplicados ao jornalismo por Gaye Tuchman.

Nesse percurso, será feita uma comparação dos gêneros jornalísticos que fogem da estrutura clássica, utilizada na produção de notícias factuais, ou *hard-news*. Neste aspecto, a pesquisa pretende se debruçar sobre exemplos do jornalismo produzido com maior subjetividade e originalidade, como o jornalismo literário, demonstrando que existem alternativas de sucesso para a reprodução de uma boa história jornalística com técnicas que incentivem um texto mais prosaico, sem que os limites éticos da profissão sejam ultrapassados.

Em contraponto, os bons recursos das produções jornalísticas subjetivas, na maioria das vezes, não são explorados com sucesso dentro do telejornalismo. Assim, será preciso analisar o gênero de forma histórica, contextualizando a produção superficial, característica da televisão, com os objetivos comunicacionais e mercadológicos do gênero. Dessa forma, o capítulo também destaca a preferência da televisão pela produção dramatizada, sobretudo nas histórias de superação envolvendo estudantes de baixa renda, em que os personagens se tornam heróis para atrair a atenção do público e sustentar a audiência.

Nesse sentido, o capítulo se encerra com reflexões acerca do interesse da televisão em desviar narrativas sérias, que merecem o olhar crítico do jornalista em sua função como agente de cobrança pública ao Estado, para peças melodramatizadas, que não promovem a reflexão acerca do problema que está sendo debatido. Assim, se estabelece uma preferência de mercado pela audiência em detrimento ao esforço jornalístico para a produção de uma reportagem comprometida com o olhar crítico.

Com isso, os seguintes momentos desta monografia serão direcionados para a metodologia de pesquisa e análise dos produtos escolhidos. Nesse sentido, a base metodológica será a Análise Crítica do Discurso, que se estabelece no estudo de quem conduz a narrativa “mediante a compreensão das regras e dos mecanismos linguísticos que utiliza para alcançar seus objetivos” (MANHÃES, 2005, p. 307). Sendo possível identificar como a linguagem é utilizada para construir significados em diferentes contextos sociais, envolvendo mecanismos linguísticos para a estruturação de significados que possam incluir aspectos ideológicos de poder e controle.

Tais esforços servirão para que, na análise, seja possível o encontro dos objetivos metodológicos com a busca da comprovação da hipótese que pretende compreender os interesses jornalísticos na melodramatização de reportagens televisivas que envolvem histórias de superação de estudantes de baixa renda que desejam adentrar no ensino superior. Bem como, entender qual o impacto do discurso dramático e acrítico no debate social, que pode resultar na falta de incentivo à reflexão e pressão da sociedade civil frente ao Estado para a elaboração de políticas públicas que equiparem as oportunidades de ensino dos estudantes brasileiros.

Por fim, é importante ressaltar que a pesquisa em questão se propõe a observar os erros cometidos na cobertura jornalística dos casos analisados, com o objetivo de destacar a urgência de uma reforma estrutural na produção jornalística de pautas que destaquem narrativas de superação. O intuito é promover uma reflexão sobre os perigos e consequências da cobertura superficial deste assunto, levando em consideração o poder de influência do jornalismo no debate público, destacando a importância da elaboração de novos métodos de produção que demonstrem maior consciência de classe e maior cuidado crítico com reportagens voltadas ao nicho das histórias de vida.

## 1. MERITOCRACIA

### 1.1 A desigualdade como fator histórico

Em 1753, o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau publicou o documento “A origem da desigualdade entre os homens” como resposta ao concurso promovido pela academia de Dijon, que trazia como tema a pergunta: “qual é a origem da desigualdade entre os homens e se ela é autorizada pela lei natural?”. Em sua argumentação, Rousseau estabeleceu que a desigualdade se manifesta de duas formas diferentes na espécie humana: a primeira é atribuída como natural ou física, que pode ser determinada pelo acaso da natureza e consiste na diferença etária, nas condições de saúde e força do corpo, entre outros atributos que não podem ser controlados por instituições ou grupos de poder humano; a outra, se apresenta como uma desigualdade moral ou política. Essa, encontra-se diretamente ligada com preceitos e acordos sociais estabelecidos, ou autorizados, com o consentimento dos grupos sociais (ROUSSEAU, 2017).

É com base na segunda noção de desigualdade, promovida pelo homem, que se justifica e se solidifica a ideia dos privilégios, em que poucas pessoas podem aproveitar dos frutos que resultam do prejuízo e esforço de terceiros. O acúmulo de capital, status, poder e controle são os principais ganhos daqueles que conseguem se beneficiar das relações de desigualdade entre os homens. Nessa concepção, a desigualdade desenvolvida na modernidade, que fomenta a divisão de classes, foi um conceito fabricado à medida que a humanidade se distanciou do seu estado de natureza. Para o filósofo, “o estado de natureza, sendo aquele em que o cuidado com a nossa conservação é o menos prejudicial à de outrem, tal estado era por conseguinte o mais propício à paz e o mais conveniente ao gênero humano” (ROUSSEAU, 2017, p. 59).

Porém, para Rousseau (2017) foi a partir do primeiro desejo de autoconservação que o homem passou a se movimentar para combater as forças da natureza, incluindo o combate pela disputa da sua própria subsistência com outros homens, aderindo ao estilo de vida de prevalência do mais forte, ou daquele que tem mais mérito para derrotar o outro.

Essa reiterada comparação de diversos seres consigo mesmo, e de uns com outros, deve ter engendrado naturalmente no espírito do homem a percepção de certas relações. Essas relações, que exprimimos pelas palavras "grande", "pequeno", "forte", "fraco", "rápido", "lento", "medroso", "ousado" (ROUSSEAU, 2017, p. 73).

Tais comportamentos são o prelúdio do que viria a ser a noção da desigualdade como uma ferramenta de sobrevivência e manutenção de poder, quando institucionalizada e usada para benefício próprio. Desta maneira, “os homens puderam, insensivelmente, adquirir uma ideia grosseira dos compromissos mútuos e da vantagem de respeitá-los, mas somente tanto quanto podia exigir o interesse presente e sensível” (ROUSSEAU, 2017, p. 74).

Se se tratasse de pegar um cervo, cada um sentia que devia, para isso, ficar fielmente na sua posição; mas se uma lebre passava ao alcance de um deles, não duvidem que ele a perseguiria sem o menor escrúpulo e que, tendo pegado sua presa, não lhe preocupava nem um pouco que seus companheiros ficassem sem nenhuma (ROUSSEAU, 2017, p. 74).

Com o desvio da humanidade do seu caminho natural em direção a uma vida engendrada por acordos sociais e relações de poder, Rousseau esclarece os primeiros anseios da humanidade pelo privilégio e egoísmo. A partir do momento em que o homem começou a buscar melhores condições de moradia ao se abrigar em cavernas, quando percebeu a importância de bons instrumentos para caça como o machado de pedra, tem início a primeira revolução no pensamento de organização humana, momento que também estabelece a definição das famílias e a introdução à noção de propriedade privada.

Cada um começou a olhar para os outros e a querer ser olhado, e a estima pública teve seu valor. Quem cantava ou dançava melhor; o mais bonito, o mais forte, o mais destro ou o mais eloquente se tornou o mais considerado, e foi esse, ao mesmo tempo, o primeiro passo rumo à desigualdade e ao vício: dessas primeiras preferências nasceram, de um lado a vaidade e o desprezo, de outro, a vergonha e a inveja (ROUSSEAU, 2017, p. 77 - 78).

Destarte, é possível supor que a desigualdade está intrinsecamente ligada com o conceito de mérito ao observar que, ao sair do considerado estado de natureza com o desenvolvimento de civilizações, os núcleos familiares conseguiram perceber a melhoria palpável na qualidade de vida quando privilégios materiais, físicos ou relacionados à estratificação social, passaram a ser implementados na sua rotina. Assim, a humanidade, ao longo do seu desenvolvimento histórico, passa a optar por bússolas morais que apontem os valores de igualdade a partir do conceito de mérito. Esse caminho ideológico é fundamental para a ascensão das crenças meritocráticas, que passam a decidir quem são os membros da sociedade que deveriam ter acesso às ferramentas ascensão social, baseado no quanto eles trabalharam e se esforçaram por isso. Em contraponto, “o fracasso de desempenho imprime e

aprofunda aos “perdedores” (que no geral já se encontravam em posição de desvantagem) sentimentos de infelicidade, vergonha, desprezo, culpa, tristeza, revolta [...]” (ROSSATO, 2022, p. 240 - marcações do autor).

Essa forma de meritocracia, historicamente denominada como clássica, trabalha com a pretensão de ser um sistema apto para “[...] fazer recuar as desigualdades de castas e ordens, a escravidão, a ausência de direitos políticos, a marginalização das mulheres, as aristocracias de berço” (DUBET, 2001, p.6), por ser um sistema em que o sucesso e a riqueza podem supostamente ser alcançados independentemente do ponto de partida, sem levar em consideração privilégios de nascença, como, por exemplo, os status de nobreza, conferidos aos membros das famílias reais. O sucesso herdado passou a ser menosprezado e inferior ao sucesso conquistado com credenciais meritocráticas. Porém, o que faz a retórica da honra meritocrática funcionar e perdurar até o século XXI, é a noção de que uma sociedade estabelecida do ponto de vista meritocrático, atua como uma “instituição uniforme, harmônica, funcional e sem contradições, constituída por *humanos heróis*, protagonistas, capazes, trabalhadores, produtivos e racionais” (ROSSATO, 2022, p. 234 - grifo próprio).

Assim, a idealização meritocrática da igualdade humana, que se afirma por meio da promoção das mesmas oportunidades e a livre disputa baseada em mérito, desestimula ações de políticas públicas efetivas que possam concretizar de fato uma igualdade real, que leva em consideração contextos de classe, gênero, raça, sexualidade e outros (ROSSATO, 2022).

Nesta seara, Estados, governos e a sociedade moderna em geral, a fim de garantirem a igualdade entre todos, cuidavam tão somente de reafirmá-la de modo formal. Para tanto, bastava reconhecê-la, declará-la ou oficializá-la por meio de normas legais e constitucionais, despreocupados em criar garantias efetivas voltadas à promoção real (e não apenas formal) dessa igualdade (ROSSATO, 2022, p. 234).

É o que fez o Estado brasileiro durante muito tempo ao longo das diversas constituições que foram promulgadas. Ainda na primeira carta constitucional brasileira, chamada de “Constituição Política do Império do Brasil” e outorgada por D. Pedro I em 1824, os direitos de igualdade entre os cidadãos da nação foram reconhecidos e impostos como invioláveis. No entanto, no documento, não existiam políticas públicas que garantissem que a igualdade prometida fosse de fato alcançada por todos (ROSSATO, 2022).

Art. 179 (...)

XIII. A Lei será igual para todos, quer proteja, quer castigue, o recompensará em proporção dos merecimentos de cada um.

XIV. Todo o cidadão pode ser admittido aos Cargos Publicos Civis, Politicos, ou militares, sem outra differença, que não seja dos seus talentos, e virtudes.

XV. (...)

XVI. Ficam abolidos todos os Privilegios, que não forem essenciais, e inteiramente ligados aos Cargos, por utilidade publica”.

(BRASIL, 1824).

Dubet (2001) faz uma leitura dos princípios de Marx afirmando que as desigualdades de classe configuram-se como um elemento importante na estruturação das sociedades modernas capitalistas com a extração indiscriminada da mais-valia a partir do trabalho. Esse acúmulo de capital é o fruto da desigualdade e da manutenção das classes que já estão no poder, “a oposição entre os trabalhadores e os donos do investimento, entre o trabalho e o capital, faz das desigualdades sociais um elemento funcional do sistema das sociedades modernas (DUBET, 2001, p. 6).

Neste aspecto, a desigualdade foi e continua sendo historicamente utilizada como uma ferramenta de manutenção do poder, seja ele das classes sociais mais ricas sob as mais pobres ou do Estado sob os cidadãos marginalizados; e o sistema meritocrático, aliado às relações de trabalho e estratificação social, é a engrenagem que continua produzindo a sensação de falsa igualdade de oportunidades e a percepção distorcida de uma sociedade justa em que o homem é o único agente de garantia para o seu próprio sucesso.

## **1.2 A distopia meritocrática**

Ainda que os conceitos meritocráticos estivessem presentes na dinâmica humana desde a separação do homem do seu estado de natureza, como foi evidenciado por Rousseau (2017), as ideias de merecimento de sucesso e privilégio por meio do mérito só ganharam um nome popular graças a narrativa fictícia e distópica do escritor inglês Michael Young.

Em sua obra intitulada *The Rise of the Meritocracy*, publicada em 1958, o autor descreve uma realidade futurística em que as lideranças britânicas decidem por reger a nação sob um sistema capaz de selecionar entre toda a população os indivíduos de maior mérito, com base no coeficiente de inteligência e esforço individual atribuído a uma determinada pessoa. Assim, cidadãos com um maior nível de inteligência, de acordo com uma série de

testes elaborados pelo Estado, teriam direito aos cargos políticos e profissões de maior remuneração e impacto social.

Nesse cenário distópico, Young apresenta a trajetória de um personagem que vive no ano de 2033, em uma Grã-Bretanha que já havia estabelecido por completo o sistema de distribuição de trabalho de acordo com o mérito e a capacidade de inteligência de um indivíduo. Além disso, com o passar dos anos na narrativa, o sistema de classificação dos critérios de merecimento evoluiu ao ponto de conseguir prever o coeficiente de inteligência de uma pessoa poucos momentos após o seu nascimento, assim determinando todo o seu futuro e impossibilitando a mudança dessa realidade pré-estabelecida. Dessa forma, o livro tenta elaborar uma possível resposta aos questionamentos formulados pelo debate da meritocracia como sistema de qualificação social substituto da aristocracia. “Por centenas de anos a sociedade tem sido um grande campo de batalha entre dois grandes princípios, o princípio da seleção por família e o princípio da seleção por mérito” (YOUNG, 1967, p. 30, *apud* MAZZA; MARI, 2021, p. 3).

Para a narrativa de Young, de acordo com Mazza e Mari (2021), o sistema meritocrático se opõe diretamente à ordem dos privilégios aristocráticos, em que o mérito e o sucesso eram facilmente alcançados apenas por algumas castas familiares. No final da trama, Young descreve uma revolução das massas marginalizadas na sociedade e oprimidas pelo novo sistema de seleção meritocráticas, que estavam insatisfeitas com eficiência do sistema na escolha das mentes mais brilhantes e, logo, mais merecedoras para o sucesso, fato que impedia a mobilidade social e pré-determinava a vida dos cidadãos, sem o seu consentimento. Para Allen (2021), em Mazza e Mari (2021), a realidade elaborada por Young demonstra uma sociedade justamente desigual. “A estratificação definida pelo poder econômico, antes balizada nos laços de sangue, era amparada agora no mérito da “igualmente excludente” (MAZZA; MARI, 2021, p. 4).

Segundo Allen (2021) em De Mazza e Mari (2021), a narrativa de *The Rise of the Meritocracy* tem o objetivo de atuar como uma justificativa estratégica para as desigualdades existentes entre os cidadãos, tanto no mundo fictício da trama, como também quando feito um paralelo com a realidade. Se a ordem aristocrática, embasada no privilégio do nascimento, era considerada injusta devido ao reforço da desigualdade por meio das contradições sociais; no sistema distópico elaborado por Young a responsabilidade de sucesso era obrigação única do indivíduo, sendo impossível que a falta de oportunidades para a prosperidade fosse atribuída ao Estado ou quaisquer outros fatores sociais além dos próprios compromissos do indivíduo.

Para Marasciulo (2016, online), Young tenta dar luz ao conceito de que os sistemas puramente meritocráticos podem ter consequências devastadoras ao ocasionar “o fim da mobilidade social, a desigualdade crescente e a formação de castas”. No texto, Young atribui ao mérito uma característica negativa, relacionando o conceito a uma sociedade estratificada pela inteligência e pelo esforço. O autor critica a cultura do *self-made man*, definido como o indivíduo que é capaz de alcançar o sucesso de maneira independente, sem ajuda de terceiros.

Ainda que o texto seja uma obra ficcional, sem nenhum comprometimento com a análise crítica do significado e do avanço da meritocracia na sociedade moderna, a popularidade do sistema meritocrático como uma ferramenta de justiça social em oposição à aristocracia é historicamente comprovada. Segundo Barbosa (1999), a história da meritocracia no mundo moderno pode ser dividida entre dois conceitos, o primeiro deles seria a meritocracia negativa, caracterizada por um “conjunto de valores que rejeita toda e qualquer forma de privilégio hereditário e corporativo e que valoriza e avalia as pessoas independentemente de suas trajetórias e biografias sociais” (p. 22). Neste tipo de dimensão da meritocracia, as variáveis sociais como classe social, família e poder político perdem a importância no momento da disputa por posições, sejam elas quais forem.

Barbosa (1999) destaca que neste tipo de visão meritocrática, o sistema se torna um consenso, “todos vêm nela um sistema sedutor, uma aristocracia de talentos que parece fazer uma distinção radical entre as sociedades baseadas no privilégio hereditário e as democracias atuais” (p. 22). Isso porque, por muito tempo na história da humanidade, trabalho e renda não eram compreendidos como ações diretamente relacionadas. Markovits (2021) destaca que durante o período de ascensão aristocrática, o trabalho era função das classes mais pobres, enquanto os ricos costumavam viver em uma ociosidade considerada mais justa e honrável que o trabalho. Assim, durante séculos, a alta sociedade “adotou a recreação elegante e desprezou o trabalho” (MARKOVITS, 2021, p. 37) visto que o acúmulo de riqueza desses grupos sociais era obtido por meio de heranças geracionais.

Nesse sentido, o trabalho não era considerado uma ferramenta de ascensão social ou de manutenção de poder e status porque os baixos salários condenavam os trabalhadores à permanência de uma mesma renda, insuficiente para provocar um avanço financeiro. Assim, o trabalho oferecido nunca seria capaz de promover o conforto da vida da elite. Por isso, os ricos e os pobres estavam diretamente ligados aos acasos e à sorte do seu nascimento e não às suas escolhas de mérito e inteligência.

Para Markovits (2021), a mudança na lógica de valorização do trabalho acontece com a chegada dos arranjos sociais do capitalismo moderno, em que os empregos de classe média



se tornam cada vez mais escassos, forçando as classes mais baixas ao desemprego e ao trabalho precário. “Uma profunda transformação tecnológica elimina os ofícios da classe média e torna supérfluo o trabalho semiqualficado” (MARKOVITS, 2021, p. 38). O autor ainda ressalta que, com o aumento das tecnologias, acontece uma inversão de papéis em que os que possuem acesso a uma educação de elite, com maior preparação intelectual, são mais requisitados no mercado de trabalho com o aumento da demanda das funções superqualificadas.

Os ricos ociosos de outrora, em forte contraste com a classe média, trabalham mais do que nunca hoje em dia, mais que o restante da sociedade, e dão muito duro. Adultos (homens e mulheres) de formação universitária ou com pós-graduação têm menos da metade da probabilidade de abandonar a força de trabalho do que seus congêneres de formação secundária ou inferior (MARKOVITS, 2021, p. 38).

Com essa nova realidade proposta, os valores da elite mudaram drasticamente e se adaptaram à valorização dos trabalhos que exigem dedicação e alta capacidade intelectual, enquanto desprezam o lazer. Markovits (2021) também explica que uma revolução no índice salarial foi responsável por incentivar a relação das elites com o trabalho, visto que agora, enquanto os empregos da classe média seguem com a baixa remuneração que impossibilita uma mudança de vida, o trabalho superqualificado, intenso e complexo, direcionado para a elite, pode resultar em salários de até 5 milhões de dólares anualmente. Pela primeira vez na história, renda e trabalho se encontram como fatores consequentes.

[...] os ricos de hoje devem grande parte de seus rendimentos ao trabalho, e o trabalho tornou-se o principal caminho para a riqueza. Além disso, as elites conseguem esses empregos tão bem pagos devido a sua altíssima qualificação, obtida por meio de um treinamento rigoroso, e conservam os empregos com trabalho árduo, competitivo e muitíssimo produtivo (MARKOVITS, 2021, p. 39).

Para o autor, essa nova formulação das relações de trabalho impulsiona a repulsa completa aos conceitos de hierarquia aristocrática, incentivando as ideologias meritocráticas como a meritocracia de negação, apresentada por Barbosa (1999), que prevê o alcance dos privilégios sociais e econômicos com a ligação direta à capacidade intelectual, aos esforços e resultados de um indivíduo. Assim, na nova realidade, quem tem mais trabalho, consequentemente tem mais dinheiro e mais poder. “A aristocracia que durante milênios monopolizou a renda e o status deu lugar a uma nova elite formada pelo trabalho” (MARKOVITS, 2021, p. 39).

No entanto, a outra face da meritocracia diz respeito ao seu lado afirmativo. Também explicitada por Barbosa (1999), essa dinâmica meritocrática acontece quando o desempenho pessoal baseado em talentos e habilidades se torna o critério básico para a organização social. Para a autora, é a partir deste momento que a meritocracia deixa de ser consensual devido à ausência de consenso sobre os critérios avaliativos das qualidades individuais de uma pessoa. Barbosa (1999) explica que garantir critérios justos de avaliação desses aspectos é um processo extremamente subjetivo devido às diferentes interpretações pessoais do que é inteligência, ou do que seria um trabalho bem feito.

[...] existem múltiplas interpretações acerca de como avaliar o desempenho, do que realmente entra no seu cômputo, do que sejam talento e esforço, de quais são as origens das desigualdades naturais, da relação entre responsabilidade individual e/ou social e desempenho, da existência de igualdade de oportunidades para todos, da possibilidade concreta de mensuração do desempenho individual etc (BARBOSA, 1999, p. 22).

Nesse sentido, destaca-se a urgência de um debate público acerca da meritocracia que busque elucidar seus pontos fracos, como as subjetividades que estão inseridas no processo que leva uma pessoa ao sucesso, entre elas fatores sociais como classe, nível de escolaridade, gênero, raça, sexualidade e outros precisam ser levados em consideração. Caso o debate meritocrático não seja estabelecido com recortes sociais, a ideologia meritocrática, criada para ser um instrumento de luta contra as injustiças sociais, pode se transformar em critério de exclusão social, em que as pessoas que não alcançam o sucesso, acreditam que merecem o destino que lhes foi escolhido, quando, em grande parte dos casos, os indivíduos que não atingem uma vida bem sucedida são impossibilitados por falta de acesso a políticas públicas de incentivo à igualdade social.

Assim, a meritocracia passa a atuar como uma ferramenta governamental de manutenção da desigualdade, com a justificativa de que políticas públicas para as classes marginalizadas não precisam de investimentos, quando a inteligência e o mérito podem trazer bons resultados, promovendo a manutenção justificada das desigualdades sociais.

### **1.3 O mérito educacional**

Como já observado, a relação da meritocracia é estreitamente conectada com o trabalho e as funções exercidas por um indivíduo na hierarquia ocupacional do seu cargo. Entretanto, para chegar até as posições de mérito, nos cargos descritos por Markovits (2021)

como superqualificados, é preciso apresentar as competências necessárias para a função desejada. Assim, a lógica de contratação passa a valorizar profissionais com alto nível de educação, transformando a questão educacional em um importante aspecto do contexto da meritocracia moderna. “Em todos os setores, o mercado de trabalho fetichiza a qualificação proporcionada pela educação meritocrática” (IDEM, p. 47).

A educação da elite é o pilar mais importante para o desenvolvimento do ideal meritocrático de merecimento. Os estudantes que recebem os mais altos níveis de educação, passam a fazer parte da classe trabalhadora superqualificada, que provoca “transformações no mercado de trabalho que favorece a própria qualificação da elite e, ao mesmo tempo, dominam os novos e lucrativos empregos criados por essa transformação” (MARKOVITS, 2021, p. 48). Surge, então, uma espécie de ciclo vicioso do sucesso, em que as mesmas pessoas têm o acesso à boa educação e, conseqüentemente, aos melhores trabalhos e melhores salários. A problemática está centrada na justificativa de que o sucesso das elites vem apenas do esforço e da inteligência, quando, na realidade concreta, as classes mais baixas não conseguem acesso aos recursos educacionais necessários para atingir resultados tão satisfatórios quanto.

Como demonstram os estudos de Bourdieu e Passeron (1975, p.218) *apud* Borges, Gonzaga, Oliveira e Vieira (2013, p. 319), a meritocracia escolar funciona como uma ferramenta legitimadora de manutenção das hierarquias econômicas e sociais

Não podendo invocar o direito de sangue – que sua classe historicamente recusou à aristocracia – nem os direitos da Natureza, arma outrora dirigida contra a “distinção” nobiliárquica, nem as virtudes ascéticas que permitiam aos empreendedores da primeira geração justificar seu sucesso através de seu mérito, o herdeiro dos privilégios burgueses deve apelar hoje para a certificação escolar que atesta simultaneamente seus dons e seus méritos.

De acordo com Sandel (2021), nos Estados Unidos, mais de dois terços dos estudantes em faculdades Ivy League, que fazem parte do grupo de universidades particulares de maior prestígio acadêmico do país, estão nos 20% no topo da escala de renda. Em Princeton e Yale, por exemplo, existem mais estudantes no 1% do topo do que entre os 60% que estão na base da pirâmide de renda do país. Para o autor, essa realidade comprova que a educação superior não é baseada inteiramente nos conceitos meritocráticos como afirma ser, ou seja, a boa qualificação de um estudante não depende apenas do seu potencial de inteligência e mérito. Para Sandel (IDEM), as elites possuem a capacidade financeira de comprar recursos para o aumento do mérito e da capacidade intelectual dos seus herdeiros, processo que não acontece

com as classes mais baixas. Levando em consideração o sistema de ingresso nas universidades norte-americanas, existem três pilares para aprovação em uma boa instituição: a nota geral do aluno na prova do Scholastic Aptitude Test (SAT), similar ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no Brasil, as cartas de intenção e recomendação e o currículo escolar.

Sandel (IBIDEM) reforça o poder de compra do mérito que a elite pode mobilizar para que seus herdeiros consigam perpetuar o legado por meio das melhores oportunidades educacionais. O autor explica que famílias mais ricas matriculam seus filhos em cursos preparatórios para o SAT, contratam consultores educacionais particulares para ajudar nas candidaturas universitárias e garantem um currículo de projetos extracurriculares com uma amplitude de atividades voltadas para esportes e ações humanitárias. É comum que crianças da elite sejam matriculadas em aulas de dança, música, esportes e programas de caridade e trabalho voluntário.

Com isso, ainda que o sistema seja teoricamente embasado em aceitação do estudante baseada em mérito, por considerar apenas os feitos atingidos de forma individual por um aluno, sem analisar outras características sociais inerentes a ele, fica evidente que as famílias mais ricas podem financiar oportunidades que vão resultar nos melhores feitos individuais para seus filhos devido ao acesso proporcionado pelo dinheiro. Em contrapartida, jovens de baixa renda dependem da educação do sistema público para obter um bom resultado no SAT, enquanto torcem para que a escola em que estudam ofereça um bom programa esportivo e atividades extracurriculares variadas para o enriquecimento do currículo escolar, pois não podem pagar por aulas extras em outras instituições particulares especializadas. Assim, no sentido educacional, o dinheiro consegue comprar o mérito (SANDEL, 2021).

Em um paralelo com a realidade brasileira, as universidades públicas são consideradas os espaços acadêmicos de maior respaldo intelectual. Ainda que sejam gratuitas, para conseguir uma vaga, estudantes de todo o país realizam a mesma prova por meio do Enem. Com objetivo semelhante ao SAT, o sistema de avaliação foi criado para diminuir a desigualdade entre aqueles que disputam a entrada no ensino superior. Assim, com todos os candidatos respondendo às mesmas questões, os melhores, com notas mais altas, teriam direito justo à vaga, sem distinção de raça, gênero, sexualidade ou classe.

No entanto, ainda são os mais ricos que continuam ocupando a maioria das vagas nestas instituições. De acordo com um cruzamento de dados feito em 2003 pelo IBGE na

Síntese de Indicadores Sociais<sup>6</sup>, seis em cada dez estudantes de universidades públicas brasileiras estão na camada mais rica da população. Segundo os dados obtidos, 59,9% dos estudantes de instituições públicas de ensino superior têm renda familiar per capita que os classifica entre os 20% mais ricos da população. Enquanto isso, os 20% mais pobres ocupam apenas 3,4% das vagas.

Ainda que a elaboração de políticas afirmativas de inclusão social, como a lei de cotas (Lei 12.711/2012), tenha democratizado o acesso de grupos oprimidos e marginalizados ao ensino superior nos últimos anos, dados recolhidos com o Mapa do Ensino Superior no Brasil em 2020<sup>7</sup>, divulgado pelo Instituto Semesp, entidade que representa mantenedoras de ensino superior de todo o Brasil, destacam a contínua baixa adesão dos jovens mais pobres ao ensino superior. Para a elaboração do estudo, o instituto utilizou dados do Censo da Educação de 2018, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em 2019, além de outras fontes, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

As informações coletadas, destacam que 44,9% da população brasileira com idade entre 18 e 24 anos faz parte da classe E. No entanto, apenas 24,7% das pessoas da mesma faixa etária e nível de renda estão matriculadas em uma universidade. A pesquisa indica que quanto maior a classe social, maior a condição de cursar o ensino superior. Entre a classe A (renda domiciliar de mais de oito salários mínimos), 61% dos jovens de 18 a 24 frequentam o ensino superior. Em contrapartida, apenas 10,5% dos jovens da classe E (renda domiciliar de até meio salário mínimo) conseguem adentrar uma graduação.

Além disso, ao levar em consideração que a entrada nas instituições públicas de ensino superior acontece por meio do Enem, sistema que avalia os conhecimentos do ensino médio e concede vagas para os estudantes mais bem colocados, o estudo também destacou que três a cada quatro alunos de 18 a 24 anos da classe C que frequentam o ensino superior estão matriculados em uma instituição de ensino superior privada, cuja seleção para distribuição de vagas não é obrigatoriamente realizada por meio do Enem, logo apresentam menor concorrência.

---

<sup>6</sup> Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1306200323.htm> >. Acesso em: 06 de abril de 2023

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://www.semesp.org.br/mapa/educacao-10/> >. Acesso em: 06 de abril de 2023

Esse fato se justifica devido a extrema desigualdade intelectual entre estudantes ricos e pobres no Brasil. Dados da Avaliação da Educação Básica (Saeb) de 2017<sup>8</sup>, destacaram que 7 em cada 10 estudantes concluintes do ensino médio não apresentavam níveis suficientes de compreensão de leitura em português e matemática. O estudo também avaliou o ensino médio público brasileiro, fase preparatória para a prova do Enem, com nível 2 de proficiência em uma escala crescente de 0 a 9. Ainda segundo os critérios da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em uma análise de dados feita pelo Mapa da Aprendizagem, mantido pelo Instituto Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Portal Iede), pela Fundação Lemann e pelo Itaú BBA, e obtida exclusivamente pelo portal G1<sup>9</sup>, o Brasil também é um dos países com maior desigualdade de aprendizagem entre os estudantes considerados ricos e pobres.

Dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa)<sup>10</sup> destacam que o grupo de brasileiros que está entre os 33% dos alunos de todo o mundo com o nível socioeconômico mais alto, teve uma nota média de mais de 100 pontos acima do que os outros 33% dos estudantes que pertencem às classes de nível socioeconômico mais baixo. Os resultados obtidos apontaram a desigualdade brasileira em matemática, entre ricos e pobres, como a quinta maior entre os 80 países avaliados. Além disso, o país também apresentou a terceira maior disparidade em leitura e em ciências.

Para Helal (2007), se os requerimentos educacionais aumentam de acordo com o desenvolvimento socioeconômico da sociedade, as boas qualificações educacionais passam a ser cada vez mais importantes para a garantia de um emprego e para o processo de estratificação social. Esse tipo de abordagem funcionalista, entende a escolaridade como uma ferramenta eficaz e racional de distinção e seleção de talentos, onde o indivíduo mais habilidoso e esforçado alcança as melhores oportunidades.

À medida que a desigualdade e a distância entre rendas aumentavam entre pessoas com e pessoas sem formação universitária, a universidade passou a ter mais importância [...]. Um diploma de universidade de renome passou a ser visto como o principal veículo da mobilidade ascendente, para pessoas que procuram subir, e a mais confiável defesa contra a mobilidade

---

<sup>8</sup> Disponível em: <

<https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/avaliacoes-e-exames-da-educacao-basica/relatorio-saeb-2017>>. Acesso em: 06 de abril de 2023

<sup>9</sup> Disponível em:

<<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/19/desigualdade-entre-alunos-ricos-e-pobres-no-brasil-esta-entre-as-maiores-do-mundo-diz-estudo.ghtml>>. Acesso em: 19 de novembro de 2022

<sup>10</sup> Disponível em:

<[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_basica/relatorio\\_brasil\\_no\\_pisa\\_2018.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf)>. Acesso em: 19 de novembro de 2022

descendente, para as pessoas que esperam permanecer abrigadas na confortável classe (SANDEL, 2021, p. 21 - 22).

Assim, é possível afirmar que os processos de seleção para as universidades acontecem com base em parâmetros que se configuram como justamente desiguais, uma realidade que não se distancia do funcionamento da sociedade distópica de Michael Young em *The Rise Of The Meritocracy*. Nesse sentido, é importante a consciência de que o Estado deve ser o responsável pela promoção de equidade dessa competição de méritos, promovendo a elaboração de políticas públicas que equiparem de forma cada vez mais justa o acesso dos estudantes ao mesmo nível educacional, promovendo, assim, uma verdadeira disputa justa entre intelectos que tiveram acesso às mesmas ferramentas e oportunidades de ensino.

#### **1.4 A trajetória do herói e a armadilha da meritocracia**

Como demonstrado, a meritocracia se organiza como processo ideológico que se desenvolve socialmente no senso comum por meio de um suposto ideal de defesa da liberdade e busca de uma igualdade considerada justa entre as classes, principalmente no acesso aos níveis educacionais de excelência e ao mercado de trabalho qualificado com salários acima da média. Sua popularidade, entretanto, não seria tão grande sem os personagens que sustentam a ideologia meritocrática e reforçam a crença no imaginário social. Se a aristocracia consegue sustentar parte da opinião pública, por mais que pequena, em favor do sistema monárquico ainda durante o século XXI, é devido ao apelo emocional e nostálgico de uma era em que o glamour dos monarcas de grande sucesso entre a população sustentava os alicerces da instituição, como é o caso da realeza britânica.

Não muito diferente deste apelo, a meritocracia segue o mesmo padrão estratégico na conquista da opinião pública, porém conta com outros personagens em suas narrativas de sedução emocional do público. Se para a aristocracia o encantamento da riqueza e dos diversos títulos de nobreza transformavam os reis, rainhas, príncipes e princesas em inspirações e celebridades para o cidadão comum, na oratória meritocrática acontece o inverso: o cidadão comum que atinge o sucesso é aquele que se transforma em um herói e celebridade. Em ambos os casos, a imprensa ocupa um papel importante no reforço dessas narrativas. Ao se tratar da monarquia britânica, uma das mais famosas do mundo, é fácil perceber o padrão de retroalimentação entre os monarcas e os tabloides, principalmente ao analisar o recorte temporal que captura os anos de relacionamento entre a princesa Diana e o atual Rei Charles III. Na época, a conturbada dinâmica do casamento dos futuros herdeiros

ao trono se tornou alvo de grande interesse e alto valor notícia para mídia mundial, que ultrapassava os limites éticos para entregar ao público detalhes íntimos do casal, como a exploração exagerada das revistas britânicas sobre a infidelidade do atual Rei, melodramatizando uma narrativa real em busca de um apelo emocional que fosse capaz de sustentar a estabilidade de audiência.

No entanto, ainda que a união entre mídia e realeza seja amplamente especulada, a monarquia britânica nunca assumiu oficialmente o uso frequente dos tabloides como ferramenta de manutenção da opinião pública a favor dos seus interesses. Em janeiro de 2023, porém, após meses de conflito familiar, o príncipe Harry, filho de Charles e Diana, concedeu diversas entrevistas sobre os bastidores da relação complicada que existia entre ele, seus parentes monarcas e a sua esposa, a atriz norte-americana Meghan Markle. Após meses de perseguição midiática entre os tabloides e Meghan, Harry revelou em entrevista ao jornal britânico *The Telegraph*<sup>11</sup>, que membros de sua família teriam "ido para a cama com o diabo" – em referência à imprensa dos tabloides britânicos – para manipular a opinião pública contra o casal e melhorar suas próprias reputações.

Com as narrativas meritocráticas, o processo de reforço midiático das ideologias defendidas pelo sistema é ainda mais sutil e “dificilmente essas questões implícitas na transformação da ideologia meritocrática em instrumento de organização social são trazidas à consciência das pessoas e, menos ainda, explicitadas e discutidas” (BARBOSA, 1999, p. 22), problemática essa que será abordada com maior profundidade nos capítulos seguintes. Por enquanto, cabe avaliar como é formada a persona que está por trás do que Markovits (2021) chama de a cilada da meritocracia.

Se o sistema de mérito valoriza os bons resultados conquistados por meio do trabalho considerado bem feito, justo e honesto, é preciso que os cases de maior sucesso da meritocracia estejam centrados em pessoas comuns, que não começaram com nenhuma vantagem, mas que tenham esperança em um futuro de sucesso e que conseguem enfrentar com excelência grandes desafios para atingir uma recompensa duradoura e um suposto final feliz. Ou seja, ainda que a elite costume se apropriar da meritocracia para justificar o seu direito ao topo da pirâmide, as histórias meritocráticas mais comoventes e que de fato podem justificar a hipótese de que o sistema é capaz de atuar como uma espécie de ferramenta para a busca da justiça social, são aquelas em que o personagem principal é, geralmente, uma pessoa

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=it0mCtq6u8U>>. Acesso em: 08 de abril de 2023



pobre que se tornou bem sucedida por meio de seguidos esforços. Esse tipo de interpretação de linha narrativa está diretamente relacionada com o arquétipo do Herói.

Em termos psicológicos, o arquétipo do Herói, apresentado por Freud e destrinchado em Vogler (2015), diz respeito à parte da personalidade que se separa da mãe, ultrapassando as fronteiras de ilusões do ego. Nesse caso, ainda que a motivação da história de diversos Heróis seja extremamente conectada ao ego, em alusão ao conceito de ser o escolhido entre tantas outras pessoas, a jornada de muitos Heróis é usualmente ligada ao sentimento de separação da criança da mãe, quando o Herói precisa abandonar seu lugar inicial de convívio para ir em busca de novas aventuras e realizações. “O arquétipo do herói representa a busca pela identidade e totalidade do ego. No processo de nos tornarmos seres humanos completos, integrados, somos todos Heróis enfrentando guardiões, monstros e ajudantes internos” (VOGLER, 2015, p. 68).

Com base nesses preceitos, o mitólogo norte-americano Joseph Campbell, durante o final da década de 1940, foi responsável pela criação de um tipo de estrutura narrativa mítica conhecida como a Jornada do Herói. Anos depois, em 1980, a formatação criada por Campbell foi popularizada entre os roteiristas Hollywoodianos e passou a ser aplicada com frequência na produção de narrativas ficcionais para o cinema. Christopher Vogler, analista de roteiros, foi um dos maiores responsáveis por disseminar a teoria durante seus anos de atuação nos estúdios Disney. Em seu livro “A Jornada do Escritor: estrutura mítica para escritores”, de 2015, ele destaca os aspectos da obra de Campbell e como usá-los na construção de personagens. Segundo Vogler, em toda boa história o herói deve crescer e se transformar, “empreendendo uma jornada de um modo de ser para outro: do desespero à esperança, da fraqueza à força, da tolice à sabedoria [...]” (VOGLER, 2015, p. 45), esse caminho é semelhante à trajetória que costuma ser vangloriada no cenário meritocrático, em que um indivíduo normalmente sai da pobreza e consegue alcançar a riqueza.

Ainda de acordo com Vogler (2015), o arco narrativo de um herói começa com a separação, em alusão ao conceito do arquétipo freudiano, em seguida ele é chamado à aventura para que, a partir deste ponto, uma série de outros fatores se desenvolvam na narrativa. Entre eles, cabe chamar atenção para os momentos de encontro com mentor, travessia do limiar, provas, aliados e inimigos e a recompensa. Ao encontrar um guia, o herói se depara com outro personagem que está disposto a prepará-lo para as batalhas a seguir, esse personagem irá oferecer conselhos, orientações ou ferramentas que ajudem no objetivo final do herói. Em comparação com as narrativas meritocráticas, a função de mentoria recai sobre a educação de qualidade na vida de uma pessoa que almeja alcançar o sucesso.

O velho (a) sábio (a) pode ser um xamã ou um mago verdadeiro, mas também qualquer tipo de Mentor, professor, médico ou terapeuta, “rabugento, mas benigno”, o sargento durão, mas justo, pai ou mãe, avô ou avó, ou seja, uma figura que oriente e ajude (VOGLER, 2015, p. 58).

As etapas seguintes se referem ao momento de batalha, ou, em paralelo meritocrático, ao momento de enfrentar obstáculos, muitas vezes impostos por desigualdades sociais, para conseguir alcançar resultados satisfatórios. Em Vogler (2015), a travessia do limiar acontece quando o herói se compromete com a aventura estabelecida pela história, saindo da zona de conforto, ele aceita enfrentar as consequências e lidar com os desafios propostos. Diretamente depois desta fase, o herói se depara com novos desafios, provas e, no caminho, consegue aliados e inimigos, descobrindo as novas regras da sua jornada.

Nesse aspecto, a quebra do limiar na narrativa meritocrática acontece quando um indivíduo aceita o desejo de mudar de vida por meio dos esforços intelectuais e do trabalho. A partir desse momento, essa pessoa, caso não possua renda suficientemente estável para investir no seu futuro, deve enfrentar diversos desafios propostos pela desigualdade social para tentar atingir o mesmo nível de habilidades que é disponibilizado aos que podem pagar e, dessa forma, adentrar a competição do vestibular para, em seguida, disputar vagas no mercado de trabalho qualificado.

Por fim, é chegada a recompensa, “depois de ter sobrevivido à morte, derrotado o dragão ou massacrado o Minotauro, o herói e o público terão motivos para celebrar. O herói agora toma posse do tesouro que viera buscar” (VOGLER, 2015, p. 54). Esse momento é o ápice da narrativa meritocrática, quando o indivíduo consegue o sucesso apesar de todas as dificuldades enfrentadas. Fica evidente que, como previsto por Vogler (2015), a Trajetória do Herói é um arco narrativo que pode ser estabelecido em diversos formatos de história, até mesmo as reais.

No entanto, vale questionar se os exemplos meritocráticos, que de fato existem, de pessoas que conseguem deixar a miséria por meio dos estudos e do trabalho, apesar das diversas dificuldades impostas, podem de fato corroborar com a comprovação da eficácia da meritocracia como um sistema de ascensão social ou se tratam apenas de casos isolados e desconexos. Para Frank (2017), a resposta desta questão deve levar em consideração não só a determinação de uma pessoa, mas também o quanto essa mesma pessoa teve sorte para obter resultados satisfatórios.

O autor explica que o reconhecimento da importância de acontecimentos triviais e aleatórios na vida de alguém bem sucedido não anula o peso do talento e esforço daquela

pessoa. O resultado do sucesso seria então uma parceria de habilidades e sorte: ser a pessoa certa, no lugar certo, na hora certa.

Nossas instituições nos dizem que aqueles com maior talento e disposição irão quase inevitavelmente prevalecer. Essas instituições são fortemente apoiadas pela observação de que os vencedores em áreas altamente competitivas quase sempre são, na verdade, pessoas altamente motivadas e talentosas [...] Na maioria dos casos, contudo, aqueles que prevalecem não o teriam feito se não tivessem sido também incomumente sortudos (FRANK, 2017, p.77).

Nesse sentido, a noção de que apenas o esforço e a inteligência podem fazer com que alguém ascenda socialmente é totalmente utópica, levando em consideração que, muitas vezes, pessoas extremamente talentosas têm sorte de nascer em um país desenvolvido, por exemplo, ou não conseguem chegar a tempo em uma determinada entrevista de trabalho devido a um atraso no transporte público, ou até mesmo não tiveram a sorte de nascer em uma família mais rica. Todas as condições relacionadas com o azar, elencadas por Frank (2017), estão, em sua grande maioria, ligadas às desigualdades sociais, o que não é o mesmo que dizer que a maioria dos vencedores chegaram ao sucesso apenas por meio da sorte, ou que pessoas que não enfrentam dificuldades sociais não conseguem alcançar bons resultados, mas seria injusto não observar que essas conquistas envolvem muito mais do que apenas inteligência e determinação.

É impossível que uma pessoa possa escolher o ambiente em que vai nascer, no entanto, o Estado pode moldar esses ambientes de formas importantes para melhorar a vida de todos. Para isso, é necessário níveis intencões de investimentos, porém, para Frank (2017), a relutância em levar em consideração a importância dos fatores externos como a sorte, tem estabelecido nas pessoas bem-sucedidas uma aversão à contribuição no pagamento de impostos para apoiar os investimentos necessários para criar e manter um bom ambiente para todos. Assim, sociedades que reforçam a meritocracia são conseqüentemente cruéis e desmoralizantes com as classes mais pobres, quando Frank compara a realidade meritocrática com a feudal, por exemplo, ele destaca que as classes feudais mais baixas sabiam que não tinham total responsabilidade por sua posição de subordinação e não trabalhavam acreditando que seus superiores tinham mais terras por serem objetivamente mais talentosos, sabendo que tudo era apenas uma questão de sorte e variáveis na vida, não de merecimento.

Ao estar na base de uma sociedade meritocrática, entretanto, seria difícil resistir ao pensamento de que as desvantagens não são, em parte, resultado das ações individuais. “Uma

sociedade que permite às pessoas ascender, e que honra a ascensão, apresenta um veredicto duro sobre aquelas que não conseguem fazer isso” (FRANK, 2017, p. 173).

Essa realidade desigual que culpabiliza o cidadão e exime o Estado de responsabilidade comprova que a meritocracia estruturou um mundo em que a desigualdade parece justa e, até mesmo, necessária. Para Sandel (2021), é a tirania de falta de alternativas que torna difícil fugir da armadilha meritocrática. Assim, a meritocracia surge como uma suposta ferramenta para desvencilhar uma burguesia dos critérios de ascensão social estabelecidos pela aristocracia mas acaba caindo nas mesmas trajetórias de opressão do sistema que supostamente procura rejeitar.

A meritocracia, como a aristocracia, isola totalmente uma casta de elite do restante da sociedade e permite que essa casta transmita seus privilégios às gerações seguintes. A educação meritocrática favorece estudantes ricos; os empregos brilhantes favorecem trabalhadores instruídos; e as retroalimentações entre qualificação e trabalho garantem que essas duas formas de privilégio se apoiem mutuamente e cresçam. A característica dinástica - que funciona tanto no âmbito de cada família quanto no de casta de elite - é o segredo para entender em que ponto a meritocracia é disfuncional (MARKOVITS, 2021, p. 320).

Ainda que a meritocracia não ofereça alicerces tão sólidos para a garantia do privilégio dinástico como na aristocracia, visto que não basta apenas o poder divino e o nascimento na família certa para perpetuar o legado, as elites investem caro e trabalham duro para continuar o ciclo meritocrático, o que, entretanto, para Markovits (2021), não torna a desigualdade meritocrática menos hierárquica:

A mudança da dinastia aristocrática para a meritocrática não reflete tanto uma rejeição da hierarquia social quanto uma adaptação ou correção amigável para preservar a hierarquia em face das mudanças econômicas e sociais que tornaram a ordem aristocrática insustentável (IDEM, p. 321).

A desigualdade “justa” elaborada pela meritocracia sempre será errada devido ao próprio sistema meritocrático, já que o que se perpetua como conceito de mérito é, na verdade, um sistema de ideais elaborado para tornar aceitável a distribuição injusta de privilégio. A meritocracia é apenas uma nova versão, mais psicologicamente e estruturalmente agressiva, do que foi a oligarquia (MARKOVITS, 2021). É preciso que a maneira como a sociedade enxerga os indivíduos bem-sucedidos seja repensada, questionando se aqueles que chegaram até o topo, o fizeram por conta própria.

## 2. JORNALISMO

### 2.1 O jornalista como o roteirista da sua própria narrativa

Antes mesmo de adquirir a habilidade cognitiva da produção de sons em forma de palavras e frases coesas, o homem já se comunicava: pinturas, símbolos, gestos e outras maneiras de representar desejos, interjeições ou, até mesmo, de formular histórias, pertenciam ao arcabouço comunicacional dos antepassados biológicos que povoaram a terra em períodos anteriores ao *Homo sapiens* e ao desenvolvimento funcional da fala. No mesmo parâmetro, foi também antes mesmo de ter recursos para desbravar ambientes inexplorados ou desenvolver respostas para indagações que hoje são consideradas de cunho científico, que o homem começou a questionar e formular hipóteses para justificar o desconhecido.

Para Felipe Pena (2021), esses dois ímpetus configuram características codependentes da humanidade, que se desenvolveu sob a constante sensação de ameaça do desconhecido junto ao impulso sobrevivencialista de controle do caos, com objetivo de inferir respostas para os mais diversos questionamentos em função de evitar a vulnerabilidade provocada pela obscuridade dos fatos.

Tentamos ter o dom da ubiquidade através da alteridade, pois a ilusão da onipresença é construída pelas informações produzidas pelo outro. Já que não podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo, queremos, pelo menos, acreditar que sabemos o que acontece nos mais longínquos rincões do universo, e, para isso, mandamos correspondentes, relatores ou alguma tecnologia que possa substituir o relato do homem. Pois a simples perspectiva de não ter a menor ideia do que se passa ao nosso redor, seja qual for o perímetro, nos dá um frio na barriga e aterroriza o nosso imaginário (PENA, 2021, p. 22-23).

É justamente no medo do desconhecido que também está o cerne da natureza da função jornalística na sociedade, já que a produção de conhecimento por si só não tem capacidade individual de alcance de toda uma população, cabe ao jornalista selecionar as melhores histórias, com os aprendizados considerados de maior importância e repassar a informação ao público geral de forma democrática, direta e compreensível, seguindo os parâmetros éticos da profissão. No entanto, se o jornalista é a figura responsável por buscar a informação, também cabe a ele duas grandes responsabilidades: definir quais experiências são valiosas o suficiente para se tornarem notícia e como a compreensão dos fatos será repassada para a audiência.

Para isso, grande parte do público receptor dessas informações espera e acredita que a figura do jornalista funcione como um reflexo objetivo da realidade, representando com precisão as narrativas publicadas, garantindo, dessa forma, a sensação de onipresença e ubiquidade, relatada por Pena (2021). Para seguir esses padrões, em 1920, Walter Lippmann, jornalista e comentarista político estadunidense, passou a defender uma produção jornalística pautada no testemunho totalmente objetivo do repórter para com o fato apresentado ao público. Para isso, Lippmann argumentou que as notícias repassadas aos receptores deveriam incentivar a formação individual de opinião por meio de uma estrutura desapaixonada, sem preconceitos, imparcial, isenta de sentimentalismos e fiel à realidade (KUNCZIK, 2001).

No entanto, ainda que possam ser estabelecidos bons parâmetros práticos para o alcance da representação objetiva de uma realidade, como destrinchou Walter La Roche na oitava edição de *Introdução ao Jornalismo prático* (1984), o autor se opõe o fato de que seria possível estabelecer uma espécie de “objetividade interna”, descrita como o processo de escolha dos fatos por parte do repórter e da triagem e encadeamento das notícias, feitas pelo editor ou redator (IDEM). Essa objetividade interna, está diretamente ligada aos múltiplos fatores que podem ser decididos por indivíduos diferentes, o que significa que cada profissional terá uma resolução distinta do que inserir na notícia ou de como produzi-la, de acordo com suas crenças pessoais, sendo impossível dissociar-se por completo do trabalho produzido para atingir a perfeita representação da realidade sem nenhuma interferência interna seja pessoal ou empresarial, ao seguir as crenças e ideologias da empresa para quem trabalha, por exemplo.

A objetividade se limita no momento em que entram em jogo as crenças daqueles que experimentam alguma coisa. A “objetividade interior” não é factível. Esse dilema deve ser reconhecido como tal, derivando-se daí um ceticismo crítico. Só se pode lutar por uma objetividade que jamais se consegue por completo (IBIDEM, p. 232).

Além da impossibilidade da objetividade, a construção da realidade feita pelos jornalistas também pode ser influenciada por outros conceitos editoriais de seleção de notícias, que definem quais os critérios um acontecimento deve ter para que se transforme em uma notícia publicada. Para Michael Kunczik (2001), os processos utilizados no jornalismo para a seleção do que deve ser considerado notícia e, por conseguinte, daquilo que é repassado para a sociedade, se caracterizam como valores subjetivos, responsáveis por determinar a relevância de um acontecimento, incluindo todo e qualquer fato que tenha potencial para agir no processo de produção de notícia. Uma informação que é escolhida para

ser publicada possui o que é conhecido como valor de notícia. Esse conceito, entretanto, está fadado à constante mudança, devido a fluidez do desenvolvimento da esfera informativa com o passar dos anos e da redefinição do que significa um valor de notícia, normalmente subjugado aos desejos da audiência ou da empresa responsável pela produção jornalística. Nesse sentido, a linha editorial de um determinado veículo, seu posicionamento político e seu público também podem atuar como fatores determinantes para que os jornalistas atuantes em determinados conglomerados midiáticos tenham diferentes percepções sobre o que deve ser considerado relevante ou não.

Assim, a partir do momento em que a notícia é selecionada para publicação, independentemente do tipo do formato em que será veiculada, seja impresso, televisivo, radiofônico ou digital, o jornalista sempre trabalha, primordialmente, com a elaboração de um texto para que, em seguida, a reportagem seja desenvolvida no formato desejado. Nesse aspecto, dentro do texto jornalístico, o repórter assume a função de tecer sua própria narrativa, mesmo que ainda precise trabalhar com fatos e relatos reais, a maneira com que ele apresenta os dados que foram apurados sobre uma determinada situação pode ser feita formas diferentes, de acordo com percepções individuais ou editoriais, contanto que os padrões de respeito da ética e estética jornalística sejam observados.

A análise individual de seleção e montagem do conteúdo que deve ser publicado nos noticiários, de acordo com critérios pessoais ou editoriais, é também conhecida como *Frame Analysis* ou Teoria do Enquadramento. A tese foi elaborada inicialmente por Erving Goffman em 1972, ao abordar fatores que organizam e orientam os marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem a significação dos acontecimentos e situações sociais, destacando o envolvimento dos sujeitos com determinados eventos ao elaborarem enquadramentos sobre a percepção de diversas realidades sociais em seus ciclos de vida.

Junto aos trabalhos de Goffman, também é necessário creditar o antropólogo e epistemólogo da comunicação anglo-americano Gregory Bateson, responsável por implementar o conceito do frame nas ciências sociais e humanas em *A Theory of Play and Fantasy* (1954; 1972), onde ele destaca que enquadrar algo seria o mesmo que delimitar um conjunto de mensagens que ganham sentido na situação partilhada pelos interlocutores (GONÇALVES, 2011). Tempos depois, o conceito foi aplicado aos estudos de Jornalismo por Gaye Tuchman (1978) e Todd Gitlin (1980) para tentar entender a forma como as notícias são apresentadas pelos jornalistas ao público, buscando destacar a partir de quais referências são elaboradas as narrativas midiáticas.

Para Tuchman (1978), as notícias são responsáveis por uma quebra artificial na realidade, transformando os conhecimentos públicos em partes fragmentadas de acontecimentos da dinâmica social. Assim, as notícias funcionam como uma espécie de moldura, delimitando o que pode ser visto apenas dentro de um ponto de vista específico. Tuchman (1983, p. 207) *apud* Franciscato e Góes (2012 p. 298) também afirma que “(...) o enquadramento das notícias organiza a realidade cotidiana e (...) é parte importante da realidade porque o caráter público da notícia é uma característica essencial da notícia”.

Já Gitlin (1980, p. 6-7) *apud* Gonçalves (2011, p. 160) destaca que os enquadramentos atuam como princípios de seleção, ênfase, e de apresentação de uma informação compostos por partes do que existe, o que acontece e do que é relevante.

Com essa ótica, é perceptível que o jornalista tem a capacidade de enquadrar suas publicações, fomentando narrativas que possam distorcer a totalidade dos fatos, resultando em realidades parciais de um momento ou a minimização de fatores importantes de uma notícia em detrimento de outros conceitos considerados, de maneira individual, mais relevantes para a história.

## **2.2 Além do factual**

Outro aspecto que atua de forma decisiva no modelo de uma produção jornalística está relacionado com o tipo de gênero em qual um produto jornalístico se encaixa. A prática de definir textos em gêneros existe desde muito antes do jornalismo moderno e foi amplamente difundida na Grécia Antiga com a classificação elaborada por Platão, baseada nas relações existentes entre literatura e realidade para dividir o discurso em três categorias: mimético, expositivo ou misto. Foi com esse movimento inicial que os estudos dos gêneros passaram a ser identificados como o agrupamento de obras que seguem o mesmo padrão estético ou as mesmas normas de relações entre autor, obra e leitor (PENA, 2021).

Na gramática e língua portuguesa, o conceito de gênero funciona como um termo que abarca desde classificações biológicas da espécie humana até os objetos comunicacionais. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999, p. 980) *apud* Assis e Melo (2016, p. 43) define três significados para o termo: estrutura, forma e conteúdo. Nesse sentido, a terceira definição faz menção à classe ou à categoria de assunto abordado ou da técnica utilizada.

Seguindo os conceitos de Mikhail Bakhtin (1986), na literatura das ciências da Comunicação os gêneros funcionam como “tipos relativamente estáveis de expressões linguísticas desenvolvidas em situações comunicacionais específicas, que se refletem na



forma, no conteúdo e na estrutura” (BAKHTIN *apud* ASSIS; MELO, 2016, p. 43). No jornalismo, a primeira tentativa de divisão e classificação dos conteúdos publicados foi feita pelo editor inglês Sam Buckley ainda no início do século XVIII, com objetivo de separar as publicações do jornal *Daily Courant* entre notícias e comentários. No entanto, a dificuldade para configurar textos jornalísticos dentro de critérios semelhantes que os unificasse em uma categoria específica foi tanta que os feitos de Buckley levaram cerca de duzentos anos para serem efetivamente aplicados por jornalistas, destacando os contínuos desentendimentos entre estudiosos e profissionais da área quanto a um possível acordo que estabeleça a classificação correta dos gêneros jornalísticos (PENA, 2021).

Ainda que o debate sobre os gêneros jornalísticos seja alvo de constantes discussões, a maioria dos autores e jornalistas passaram a assumir a dicotomia da classificação de gêneros entre informativos e opinativos, o que para Pena (2021) incentivou a divisão dos temas com a relação que o próprio texto tem com a realidade apresentada, corroborando para uma classificação que partisse do ponto de vista da intenção do autor no momento da produção do texto. “Por essa classificação, ele (o autor) realiza uma função, que pode ser opinar, informar, interpretar ou entreter” (PENA, 2021, p. 67). Dessa forma, é possível interpretar os gêneros jornalísticos como:

A classe de unidades da Comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (aqui referidos como mídia), potencialmente habilitados para atingir audiências anônimas, vastas e dispersas (MELO, 2016, p. 49).

No Brasil, Luiz Beltrão e José Marques de Melo são os pioneiros nos estudos sobre gêneros jornalísticos. Para Melo *apud* Pena (2021), as propostas de separação dos gêneros jornalísticos foram baseadas nos critérios de:

1. finalidade do texto ou disposição psicológica do autor, ou ainda intencionalidade; 2. estilo; 3. modos de escrita, ou morfologia, ou natureza estrutural; 4. natureza do tema e topicalidade; e 5. articulações interculturais (cultura)” (p. 67).

Após realizar algumas alterações nos preceitos já desenvolvidos por Luiz Beltrão, Melo elaborou sua própria sistematização em que os gêneros jornalísticos, seguindo a dicotomia entre informação e opinião de Sam Buckley, deveriam ser classificados em: nota, notícia, reportagem e entrevista para o jornalismo informativo; e editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta para o jornalismo opinativo (PENA, 2021).

Quanto às categorias informativas, Melo (2003) destacou a diferença entre a notícia e a reportagem, sendo a notícia representada por fato que acabou de acontecer, de caráter factual, tratando de acontecimentos do cotidiano que precisam ser relatados em tempo real e com agilidade, enquanto a reportagem se encarrega de transmitir um relato ampliado de um evento que já aconteceu, como “uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos” (LAGE, 2001, p. 83) . Ou seja, a notícia está diretamente relacionada com a produção do jornalismo em formatos que priorizam o factual, normalmente preterida em telejornais diários de reprodução local, portais digitais de jornais e nas transmissões de rádio ao vivo, a “notícia é o relato mais curto de um fato. Reportagem é o relato mais circunstanciado” (NOBLAT, 2004, p. 130). Por isso, pode-se considerar que a reportagem é o desenvolvimento aprofundado daquilo que provavelmente já foi superficialmente abordado por uma notícia e que, preferencialmente, ganha destaque em revistas semanais, jornais impressos, programas de rádio ou podcast gravados e programas televisivos no formato de revista eletrônica ou telejornais de alcance nacional.

Esses fatores, no entanto, não impedem que a reportagem ou a notícia sejam veiculadas em outros tipos de suporte, como por exemplo, reportagens especiais exibidas em jornais locais ou uma notícia importante e urgente relatada em uma revista eletrônica televisiva. Contudo, é importante destacar que “os gêneros refletem aquilo que os cidadãos querem e precisam saber/conhecer/acompanhar, porque justamente nos gêneros esse público encontra respaldo para suas ações cotidianas ou, mesmo, para o exercício da cidadania” (MELO, 2016, p. 49-50).

Para Nilson Lage (1998), a reportagem se diferencia da notícia a partir da pauta. “Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados. [...] Reportagens pressupõem outro nível de planejamento” (LAGE, 1998, p. 47). Assim, ao levar em consideração que ao consumir uma reportagem, a audiência espera um produto que ofereça profundidade de informações, com amplitude dos fatos em uma pauta mais complexa, apontando causas, contextos, consequências e fontes variadas, é necessário o cuidado na produção de reportagens, para evitar a superficialidade e a objetividade acrítica que podem ser inferidas, direta ou indiretamente, devido às pressões editoriais ideológicas da empresa ou ainda questões de produção com foco em limites de caracteres, ou de tempo, no caso da televisão e do rádio.

Nesse sentido, reportagens superficiais, que descaracterizam o gênero, arriscam não cumprir o papel informativo completo ao não fornecer todas as nuances necessárias para a

compreensão de uma pauta, o que pode desencadear confusão no público que recebe o enquadramento do assunto de forma rasa, resultando em possíveis consequências sociopolíticas em relação aos debates em torno do tema que foi abordado da reportagem. Por exemplo, uma notícia sobre um caso de racismo dentro de uma universidade de medicina tem a liberdade de explorar o fato de maneira individual, reportando o motivo e local do ocorrido, junto às consequências superficiais do momento, como as possíveis denúncias, processos ou prisões pelo crime cometido.

Entretanto, se uma reportagem sobre casos de racismo em universidades de medicina do Brasil aborda a temática de maneira superficial, sem explorar o baixo percentual de alunos negros nos cursos de medicina do país, em conjunto com análises sobre as raízes do racismo estrutural na sociedade, com foco na ausência do Estado na promoção de políticas públicas de inclusão e no cumprimento rígido das leis antidiscriminatórias, é esperado que o público receptor daquelas informações também não reflita sobre a profundidade do problema. Sem a pressão da mídia, o desenvolvimento de uma comoção social que cobre ações do Estado fica mais difícil e alcança menos pessoas, resultando em uma possível isenção do governo para com o desenvolvimento de soluções, geralmente em forma de leis e políticas públicas, que ajudem a causa em destaque.

Ainda com base no processo de divisão de gêneros, as reportagens também podem ser subdivididas em categorias de acordo com o objetivo geral da pauta, Nilson Lage (1998) estabeleceu, nesse sentido, três gêneros possíveis para as reportagens: investigativa, interpretativa e novo jornalismo. Entre essas, as reportagens com eixo central no “novo jornalismo” serão o tema de investigação neste momento. Para Lage (1998), esse tipo de produção faz uso de técnicas literárias para construir situações e episódios que explorem a práxis humana, ou seja, são reportagens com narrativas de enquadramento no interesse humano revelando o evento por meio de um ângulo social.

A técnica do “novo jornalismo” surge a partir da interação entre o jornalismo convencional e o literário, com destaque para os movimentos que eram desenvolvidos no mercado americano. Foi a partir da década de 1960, incentivados pelas diversas revoluções na história da humanidade, que muitos jornalistas norte-americanos tiveram o impulso de retomar a força do jornalismo literário para revitalizar suas produções, originando o “novo jornalismo” e transformando a prática em uma corrente que abrange recursos além das técnicas tradicionais, na tentativa de retratar a realidade de forma fiel (MARTINEZ, 2022). Para isso, as histórias que retratam narrativas sobre vivências de indivíduos ou grupos sociais

começaram a ser preteridas na produção de material jornalístico, atuando como uma espécie de tela em branco para o desenvolvimento dessas novas técnicas de criação.

Hughes (1940) *apud* Franciscato e Góes (2012) identificou o surgimento das histórias de interesse humano ainda na segunda metade do século XIX, também com foco na produção estadunidense. Para a autora, esse tipo de narrativa busca dar ênfase às notícias cotidianas, sobre a vida na cidade, emoções humanas e perigos da convivência urbana. O destaque dessas produções incentivou o desenvolvimento de empresas jornalísticas voltadas para as classes mais baixas e pouco escolarizadas. Nesse novo estilo de produção, os tópicos tradicionais das notícias, como política e economia, eram mesclados com narrativas de interesse humano, promovendo uma aproximação do público com o assunto abordado em busca de maior identificação da empresa jornalística com sua audiência.

No jornalismo moderno brasileiro, a prática de técnicas literárias para provocar a conexão do público com assuntos mais complexos é defendida pela autora Monica Martinez (2022), em sua obra “Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo”. Para Martinez (2022), técnicas do jornalismo literário, aliadas às estratégias de aplicação jornalística do conceito da Jornada do Herói de Joseph Campbell, resultam na produção de textos mais sofisticados, com recursos que aproximam a audiência da pauta, auxiliando na “produção de relatos envolventes, que satisfaçam tanto os autores de narrativas, pela qualidade, quanto aos leitores, pela profundidade e fruição do texto” (IDEM, p. 22).

As técnicas do jornalismo convencional são adequadas para a produção de material para mídias informativas, como os diários impressos e os *sites* eletrônicos. No entanto, há casos em que são necessárias ferramentas mais sofisticadas para a realização de textos, como os produzidos para revistas mensais e, principalmente, livros-reportagem. Nesse campo, nota-se a influência crescente da escola do jornalismo literário, que oferece maior abrangência de recursos para a captação e redação de reportagens (IBIDEM, p. 21).

No Brasil, a autora destaca o trabalho de Euclides da Cunha, em *Os Sertões* (1902), que traz relatos sobre a cobertura realizada como correspondente do jornal *O Estado de S.Paulo* durante a Guerra de Canudos. Martinez (2022), defende que os preceitos estabelecidos por Campbell com a Jornada do Herói podem ser bem aplicados com efeito de enriquecimento nas narrativas de biografia humana, tópico em constância dentro do novo jornalismo, elaborando novos métodos para a construção de reportagens que entrelaçam

assuntos com alto valor de noticiabilidade e histórias de vida dos personagens envolvidos na temática abordada.

(...) As técnicas que (o Jornalismo Literário Avançado) utiliza, como herança intelectual do jornalismo literário, são principalmente a observação participante, a construção cena-a-cena, os símbolos de status de vida, o fluxo de consciência, o diálogo significativo, o ponto de vista autobiográfico e os pontos de vista múltiplos. Na tarefa de edição, também emprega a construção cinematográfica. Entre os recursos novos, desenvolvidos essencialmente para sua prática, encontram-se a Escrita Total, a História de Vida e a Jornada do Herói (BARROS, 2000, p. 41-41 *apud* MARTINEZ, 2022, p. 23).

O objetivo da prática seria, então, garantir a humanização da comunicação. Se a reportagem é um gênero que surge para fugir do factual e da fria objetividade simplista da notícia, buscando envolver e seduzir o receptor com uso da criatividade, Martinez (2022) sugere que o trabalho jornalístico seja pensado para além do factual, com foco nos seres humanos que receberão as informações, para atingir um público que “a cada dia está mais perplexo diante de um novo mundo, globalizado e sistêmico” (IDEM, p. 34).

A proposta, entretanto, não é fácil, ao levar em consideração a facilidade com que as narrativas que buscam a sensibilização da audiência podem acabar transformadas em um espetáculo sensacionalista, onde a humanização e aproximação com o público fica em segundo plano, dando abertura para a espetacularização da história de um indivíduo em situação vulnerável em prol do alcance da audiência ou da defesa de alguma agenda ideológica do veículo.

O uso de práticas literárias e cinematográficas para promover originalidade e humanização das pautas transita em uma linha tênue entre a sensibilização que aproxima a pauta do público e o risco da espetacularização do sofrimento dos indivíduos retratados na reportagem, como descreve o escritor Alceu Amoroso Lima:

Tirar o essencial do acidental, o permanente do corrente é que o distingue (o jornalista) do simples noticiário. Fazer da informação um gênero literário é o sinal do bom jornalista. Fazer do gênero literário, como o jornalismo, uma simples informação, é o sinal de um mau jornalista (LIMA *apud* MARTINEZ, 2022, p. 36).

Pode-se assumir, portanto, que o jornalismo que busca explorar a dramaticidade das situações caminha entre o risco da elaboração de uma produção espetacularizada, que abandone os limites éticos em favor de uma maior identificação com o público por meio da melodramatização das histórias retratadas.

### 2.3 A mecânica e a história do telejornalismo brasileiro

Com objetivo de centralizar o corpo da discussão no meio midiático que será explorado durante a fase de análise deste trabalho, cabe agora entender o processo do desenvolvimento do telejornalismo brasileiro, para que seja possível compreender os desdobramentos que contribuíram para a solidificação histórica da televisão e dos telejornais na sua jornada de transformação em ferramentas de grande alcance do público receptor da informação, obtendo um dos maiores potenciais de identificação com seus interlocutores.

Assis Chateaubriand foi o responsável por inaugurar a televisão brasileira com a *TV Tupi-Difusora*, que foi oficialmente ao ar no dia 18 de setembro de 1950, desafiando o poder da popularidade do rádio, estabelecido na época como o meio de comunicação mais famoso entre o público brasileiro. Divulgada como o “cinema a domicílio”, desde o princípio de sua chegada no país a TV brasileira usou como estratégia publicitária o apelo da identificação com o público, da aproximação dos vínculos entre as histórias relatadas e os seus interlocutores. Chamar a televisão de “cinema a domicílio” não foi apenas uma boa frase para atrair atenção dos futuros telespectadores, mas também um prelúdio do que viria a ser a rotina de produção telejornalística no país (MATTOS, 2010, p. 23).

Foi apenas um ano depois da primeira transmissão oficial que a indústria nacional passou a fabricar televisores. Em 1952, aparelhos da marca Invictus começaram a ser produzidos em larga escala para facilitar o desenvolvimento da televisão no Brasil e desenvolver o estreitamento da conexão com o público, que agora poderia assistir TV em casa com mais facilidade. Antes disso, o “jeitinho brasileiro”, como destaca Mattos (2010), deu conta de levar as transmissões até a parte da população que não tinha acesso aos aparelhos, o autor explica que, sem produção nacional, os preços de importação dos produtos eram inacessíveis para a maioria dos cidadãos. Assim, na estreia da televisão no Brasil, Chateaubriand deu ordens para que televisores contrabandeados fossem instalados em lojas, bares e nos saguões dos Diários Associados (MATTOS, 2010).

O que havia começado como um pioneirismo de uma única emissora se difundiu com rapidez pelo país: durante o final da década de 50, dez emissoras televisivas já operavam no Brasil. No fim dos anos 60, a *TV Globo*, inaugurada em 26 de abril de 1965, já havia se consolidado com uma audiência numerosa, conquistada graças a formulação de uma programação voltada para as classes sociais mais baixas da população. O grupo “manteve essa política até 1973, consistindo sua programação então em telenovelas, programas de

auditório e filmes importados dos Estados Unidos, que eram mais baratos que os produzidos no Brasil” (MATTOS, 2010, p. 33).

Com o apelo às camadas mais populares da sociedade nas programações e a redução dos custos de produção que desencadearam a conseqüente queda no preço de venda dos aparelhos televisivos, entre 1994 e 2004, as famílias brasileiras adquiriram mais de 40 milhões televisores, número que ultrapassa o de vendas de aparelhos de TV desde o início das transmissões na década de 1950 até a implementação do Plano Real. A televisão estava 100% presente nas casas de classe média e alta, 96% nas residências da classe emergente e 87% nas famílias de classe baixa (GADRET; PORCELLO, 2010).

Quanto a produção jornalística, em 1952, seguindo o crescimento da acessibilidade dos aparelhos, estreou o Repórter Esso, consolidado como um dos mais famosos telejornais da história da TV brasileira. Como explica Mattos (2010), o programa era uma adaptação da *Tupi Rio* de um famoso radiojornal transmitido pela *United Press International* (UPI). O telejornal contava com um apresentador exclusivo e o patrocínio de uma única empresa, que financiava as notícias relatadas, produzidas e controladas por uma agência de publicidade com poder para interferir no programa. O telejornal chegou ao fim em 1970, momento em que as empresas patrocinadoras deixaram de financiar programas de maneira individual para comprar espaços nos intervalos da programação.

Nesse sentido, o telejornal sempre fez parte da programação da televisão brasileira e cumpre a função de uma determinação legal que obriga emissoras brasileiras a destinar cinco por cento do horário de suas grades de programação diária para o serviço de notícias (CURADO, 2002). Em termos práticos, Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (2010) descreve o telejornalismo como a adaptação do fazer jornalístico para o meio televisivo, o que implica na manutenção dos princípios éticos e morais da profissão ao lidar com a construção e divulgação das notícias de forma factual e simples. “O telejornalismo é a prática de coletar informações sobre eventos atuais, redigir, editar e publicar estas informações de forma adaptada aos limites da televisão” (TEMER, 2010, p. 102).

Como um meio de transmissão que une som e imagem, a televisão realiza uma maneira singular de comunicar informações. Ainda que os mesmos preceitos éticos sejam compartilhados com todos os outros meios de transmissão de informação, na TV as normas de comunicabilidade diferem daquelas aplicadas aos jornalistas que trabalham escrevendo para jornais ou revistas, por exemplo. Isso porque, o público não tem a chance de receber os fatos por uma segunda vez, como acontece ao ler uma notícia e, após não entender, fazer uma segunda leitura para uma melhor compreensão (CURADO, 2002).

Por trabalhar com a instantaneidade, a televisão faz com que o telespectador assimile o conteúdo da informação no momento imediato em que a recebe, sem a possibilidade de interrupção ou repetição daquilo que não foi compreendido. Por isso, a regra mais importante da produção do jornalismo televisivo é a clareza.

A notícia dada pela TV não pode confundir quem escuta. Seja em razão de um texto mal escrito, seja pelo uso de palavras inadequadas, seja por causa de uma narrativa com fio condutor ambíguo. A notícia não deve levar o telespectador a parar por alguns momentos para refletir, tentando compreender o que acaba de ouvir (IDEM, p. 20).

Olga Curado (2002), ainda defende que não cabe ao jornalista transformar o texto televisivo em algo lúdico, com produção de efeitos que busquem promover uma misticidade ao texto. A autora ressalta que, no texto jornalístico, a apresentação direta da notícia é de extrema importância, visto que “o público não tem tempo para decifrar charadas e se deleitar - ou não - com os estilos de escrita de redatores de televisão” (IDEM, p. 20). Para isso, é preciso que a notícia apresentada não deixe dúvidas quanto ao seu significado, evitando o incentivo de debates dúbios sobre o assunto que foi abordado pelo jornalista.

Levando em consideração que entre os objetivos deste trabalho será preciso realizar investigações acerca de reportagens telejornalísticas, é importante ainda explorar as nuances da produção do gênero neste tipo de veículo. Na televisão, existe uma diversa gama de programas jornalísticos, cada um servindo a um diferente propósito, além do telejornal, também é possível encontrar revistas eletrônicas digitais, programas de entretenimento e outros formatos que também ancoram a veiculação de uma reportagem. Por isso, o estilo do programa colabora na construção do formato da reportagem televisiva, que, independentemente de valores estéticos e estilísticos, deve sempre relatar o fato preservando a clareza das informações.

Para isso, Curado (2002) destaca a importância do cuidado que deve recair sob a reportagem televisiva para que o resultado final não se transforme em um momento de exibicionismo de tecnologias e recursos visuais. A autora explica sobre o fenômeno das longas reportagens, exibidas em programas jornalísticos com uma “certa vocação envergonhada para o entretenimento” (p. 96), que se sustentam por um tripé de: tensão, plasticidade e atualidade. Aqui, será chamada a atenção para o fenômeno da tensão, que objetiva reter a atenção do espectador, usando recursos considerados chocantes ou emocionalmente apelativos para que o público não troque de canal, como acontece nas telenovelas.



As notícias são ordenadas e narradas para causar impacto e ao mesmo tempo distrair o telespectador, em um modelo que repete a fragmentação da televisão. Os assuntos se sucedem sem ordem aparente e, embora os temas possam ter continuidade, mas cada matéria é tratada como uma unidade e valorizada em função das cenas e das informações novas (TEMER, 2010, p. 113).

Por ser um meio de comunicação que possui diversos recursos com capacidade alta de influência da realidade e por atingir o público de uma maneira tão íntima, a união das características de produção, junto com a popularidade da televisão, chamam a atenção da responsabilidade social e política que abarca o telejornalismo. Para Temer (2010), a falta de acesso à educação formal e o reforço das tradições de incentivo à cultura oral, contribuem para uma relação afeiçoada entre o público e a televisão, o que coloca o telejornalismo na condição de “uma importante - em alguns casos, a única - via de acesso às notícias para grande parte da população” (TEMER, 2010, p. 109), fator que também destaca o processo de credibilidade da televisão, por ser o veículo com capacidade de atingir a maior e mais diversa quantidade pessoas, os conteúdos telejornalísticos também têm mais facilidade em adquirir a confiança do público.

No entanto, Temer (2010) ressalta que a visão estratégica de produção do telejornalismo, guiada pelas emissoras brasileiras, na maioria das vezes se opõe ao objetivo social e informativo da profissão. Nesse sistema de sedução do telespectador em troca da notícia, que é ancorado no uso de som, imagem e narrativa, a audiência é conquistada pelo sentimento de onipresença da televisão, por ser um aparelho que está presente na sala de casa, com proximidade e, na maioria das vezes, ligado por diversas horas, mesmo que ninguém esteja assistindo.

Assim, cria-se a sensação de que alguém (o repórter) está sempre conversando diretamente com o telespectador, o que, para Temer (2010), proporciona o rompimento da unilateralidade comunicacional e abre espaço para a noção de diálogo e contato direto com o narrador da notícia. Esse vínculo reforça a credibilidade do jornalista que repassa a informação, já que o telespectador tende a acreditar mais em figuras que já conhece e que aparecem diariamente na sua televisão, desinibindo o processo de avaliação individual e crítica do conteúdo que recebe. No mesmo sentido, o receptor das mensagens também passa a ser seduzido com mais facilidade pelo apelo emocional inserido nas notícias televisivas, como é comum no meio.

Assim, na mesma medida que a televisão é capaz de incentivar e democratizar a circulação de informações, atraindo diversos públicos, o seu comprometimento com a

qualidade da notícia é questionável, partindo do ponto de vista que o veículo construiu uma linguagem própria por meio do “imediatismo e da sedução da imagem” (TEMER, 2010, p. 108). Em correspondência a esse desenvolvimento, Temer (2010) defende que a televisão não consegue se desvincular da sua forte tendência para o entretenimento, com seu uso cada vez mais voltado para o tempo livre e lazer dos receptores.

Nesse sentido, o telejornalismo fica cada vez mais a mercê das técnicas de sensacionalismo e melodramatização das reportagens para conseguir prender a atenção do público, que busca se envolver cada vez mais com as narrativas, atingindo uma produção com atributos usados para o desenvolvimento de histórias que transitam entre o cinematográfico e o jornalístico, com técnicas de roteiro que flexibilizam os limites para que a realidade seja enquadrada com cada vez mais dramaticidade, se equiparando a um produto mais próximo do entretenimento ficcional e distante do jornalismo informativo.

#### **2.4 O melodrama como função telejornalística de sedução da audiência**

É possível trabalhar com a hipótese de que o melodrama telejornalístico se sustenta em três pilares: histórias de biografia humana que tratam da superação de obstáculos, busca da audiência e flexibilidade dos limites entre jornalismo e entretenimento. Para entender melhor como funcionam as dinâmicas de sedução da audiência por meio das histórias de biografia humana que envolvem a temática da superação e como esse tipo de conteúdo consegue flexibilizar as fronteiras entre jornalismo e entretenimento, cabe retomar a análise dos preceitos da Jornada do Herói de Joseph Campbell utilizados por Vogler (2015) na construção de roteiros para o cinema.

O autor destaca que a Jornada do Herói é um conceito flexível, com capacidade de preencher os roteiros de grande parte dos gêneros da ficção sendo “facilmente traduzida em dramas, comédias, romances ou aventuras contemporâneas com a substituição de equivalentes modernos das figuras e cenários simbólicos da história do herói” (VOGLER, 2015, p. 58). Nesse sentido, quando os limites éticos de produção jornalística e o comprometimento com a veracidade da informação são deixados de lado em busca da sedução do público com a dramatização dos fatos, a estrutura da Trajetória do Herói se estabelece como uma alternativa viável para a construção de pautas jornalísticas que buscam emocionar o receptor por meio da melodramatização e do sensacionalismo.

Os argumentos de Temer (2010), confirmam a tendência do jornalismo televisivo na busca de histórias que ofereçam potencial de dramatização, ao ponderar que ainda que o

telejornalismo deva seguir os preceitos éticos básicos da profissão, entre eles a veracidade na apresentação dos fatos, a televisão, enquanto veículo, funciona a partir da emoção e da conexão com o público. Por isso, os conteúdos são elaborados com foco na dramatização exagerada dos fatos. Assim, mesmo no telejornalismo, “a televisão tende ao sincretismo, a diluir as fronteiras entre o real e o imaginário” (TEMER, 2010, p. 110).

O que estabelece um paradigma para a audiência, já que o jornalismo como instituição é regido pela credibilidade do compromisso que estabelece com a veracidade dos fatos. Ao confiar na mídia informativa audiovisual, o público enxerga o telejornalismo como uma extensão da estrutura midiática que permeia a sociedade (ao lado da rádio, dos jornais impressos e dos portais virtuais) e, por associação lógica, atribui ao telejornal os mesmos critérios de credibilidade e confiança estabelecidos para os demais veículos de comunicação. Ao depositar sua confiança nos telejornais, a audiência espera receber informações que, supostamente, estejam imunes ao ritmo dramático da televisão. Não se trata de uma inocência do interlocutor, mas sim de uma quebra do pacto social do telejornalismo com a sua função informativa primordial, não cumprindo o contrato entre veículo comunicacional e sociedade, que deve priorizar a clareza, veracidade dos fatos e defesa dos interesses sociais.

[...] ao trabalhar os conteúdos emocionais e dramatizar a informação o telejornalismo compromete a própria informação. A soma destes elementos torna o telejornalismo em si mesmo uma contradição: suas informações são reais, pois se referem a algo que realmente aconteceu ou está acontecendo, mas é irreal, porque esse real é "romanceado", "dramatizado", colorido com suspense (TEMER, 2010, p. 110-111).

Em contraposição, seria injusto condenar a totalidade da produção telejornalística como um esquema sensacionalista que transforma notícias em peças emocionais apelativas em busca da audiência. A dramaticidade dos fatos nas produções informativas televisivas pode ser encontrada em maior ou menor grau de acordo com o tipo de programa jornalístico apresentado ao público. A intensidade do nível de emoção nas reportagens exibidas costuma se estabelecer de acordo com a imagem que o telejornal ou o programa telejornalístico deseja passar para a sua audiência.

Mata e Coutinho (2010) destacam a diferente abordagem dessa técnica entre os telejornais locais e nacionais, por exemplo. Para formular a análise, os autores levaram em consideração a tese da Dramaturgia do Telejornalismo, evidenciada por Iluska Coutinho, que destaca uma construção da narrativa audiovisual dos telejornais baseada na elaboração de um conflito evidenciado, em grande parte, no texto dos apresentadores. Nesse aspecto, os

telespectadores acompanham a realidade dos fatos como um “drama cotidiano” (COUTINHO, 2012 *apud* COUTINHO; SCHLAUCHER, 2013).

Sendo assim, a fim de construir o produto noticioso na TV, profissionais da informação lançariam mão de estratégias em geral associadas à ficção na organização, encadeamento e apresentação dos fatos (COUTINHO; SCHLAUCHER, 2013, p. 3)

A partir desse ponto de vista, os autores destacam que as reportagens veiculadas tanto nos telejornais regionais como nos nacionais tentam, na maioria das vezes, ofertar ao público uma lição de moral, de forma implícita ou explícita. Para então refletir o vínculo entre a audiência e os jornalistas televisivos, Mata e Coutinho (2010) analisaram a incorporação da voz do telespectador como personagem da narrativa jornalística por meio de dois pontos essenciais da dramaturgia: os personagens e qual lição de moral é oferecida.

Em ambas as produções, nacionais e regionais, os autores identificaram que o grupo mais comum em cena é o de cidadãos comuns, normalmente identificados como “populares”. Nesse caso, a diferença de abordagem desse grupo nos telejornais de rede e nos de amplitude nacional diz respeito à função exercida pelo personagem dentro da matéria. Nas edições locais, o cidadão assume um papel mais ativo, utilizando da emissora para reivindicar seus direitos, aparecem sempre com conotações positivas “são mocinhos e heróis que por meio de suas experiências bem-sucedidas ajudam a construir a(s) identidade(s) local(is) e, muitas vezes, da própria emissora” (MATA; COUTINHO, 2010, p. 241). É com o depoimento desse personagem que o telejornal local costuma repassar lições de moral no final da reportagem. Nesse contexto, cria-se um vínculo de parceria e intimidade com o público (MATA; COUTINHO, 2010).

Em contrapartida, no nível nacional, o cidadão popular traz para a reportagem um relato emocionado, normalmente baseado em sua experiência de vida, para legitimar o discurso que é reforçado pelos repórteres e apresentadores. Nesses casos, Mata e Coutinho (2010) explicam que o protagonismo é retirado da população e a responsabilidade social fica sob tutela da emissora de TV.

Os representantes do público em rede nacional são em geral apresentados de forma apolítica, muitas vezes como vítimas, especialmente da má prestação de serviços públicos. O papel ativo nesse caso caberia ao telejornal, ao editar suas narrativas, e dessa forma também oferecer materialidade aos acontecimentos [...] (MATA, COUTINHO, 2010, p. 244-245)

Nessa perspectiva, retomar a tese de Vogler (2015) torna-se pertinente pois, quando inserida na dinâmica telejornalística, desenvolve um processo de produção que permite a flexibilidade dos limites entre jornalismo e entretenimento por meio das histórias de biografia humana, sem que o interlocutor da mensagem perceba. Isso porque, a Jornada do Herói foi idealizada por Campbell como uma trajetória mitológica, ou seja, apresenta um herói de figura central e oferece um ensinamento ou lição de moral no final, na busca de inspirar esperança ao mesmo tempo em que tenta moldar a visão de mundo de quem recebe a mensagem.

Com isso, Vogler (2015) adaptou a técnica para a elaboração de arquétipos de personagens dentro de produções cinematográficas. Como demonstrado por Mata e Coutinho (2010), o mesmo processo também é feito com os personagens que são inseridos nas reportagens telejornalísticas, em que cada um deve atender a um propósito específico da narrativa montada pela emissora. Para desenvolver um bom arquétipo de personagem, é preciso compreender qual função psicológica aquela pessoa vai exercer sobre a audiência e quais ideologias serão representadas por ela (VOGLER, 2015).

Na televisão, o mesmo processo acontece durante a elaboração das reportagens. Ao levar em consideração que nenhuma informação tem caráter de neutralidade, Curado (2002) destaca que as notícias sempre estão subordinadas a alguém ou alguma ideologia que priorize uma determinada forma de pensar ou os pontos de vista considerados mais relevantes de uma determinada questão. Ou seja, ao construir uma notícia, também é preciso entender quais efeitos ela deve provocar no seu público receptor e, a partir disso, montar uma grade de personagens que reforce esses ideais.

No jornalismo de televisão a ideologia é transmitida por um sistema de linguagem que rege a maneira como é capturada a imagem até a forma como é encadeada a narrativa - a edição. Não há cena aleatória, ou palavra que não tenha significado ideologizado; pouco importa se o repórter ou o editor tenha absoluta consciência disso (CURADO, 2002, p. 170).

No cinema, é fácil identificar o herói como a figura da bondade, que deve inspirar sentimentos positivos no público enquanto, na maioria das vezes, tenta repassar mensagens sobre a importância da perseverança, o valor da amizade ou da família. Essa mesma trajetória também acontece nas histórias de biografia humana dentro do jornalismo, principalmente com aquelas que envolvem a temática da superação, por isso, são preteridas pelo telejornalismo para despertar emoções no público ao dramatizar a narrativa. Essas histórias

usualmente apresentam conflitos gerados a partir de desigualdades sociais e costumam trazer como a figura do herói, um cidadão que está à margem da sociedade.

Essa escolha acontece para fortalecer a identificação do telespectador com o produto exibido. Como explica Vogler (2015), o objetivo dramático do herói é convidar o público a se identificar na história e, a partir disso, enxergar a trajetória do herói a partir do seu ponto de vista. Para alcançar esse objetivo, é preciso que o herói tenha qualidades facilmente identificáveis e tome atitudes estimuladas por desejos universais como: a vontade de ser amado, compreendido, bem-sucedido, de sobreviver, de ser livre, de lutar contra injustiças ou de buscar autoconhecimento. Os heróis também precisam ter qualidades consideradas honradas pelo senso comum, para que o público não sinta apenas empatia, mas também deseje viver e pensar com o herói (VOGLER, 2015).

O herói, na perspectiva de Vogler (2015), é o personagem ideal do telejornalismo, pois inspira empatia e identificação do público, além de passar uma mensagem que enquadra um sentimento e indica, de forma direta ou indireta, por meio da lição de moral, como o público receptor da notícia deve se sentir sobre a informação que recebe, moldando qual imagem a emissora deseja construir no inconsciente da população. Dessa forma, a junção da Trajetória do Herói por meio da prática de construção de roteiros cinematográficos de Vogler (2015) justifica-se dentro do telejornalismo por ser essencial para a produção dos conteúdos que em maior ou menor grau buscam a sensibilização da audiência. Os Heróis de Campbell e Vogler, estão nos alicerces da construção da narrativa melodramática do telejornalismo.

A partir disso, é possível estabelecer a problemática de que o telejornalismo flexibiliza os valores éticos da profissão em prol de uma produção roteirizada com base em técnicas voltadas para a produção de entretenimento ficcional, com objetivo de obter da sua audiência emoções semelhantes às que são provocadas por filmes heroicos no intuito de reforçar uma determinada imagem da emissora, bem como fidelizar o público por meio do apelo dramático que gera identificação com as histórias relatadas. Para isso, se apoia também em técnicas inerentes ao telejornalismo como a ideologia que é atribuída às produções e a simplificação das reportagens.

Essa constante redundância e superficialização dos conteúdos transforma a televisão em uma atividade rotineira e vaga, que pode ser assistida ou ouvida em paralelo com outros afazeres do dia a dia (TEMER, 2010). Com a audiência distraída e anestesiada ao pensamento crítico, a realidade pode ser aplainada e tomada pelo dramático, transformando a notícia em um conjunto de aspectos superficiais que resume o acontecimento apenas ao momento que é retratado na televisão, sem amplitude de contexto ou conexões históricas que explicam as

dinâmicas sociais apresentadas. A união da dramaticidade com a simplificação exagerada dos fatos promove uma síntese dos acontecimentos, encadeados de forma visualmente dramática, corrompendo a missão jornalística de informar e não de entreter (CURADO, 2002).

Ao operar preferencialmente com a simplificação e dramatização da informação, o telejornalismo opta por beneficiar critérios financeiros e ideológicos da emissora, que lucra com o ganho da audiência enquanto usa das narrativas com maior apelo emocional para agendar um debate público vago sobre assuntos que, usualmente, precisam passar por estágios de maior análise crítica perante a sociedade. Dessa forma, o repórter abandona sua função de mediador dos interesses da sociedade, protegendo a imagem e os ideais da emissora em detrimento aos direitos do cidadão e se eximindo como figura questionadora da autoridade do Estado.

## 2.5 Repercussão agendada

Os estudos que envolvem a investigação do papel da mídia no processo de agendamento dos debates públicos sob uma determinada ótica ideológica são responsáveis por tentar justificar o enquadramento dramático das notícias e trazer perspectivas que respondam por que determinadas pautas sociais recebem menor atenção do público e do Estado, ambos temas pertinentes para a investigação proposta neste trabalho.

Walter Lippmann (2008) já especulava a respeito das relações existentes entre a agenda midiática e a agenda de interesse público. Para o autor, os *mass media*, ou seja, os meios de comunicação em massa, seriam os responsáveis por realizar a conexão entre os acontecimentos do mundo e a percepção desses acontecimentos no inconsciente coletivo da sociedade. Dessa forma, o jornalismo seria responsável por moldar e guiar, de maneira indireta, a concepção das pessoas sobre determinados fatores.

Sem oferecer uma denominação específica para o que seria este fenômeno, Lippman descreveu o que hoje é conhecido como o processo de *agenda-setting* da agenda pública. A teoria foi desenvolvida com maiores avanços teóricos durante a década de 1960, por Cohen (1963), ao determinar que embora a imprensa não tenha o poder para dizer às pessoas sobre como elas devem pensar, os veículos possuem uma alta capacidade para estabelecer à sua audiência sobre o que deve ser pensado, ou seja, determinar quais assuntos merecem maior atenção no debate público.

Para comprovar a análise de Cohen, McCombs e Shaw (1972) desenvolveram novas linhas de investigação do *agenda-setting*, com base no fornecimento de dados empíricos

obtidos por meio de pesquisas com o público receptor das informações, realizadas para entender como as notícias poderiam influenciar os debates e percepções dos assuntos. A investigação explorou uma amostra de cem eleitores norte-americanos que estavam indecisos durante o período das eleições presidenciais, o grupo foi escolhido por ser considerado o mais suscetível para a aceitação de influência da mídia, visto que buscavam por informações sobre a disputa e os candidatos para decidirem seus votos.

Durante a análise, os entrevistados responderam sobre quais assuntos achavam mais urgentes no momento, ou seja, quais pautas mereciam maior atenção dos futuros candidatos à presidência. Como resultado, cinco dos principais assuntos da campanha foram utilizados para indexar a agenda pública. Nesse sentido, McCombs e Shaw (1972) concluíram que os eleitores tendem a compartilhar a definição estabelecida pela mídia sobre o que é importante, reforçando a função do agendamento do debate público feito pelo mass media.

Os resultados obtidos justificaram a ideia de Cohen (1963) e estabeleciam a capacidade de influência e projeção da mídia nos acontecimentos que reverberam na opinião pública, destacando o papel da comunicação na elaboração da realidade social. Para McCombs e Shaw (1972), os veículos seriam responsáveis por estabelecer um pseudo-ambiente, uma versão da realidade montada e quase completamente idealizada por meio dos *mass media*.

A Teoria da Agenda não é o retorno à teoria da bala ou hipodérmica sobre os poderosos efeitos da mídia. Nem os membros da audiência são considerados autômatos esperando para serem programados pelos veículos noticiosos. Mas a Teoria da Agenda atribui um papel central aos veículos noticiosos por serem capazes de definir itens para a agenda pública (McCOMBS, 2009, p. 24 *apud* BRANDI, 2017, p.4).

Traquina (2001) destaca que, a partir do início do século XXI, tornou-se cada vez mais comum a investigação do poder dos media junto a denúncia de sua atuação como “prepotente, perverso e mesmo perigoso para o cidadão e a própria sociedade democrática” (TRAQUINA, 2001, p. 13). A atuação dos veículos jornalísticos no processo de produção das notícias que resultam no agendamento dos debates foi descrita por Molotch e Lester (1993) em três categorias de pessoas, representadas de maneiras diferentes dentro da escala do trabalho jornalístico. Os autores estabelecem os promotores de notícia (*news promoters*) como aqueles definidos por identificar um fato especial; já os *news assemblers*, são os responsáveis por transformar os fatos apurados em acontecimentos públicos por meio da



publicação ou radiodifusão. Por fim, os consumidores da notícia (*news consumers*) são as pessoas que entram em contato com os fatos noticiados pelos meios de comunicação.

Para a terminologia do agendamento, os consumidores de notícia correspondem àqueles membros sujeitos à influência dos mídia que ajudam a constituir a *agenda pública*; os *news assemblers* correspondem àqueles que determinam a *agenda jornalística*; e os *news promoters* são constituídos por aqueles que propõem a agenda da política governamental, mas também por outros agentes especializados e membros do *campo político*, cada um com a sua *agenda política*. Por isso, podemos situar a «agenda da política governamental» como talvez a mais importante das *agendas políticas* (TRAQUINA, 2001, p. 21)

Entre os objetivos da luta política, a conquista dos meios de comunicação em massa sempre foi um ponto importante, sendo substancial para o Estado que os veículos concordem com as suas necessidades a respeito da relevância dos acontecimentos, o que não configura uma tarefa fácil nas sociedades regidas por regimes democráticos, sem total controle de censura da mídia. O que ocorre, é a definição das agendas políticas, que influencia a agenda jornalística por meio dos principais *news promoters* do campo político. Nessa lógica, é ainda válido considerar que os próprios jornalistas também atuam como *news promoters* em suas próprias reportagens, o que, de acordo com a lógica do *agenda-setting*, influencia também a agenda pública (TRAQUINA, 2001).

Esse mecanismo destaca o interesse da mídia na atuação conjunta com estruturas sociais de poder como o Estado ou lobistas econômicos na promoção de determinados assuntos e na prevenção de que informações indesejadas aos grupos de domínio social se tornem públicas e passem a ser alvo de debate. Nesse sentido, ao investigar por que a mídia, em especial o telejornalismo, costuma dramatizar e sensacionalizar com certa frequência histórias ligadas às narrativas de superação envolvendo estudantes de baixa renda, é possível inferir que os veículos, em comum acordo com os desejos das elites e do Estado, não têm interesse em agendar um debate público que incentive o questionamento da ausência do Estado na vida daqueles personagens, promovendo uma reflexão crítica sobre a meritocracia. Ao simplificar as narrativas, e enquadrar os estudantes como heróis em meio ao caos, o debate público agendado incentiva a responsabilização individual dos membros da sociedade acerca de seus próprios destinos, isentando a responsabilidade dos governantes.

Para a teoria da *agenda-setting*, a importância de um assunto dentro da opinião pública está diretamente ligada e determinada com a intensidade da divulgação do conteúdo na mídia. Cabe ainda questionar por que a audiência precisa depender dos veículos

jornalísticos para a formulação de opinião pública. Brandi (2017), destaca que a necessidade de orientação está de acordo com os níveis de vivência empírica que um indivíduo possui. Sendo assim, o público conta com o jornalismo para compreender com veracidade e profundidade sobre situações e impasses sociais que não fazem parte de suas experiências cotidianas, entendendo como pensar sobre o assunto a partir do ponto de vista representado pela mídia.

Nesse sentido, McCombs (2009, p. 90) estabelece que a "necessidade de orientação" representa um conceito psicológico responsável por determinar as diferenças particulares do indivíduo quanto ao desejo de obter pistas e informações de contexto sobre um determinado tópico. Por isso, temas de maior abrangência como resoluções sobre políticas públicas, internacionais e econômicas se tornam quase inacessíveis para apreensão de nível empírico. Assim, torna-se maior a dependência do público na agenda midiática para a compreensão desses tópicos (BRANDI, 2017).

Para Traquina (2001), a "necessidade de orientação" acontece de acordo com o alto interesse no assunto junto a um alto nível de incerteza sobre a questão, que resultam na falta de conhecimento do conteúdo. A partir desta lógica, os efeitos provocados pelo agendamento dos *mass media* acontecem com maior impacto na vida de pessoas que têm uma necessidade maior de obter informação sobre um assunto específico, para suprir a "necessidade de orientação" essas pessoas costumam recorrer aos veículos noticiosos. No entanto, Weaver, McCombs e Spellman (1975) , durante um estudo promovido sobre o caso Watergate, conseguiram comprovar ainda que o impacto da função do agendamento na opinião dos receptores da informação enviada não é igual para todas as pessoas e depende do nível da necessidade de orientação de um indivíduo.

Em paralelo com a realidade atual, é possível presumir que as classes mais baixas da população são, conseqüentemente, mais suscetíveis aos agendamentos e enquadramentos das informações veiculadas por meio da comunicação em massa. Essa dinâmica é estabelecida por uma espécie de círculo vicioso em que a falta de acesso financeiro impede a obtenção empírica de conhecimento por meio de experiências disponíveis apenas para as elites, bem como prejudica no acesso à educação de qualidade, que interfere diretamente na capacidade intelectual de compreensão teórica de assuntos ininteligíveis ao nível empírico.

Com isso, os grupos sociais marginalizados ficam mais suscetíveis aos agendamentos e enquadramentos da grande mídia que, por sua vez, elabora narrativas em favor do Estado e das elites, provocando uma dormência da consciência de classe, que leva camadas oprimidas da sociedade a acreditarem que, em determinados aspectos da vida, a ausência do Estado é

contornável por meio da força de vontade ou de outras ferramentas individuais, como ocorre no enquadramento meritocrático das narrativas de superação dos estudantes de baixa renda que conseguem entrar no vestibular, apesar de todas as desigualdades sociais e educacionais enfrentadas.

Assim, nesse processo, as operações de agendamento e enquadramento da pauta trabalham em conjunto na reconstrução da realidade. Diferente do que formulou Cohen (1963), ao afirmar que o agendamento se restringia apenas a indução dos temas que deveriam ser mais populares no debate público, McCombs e Shaw (1993) determinam, anos depois das conclusões elaboradas por Cohen, o potencial do agendamento em também dizer ao público sobre como pensar a respeito dos acontecimentos do mundo.

O agendamento é consideravelmente mais que a clássica asserção que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias também nos dizem como pensar nisso. Tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objectos são poderosos papéis do agendamento (MCCOMBS; SHAW, 1993, p. 62).

Esse novo postulado, que determina também um novo potencial para a capacidade de manipulação da realidade por meio do agendamento e do enquadramento descreve o que Traquina (2001) explica como o processo de construção narrativa de estórias, elaboradas por meio da reunião de padrões e técnicas de construção textual. O pensamento do autor também é justificado pela socióloga norte-americana Gaye Tuchman, que defende o jornalismo como a habilidade de criar uma realidade paralela que conflui com os fatos apresentados na realidade objetiva dos acontecimentos.

Dizer que a notícia é uma estória não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna. Os relatos noticiosos, mais uma realidade seletiva do que uma realidade sintética, como acontece na literatura, existem por si sós. Eles são documentos públicos que colocam um mundo à nossa frente (TUCHMAN, 1993, p. 262).

Com isso, o poder da mídia não pode ser simplificado apenas na sua capacidade de declarar fatos editados como verdades absolutas, mas também no seu potencial de estabelecer como as histórias serão contadas (SCHUDSON, 1993). Entre os formatos que podem apresentar narrativas informativas, as produções telejornalísticas, ponto principal de análise deste trabalho, se estabelecem como uma teatralidade da realidade, ainda que pretendam se

apresentar como uma exposição fiel do real (TEMER, 2010). Assim, “essa realidade simbólica interfere na realidade, no dia a dia dos indivíduos, que determinam suas ações pelo que “vê na televisão” (TEMER, 2010, p. 114).

Na TV, as técnicas de edição reconstróem os fatos, que são reconstituídos a partir de critérios técnicos e comerciais, definidos pela linha editorial da emissora. Temer (2010) ressalta que, principalmente na televisão, os resultados noticiosos entregues ao público são apenas fragmentos da realidade, “pedaços do real de onde se abstrai fatos descontextualizados” (TEMER, 2010, p. 118). Nesse sentido, a autora defende que o “regime de visibilidade” proporcionado pelo caráter da televisão como um meio de comunicação em massa e pela credibilidade jornalística, chamam atenção do meio político, que enxerga o telejornalismo como um “espaço privilegiado para a formação de suas imagens públicas”.

A busca constante por uma visibilidade positiva, reforçada pela credibilidade jornalística é uma importante meta para a construção da imagem pública das figuras de poder político. Rubim (2000), destaca que o desejo por atenção do público faz com que as firulas políticas criem fatos e promovam ações que possam alcançar o eleitorado por meio da notícia dos telejornais. Assim, ainda que o poder de reger a sociedade esteja destinado a figura do Estado, é incoerente negar que o jornalismo, por meio do processo de construção da realidade, é capaz de agendar debates que podem influenciar a agenda governamental ao “agendar temas, requerer providências, propor soluções, criticar atitudes, sugerir alternativas, produzir imagens públicas, engendrar climas sociais, enfim - e por tudo isso - afetar, no dia a dia, a governabilidade” (RUBIM, 2000, p. 75 *apud* PORCELLO; GADRET, 2010, p. 219-220). Como consequência desse processo, é possível determinar que os fatos enfatizados nas produções midiáticas, bem como aqueles que também ficam de fora das narrativas, são essenciais para a formação de uma agenda pública controlada em comum acordo entre mídia e Estado.

## **2.6 Qual o interesse da mídia?**

Ao levar em consideração todos os pontos apresentados até o momento, resta entender qual o interesse da mídia na produção melodramatizada e sensacionalista de conteúdos que privilegiam narrativas de interesse humano, em especial aquelas ligadas às trajetórias de superação que reforçam estereótipos e ideologias meritocráticas. Se a função primordial do jornalista é a construção da credibilidade e confiança por meio da defesa dos interesses sociais, atuando como uma espécie de fiscalizador dos poderes, por que as agendas

jornalísticas, na maioria dos casos, promovem enquadramentos que isentam o Estado de suas responsabilidades constitucionais, enquanto transformam em heróis cidadãos marginalizados que enfrentam dificuldades latentes devido à ausência de políticas públicas efetivas?

Para Alger (1998) em Traquina (2001), a resposta pode ser desenhada na compreensão de que o jornalismo sempre foi uma atividade corporativa, ou seja, os grandes conglomerados midiáticos sempre foram empresas, por isso, a atividade se desenvolve como um negócio privado e não como um serviço público. Essa linha tênue entre negócio e prestação de serviços à sociedade gera uma tensão que compromete a honestidade do jornalista com os interesses do público. Afinal, na lógica empresarial, o lucro deve ser a motivação final para as tomadas de decisão de todo o ecossistema de trabalhadores.

Nesse sentido, é inegável não levar em consideração os interesses mercadológicos que estão por trás da produção jornalística de massa no Brasil. No país, a radiodifusão que impacta a maior parte do público geral é produzida por grandes grupos midiáticos que sobrevivem e sustentam o nível de popularidade de suas programações devido ao apoio financeiro que recebem de seus patrocinadores. Ao entender essa lógica, Traquina (2001) destaca que cada vez mais a forma de entregar as notícias ao público é decidida com base nos preceitos que agradam o mercado, enquanto deixam de lado a ideia de que o jornalismo deve priorizar assuntos que são de importante conhecimento para os cidadãos.

Cada vez mais os mídia se interessam por 'estórias' de interesse humano e têm a obsessão de mostrar e contar. Cada vez mais a cultura de competitividade nos negócios, que foi elogiada em quase todo o lado, favoreceu os métodos dos paparazzi e uma atitude em que todos os meios são lícitos. Cada vez mais o objetivo primeiro dos mídia tem sido de maximizar os lucros e minimizar os custos. O lado de serviço público do jornalismo tem sido diminuído, substituído por objetivos comerciais, e o público é visto como consumidor de produtos de lazer (TRAQUINA, 2001, p. 194).

O padrão de coleguismo entre a mídia brasileira, o Estado e os anunciantes se justifica desde o surgimento da televisão nacional com Chateaubriand, que aconteceu em meio a um quadro de desenvolvimento nacional e estruturação de um mercado cultural brasileiro, antes liderado pela rádio que, por sua vez, já garantia ao Estado os direitos de concessão dos meios de radiodifusão (LOPES, 1994). Até hoje, ainda que em menor grau, as concessões televisivas, cedidas pelo Governo Federal, reforçam a ideia de que as grandes emissoras funcionam, em diferentes níveis, de acordo com os interesses do Estado.

Além disso, dados históricos também comprovam que o governo brasileiro sempre esteve entre os maiores anunciantes do país, o que interfere diretamente na sua capacidade de influência sob os veículos de comunicação. Para exemplificar, Matos (2010) destaca que, 27 anos atrás, em 1996, o governo federal se estabeleceu como o maior anunciante do país. De acordo com o autor:

O orçamento para campanhas publicitárias foi, apenas na administração direta, de R\$ 112 milhões, sem contar com os programas educativos do Ministério da Educação, no total aproximado de R\$ 23 milhões e mais R\$ 5,5 milhões a cargo do Itamaraty para promoção do país no exterior (MATTOS, 2010, p. 26).

Em paralelo com a atualidade, um levantamento realizado pelo portal de notícias UOL<sup>12</sup>, com base nos dados da Secom (Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência), órgão responsável pelas contratações na área de publicidade e propaganda do governo, demonstrou o aumento em 75% entre 2021 e 2022 em relação aos gastos do governo federal com peças publicitárias veiculadas na Rede Globo. Entre janeiro e junho de 2021, a emissora teria recebido R\$ 6,5 milhões em valores líquidos pagos por materiais publicitários de televisão veiculados em âmbito nacional e regional.

Entretanto, no mesmo período de 2022, ano eleitoral, a gestão do presidente Jair Bolsonaro, que concorria à reeleição, investiu, entre janeiro e junho, um total de R\$ 11,4 milhões dentro do espaço institucional na mídia com objetivo de divulgar obras e programas realizados nos últimos quatro anos do seu primeiro mandato.

A investigação também concluiu que em 2021, a Secom havia comprado espaço na Globo para 46 inserções publicitárias inseridas na categoria de “utilidade pública” e apenas dez destinadas para reproduções institucionais. No entanto, em 2022, foram 72 campanhas institucionais na emissora de maior alcance do Brasil, contra apenas duas de “utilidade pública”.

Ao voltar no tempo, também é perceptível o padrão dos gastos comerciais do governo federal com as estatais; dados de 1994 destacam que, naquele ano, a Telebrás investiu R\$ 67 milhões em publicidade, ficando atrás da Gessy Lever com R\$ 104 milhões, da Brahma, com R\$ 75 milhões, e da Coca-Cola, que desembolsou R\$ 74 milhões (MATTOS, 2010). Em

---

<sup>12</sup> Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/04/por-reeleicao-planalto-volta-a-globo-e-dobra-gasto-com-publicidade-na-tv.htm>> Acesso em: 03 de junho de 2023

2019, dados da Secom<sup>13</sup> evidenciaram que o Poder Executivo autorizou a liberação de R\$ 524 milhões em Comunicação Social, porém, ao considerar os cinco maiores contratantes públicos em publicidade (Secom, Banco do Brasil, Caixa, Petrobras e Ministério da Saúde), as despesas ultrapassaram R\$ 935 milhões.

Quanto aos anunciantes privados, a história da televisão começa em comum acordo com a publicidade brasileira. Já em 1952, um dos mais famosos telejornais do país tinha o nome do seu patrocinador, a Esso. Nos anos seguintes, diversos outros telejornais também seguiram o mesmo padrão do Repórter Esso como: “Telenotícias Panair”, “Telejornal Pirelli”, “Reportagem Ducal” e outros. “Historicamente, o veículo de televisão tem absorvido sempre uma média entre 50 a 60% do bolo publicitário brasileiro” (MATTOS, 2010, p. 25). Nesse sentido, é possível prever que a televisão trabalha com um sistema de dependência da renda que consegue por meio dos patrocinadores.

Assim, o jornalismo se torna o repasse de informações que são transformadas em mercadorias, no sentido de que as notícias precisam ressoar positivamente na audiência para agradar aos patrocinadores. Por isso, as informações são transmitidas estrategicamente a partir do interesse público, ou seja, aquilo que é considerado relevante e cumpre o papel social do jornalismo, e ainda por meio do interesse do público, que leva em consideração temáticas que agradam a audiência, envolvendo dramatização dos fatos e sensacionalismo para prender o telespectador na narrativa e render maiores chances de patrocínio. Quanto mais pessoas assistem, maior será o lucro financeiro ou publicitário do patrocinador, seja ele uma empresa privada ou estatal (TEMER, 2010).

Além do dinheiro, o repasse de ideologias que favoreçam os patrocinadores, como a ideologia meritocrática favorece o Estado e as grandes corporações, também são critérios que influenciam no repasse das notícias e rendem resultados que não estão ligados à função social do jornalista para com o cidadão. O interlocutor dessas informações, no entanto, na maioria das vezes não está ciente de que o telejornal se estabelece como mais um produto direcionado também para os seus anunciantes. Assim, Temer (2010) destaca que, em alguns momentos, a conquista do público também significa a defesa dos interesses dos anunciantes, mas a confluência de interesses só é estável enquanto os desejos dos anunciantes estiverem preservados. A partir do momento que a informação passe a ir contra os ideais dos

---

<sup>13</sup> Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/economia/governo-bolsonaro-e-estatais-gastaram-quase-r-1-bilhao-em-propaganda-em-2019/>> Acesso em: 29 de abril de 2023

publicitários, o público prioritário da informação deixa de ser a audiência e, nesse momento, acontece a quebra do contrato social entre sociedade civil e jornalistas.

Em paralelo a essa movimentação dos *mass media*, Traquina (2001) conclui que a busca pelo lucro tem um longo e difícil caminho para estabelecer uma relação funcional e justa com a responsabilidade social teoricamente exigida dos serviços de notícia. Assim, Traquina (2001) entende que recai sob os proprietários e trabalhadores dos grandes conglomerados a responsabilidade de defender a “liberdade positiva da imprensa” ao promover aos cidadãos a disposição dos fatos na notícia de forma justa e significativa. Quanto à audiência, também não deve se disponibilizar em omissão aos acontecimentos, sendo importante que o público também desenvolva um olhar crítico e questionador, que busque a verdade dos veículos que consomem.



### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

O presente trabalho fez uso da abordagem qualitativa de pesquisa com intuito de aprofundar os questionamentos no enfoque interpretativista das questões exploradas, ao considerar que os objetos de pesquisa estão relacionados às construções sociais pré-estabelecidas dentro dos processos de interação social (GIL, 2019). Quanto ao método, foi estabelecida uma averiguação comparativa, ao considerar as oposições e similaridades entre a maneira que as reportagens apresentam seus personagens e como esses personagens se enxergam em suas próprias narrativas.

Nesse sentido, admite-se que a realidade aqui apresentada pode ser interpretada por meio de diversas lentes sociais, representando significações construídas com base no discurso midiático estabelecido entre os veículos televisivos de comunicação em massa e a audiência, compreendendo assim o poder da influência do contexto dentro da produção dos dados obtidos.

Para além disso, a análise dos elementos-chave que compõem a problemática foi formulada com base no viés exploratório analítico de pesquisa. A escolha se justifica pelo objetivo de promover uma melhor compreensão do assunto explorado, proporcionando o desenvolvimento de futuros estudos mais detalhados que promovam investigações com maior amplitude de sistematização dos procedimentos.

#### **3.2 Corpus**

Com o intuito de exemplificar e estudar a aplicação prática dos conceitos apresentados, cinco reportagens televisivas foram escolhidas para análise nesta pesquisa, duas reproduzidas nacionalmente e três transmitidas em telejornais regionais, sendo uma delas uma suíte que apresenta complementos importantes à narrativa apresentada na reportagem original.

O destaque para uma equidade numérica de análise entre produções regionais e nacionais se deu para demonstrar que o padrão de produção melodramática do jornalismo perpassa, de forma direta ou indireta, pela produção jornalística, independente do alcance e da localidade da transmissão do telejornal escolhido. Além disso, durante a seleção dos produtos telejornalísticos aqui explorados, também foi levado em consideração o critério de

diversidade geográfica das histórias apresentadas, ou seja, foram incluídas neste trabalho narrativas que acontecem no no Norte, Nordeste, Sul e Centro-oeste do país, com objetivo de demonstrar que o problema da desigualdade educacional está presente na vida de diversos brasileiros e chama atenção da mídia local e nacional. Ademais, o critério de escolha das reportagens também se baseou na contemporaneidade do tema, incluindo apenas produções transmitidas entre os anos de 2019 e 2022.

Como já esclarecido no início do trabalho, a popularidade das emissoras no Brasil também foi um fator relevante de escolha. De acordo com o ranking do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) da TV aberta brasileira, obtido com exclusividade pelo portal Splash UOL, em fevereiro de 2022, e realizado pela Kantar Media<sup>14</sup>, entre os dezesseis canais abertos com alcance nacional, a Rede Globo e a Record TV ocupam o primeiro e segundo lugar respectivamente. Por isso, a pesquisa considera que as duas emissoras detêm o maior poder de influência do debate público por alcançarem mais domicílios.

Nesse sentido, levando em consideração os critérios de seleção, a primeira reportagem analisada foi exibida em fevereiro de 2019. O telejornal local da Record Goiás apresentou a história de Milene<sup>15</sup>, moradora de Goiânia e filha de catadores de produtos recicláveis que foi aprovada no vestibular de medicina da Universidade Federal do Tocantins (UFT), mas não tinha renda suficiente para custear os materiais do curso e a estadia na cidade em que deveria estudar. Dias depois da exibição da primeira reportagem, o telejornal apresentou uma suíte<sup>16</sup> para o caso, com objetivo de relatar a comoção dos telespectadores com a história, a matéria acompanha o desenrolar das ações de caridade feitas em prol de Milene e sua família, para que a garota fosse capaz de realizar o sonho de cursar Medicina em outra cidade.

Ainda no conjunto das reportagens difundidas regionalmente, o segundo caso aconteceu em março de 2022, quando a RICTV, afiliada da Record TV em Curitiba, exibiu, no Balanço Geral de Curitiba, uma reportagem sobre a vida de Natiele Souza<sup>17</sup>, uma jovem de 20 anos que recolhe lixo nas ruas para vender em empresas de reciclagem, com objetivo de juntar dinheiro para conseguir pagar a matrícula na faculdade particular de veterinária ou direito.

---

<sup>14</sup> Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/splash/noticias/oops/2022/02/04/veja-o-ranking-de-ibope-da-tv-aberta-redetv-ja-ronda-o-traco.htm>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vOidcyzD02s>>. Acesso em: 20 de novembro de 2022

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PMGGt0YslQM>>. Acesso em: 04 de maio de 2023

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RmDJWBfXCm4>>. Acesso em: 20 de novembro de 2022

Quanto às coberturas nacionais, a primeira delas foi ao ar em março de 2021, no Fantástico, revista eletrônica dominical da Rede Globo. Com ela, o programa conta a história de Artur Mesquita<sup>18</sup>, um jovem de 15 anos, morador da área rural do município de Alenquer, no oeste do Pará. Durante o ensino remoto, consequência da pandemia de covid-19, para assistir as aulas virtuais, por meio da internet, Arthur precisava subir em uma árvore no quintal de casa para receber sinal do pacote de dados móveis da operadora, comprado pelos pais, já que o sinal de wi-fi não funcionava em sua casa.

O segundo caso foi televisionado em janeiro de 2022, com cobertura nacional realizada pelo Domingo Espetacular, revista eletrônica dominical da Record TV, concorrente direta do Fantástico (Globo). A pauta relata a trajetória de superação de Wellington José<sup>19</sup>, um jovem de 29 anos, morador do município rural de Ribeirão, localizado na Zona da Mata de Pernambuco, a 87 km da capital Recife. A reportagem destaca a história de vida do estudante, que trabalhava como cortador de cana ao lado do pai e conseguiu se formar em uma faculdade particular de medicina com ajuda de professores e amigos da família.

Estruturando-se em torno da hipótese de que a atividade jornalística não deixa de ser um instrumento que possa interessar a diversos tipos de poder, incluindo fontes governamentais, será importante observar e fiscalizar se os veículos denunciam a ausência do Estado na vida dos personagens representados.

### 3.3 Análise Crítica do Discurso

Os dados apurados com este trabalho serão analisados por meio do posicionamento de pesquisa da Análise Crítica do Discurso (ACD), escolhido devido a sua capacidade de identificar a interferência que os discursos reproduzidos podem estabelecer na produção e reprodução dos sistemas sociais de dominação e abuso de poder (DIJK, 2003).

A escolha do posicionamento também se justifica devido ao seu foco na investigação das desigualdades sociais e como os textos repercutidos socialmente podem indicar relações de poder e ideologia. Nesse sentido, a análise referida pode destacar e elaborar “como o abuso de poder é incorporado, reproduzido e legitimado pelo texto e pelo discurso de grupos e instituições dominantes” (DIJK, 1996 *apud* Tilio, 2010, p. 87), à exemplo dos veículos de

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/03/21/jovem-sobe-no-alto-de-arvore-para-melhorar-sinal-de-internet-e-assistir-aulas-no-para.ghml>>. Acesso em: 20 de novembro de 2022

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bqjdbhUcONM>>. Acesso em: 17 de março de 2023

comunicação jornalística, quando essas instituições assumem representações específicas sobre os atores sociais dentro de um discurso reproduzido ao público (LEEUEWEN, 1996).

Reitera-se a importância da ACD neste trabalho ainda devido ao seu potencial de compreensão dos significados que se expandem através da linguagem (MELO, 2009), ou seja, a investigação que relaciona a análise textual com os contextos sociais e interacionais que vão além da interlocução, para compreender “como a língua participa de processos sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 229), demonstrando o ponto de Fairclough (2001), que entende o discurso como uma reprodução social que transforma a realidade e o sujeito da linguagem por meio de perspectivas psicossociais, que “ora ele se conforma às formações discursivas/sociais que o compõem, ora resiste a elas, ressignificando-as, reconfigurando-as. Desse modo, a língua é uma atividade dialética que molda a sociedade e é moldada por ela” (MELO, 2009, p. 3).

Nesse sentido, Maingueneau (2005) destaca como os discursos são capazes de operar sobre outros discursos já estabelecidos anteriormente, construindo relações de identificações semânticas entre si. Portanto, a ACD vai além da preocupação singular com a exploração acadêmica do conteúdo analisado, mas busca adentrar as reflexões da modernidade, analisando as relações sociais presentes entre quem profere o discurso e quem recebe a mensagem (TILIO, 2010).

Para isso, o conceito de texto dentro da ACD explora a linguagem produzida textualmente como um produto sociocultural capaz de refletir as dinâmicas de poder pré-existentes na sociedade. Assim, todo texto, ou discurso, não representa apenas o que é explicitamente dito, mas carrega também as ideologias e saberes de outros discursos e sujeitos, determinando relações dialógicas entre os indivíduos que são atingidos pelos discursos proferidos. Portanto, dentro da perspectiva da ACD, o texto vai além da função léxica, se caracterizando como um discurso construído por meio de escolhas linguísticas específicas que são influenciadas pelo contexto em que são produzidas.

A partir da compreensão do papel textual dentro da ACD, é possível destacar o papel da notícia jornalística, construída por estruturas textuais que se estabelecem em discursos com potencial de agendamento da opinião pública. Nessa perspectiva, a notícia é compreendida como um discurso construído por meio de escolhas linguísticas específicas, que refletem as relações de poder presentes na sociedade. Sendo a notícia um produto social e cultural que é influenciado por fatores políticos, econômicos e ideológicos que moldam as formas como as informações são selecionadas, organizadas e apresentadas ao público.

Dessa forma, a ACD busca entender como as notícias podem ser utilizadas para reforçar ou subverter as estruturas de poder presentes na sociedade. Esse processo inclui analisar as fontes de informação, os valores e crenças subjacentes aos discursos e as estratégias discursivas utilizadas para persuadir e influenciar os leitores. Através dessa análise crítica, é possível compreender como as notícias são usadas para moldar a opinião pública e como elas podem afetar as relações de poder na sociedade.

### **3.4 Categorias Análíticas**

A primeira etapa da análise tem caráter quantitativo e será voltada para o nível semântico e léxico, com objetivo de compreender como os atores sociais (personagens) aparecem representados nas notícias destacadas. Dessa forma, este nível de categorização pretende identificar: Que atores sociais aparecem nas notícias? Quantas vezes? Como foram nomeados?

No processo seguinte, inicia-se a investigação qualitativa para destrinchar como os atores sociais, já identificados na etapa anterior, são representados nas notícias estudadas, com foco nos papéis semânticos estabelecidos no discurso analisado. Nesse sentido, os sujeitos podem ser caracterizados como: agente, paciente, tema experienciador, receptor e outras posições diversas. Por isso, pretende-se identificar quais são os papéis atribuídos aos sujeitos citados nas notícias e, assim, entender a posição social que estes ocupam de acordo com a percepção dos jornalistas, podendo ou não ocupar uma posição estratégica de invisibilização dentro desses textos.

Na fase final, será realizada uma análise pragmática, centrada em torno dos discursos referidos, com objetivo de identificar quais atores sociais são citados diretamente na reportagem, qual a função dessas citações e quais são as respectivas motivações implícitas que possam estar por trás dessas representações. Nesse momento, as considerações devem atingir um cunho social, voltado para o aprofundamento interpretativo das relações de convergência entre o discurso da mídia e o discurso meritocrático, compreendendo como a trajetória do herói na elaboração narrativa dos produtos jornalísticos apresentados pode complementar uma visão de mundo que reforce o discurso pró-meritocracia.

Isso porque, de acordo com a teoria de enunciação de Bakhtin (1992), a linguagem possui funcionalidades além da comunicação por si só, podendo funcionar também como uma ação que necessita de interação, assim, todo discurso possui dois lados, que incluem o receptor e o interlocutor da mensagem. Esse processo explicita o fato de que os discursos

estabelecidos não representam a literalidade do que é dito, mas também trazem consigo ideologias e conceitos de discursos pré-existentes, adquiridos ao longo da vida. Por isso, as escolhas referentes ao que aparece ou não dentro de um texto determinam diretamente como os atores sociais inseridos em um cenário específico são representados e como um fato discursivo é repassado.

## 4. ANÁLISE

A análise deste trabalho será realizada seguindo o critério de separação entre as reportagens telejornalísticas regionais e nacionais. A escolha foi feita da seguinte maneira para proporcionar um melhor agrupamento lógico dos dados coletados, com objetivo de demonstrar como os procedimentos analíticos envolvidos no posicionamento de pesquisa da Análise Crítica do Discurso (ACD) podem contribuir no processo de identificação de dados que fundamentem a hipótese de que os personagens retratados nas narrativas telejornalísticas selecionadas são moldados por técnicas de enquadramento, elaboradas pela figura do jornalista em acordo com os interesses da emissora, para construir o desenvolvimento do apelo emocional e a criação do vínculo com a audiência, por meio da melodramatização das histórias de superação retratadas sob uma ótica que engloba a perspectiva da Trajetória do Herói e reforça estereótipos meritocráticos que perpetuam o mito da meritocracia na sociedade atual.

### 4.1 Reportagens regionais

Para a primeira produção jornalística em destaque, será feita uma análise conjunta envolvendo duas reportagens exibidas em 05 de fevereiro de 2019, no telejornal local da Record Goiás, sendo uma principal e a outra uma suíte da mesma pauta. A narrativa inicial conta com 06:07 minutos e está centralizada na história de Milene, uma jovem estudante de classe baixa, recém-formada no terceiro ano do ensino médio, que foi aprovada no vestibular de medicina após uma única tentativa.

Logo no início da reportagem, a audiência é apresentada às figuras responsáveis por guiar Milene até a sua aprovação no ensino superior, ajudando a garota a driblar a realidade cruel, ainda não apresentada ao telespectador, que tragicamente implementou obstáculos diários para o seu desenvolvimento educacional. A frase de abertura, falada em off pela repórter, determina o tom da reportagem: “Mestre e aluna frente a frente, ou aluno e mestre, aqui tanto faz. Enquanto ensinou biologia pra Milene, Póvoa também aprendeu muito sobre determinação” (RECORD TV GOIÁS, 2019). Em seguida, por volta dos 00:17, é inserida uma sonora do professor de biologia Cristiano Póvoa, que destaca a dedicação de sua ex-aluna, ao declarar que aprendeu com Milene lições sobre a importância da disciplina e do foco na busca por conquistas: “A gente ensinou pra ela o conteúdo que está nos livros, né? E ela ensinou pra gente que vale a pena lutar por um sonho, vale a pena se esforçar, vale a pena

ter foco, ter disciplina e alcançar o sonho que ela tanto almejou” (RECORD TV GOIÁS, 2019). Para introduzir a sonora seguinte, de Cordilina Masson, diretora da escola de Milene, outro *off* é reproduzido para revelar ao público a condição financeira de Milene e reforçar as implicações que sua classe social poderia trazer para a realização do sonho de cursar medicina. “Ela chegou aqui pequenininha e com o objetivo até meio fantasioso pra uma criança pobre: Queria ser médica neurocirurgiã” (RECORD TV GOIÁS, 2019). Um desses desafios foi vencido após a garota receber a bolsa na escola particular em que estudou até o terceiro ano do ensino médio, como relata a diretora da instituição em 00:41.

Foi um pedido de uma mãe de um aluno que foi professora dela numa escola pública, se não me engano até o quinto ano [...] ela tinha uma aluna que ela estava com muita dó de continuar na escola pública, porque tinha um potencial muito grande. Eu pedi pra que ela trouxesse essa menina aqui, ela trouxe e nós demos a escola pra ela, bolsa integral (RECORD TV GOIÁS, 2019).

Em 01:13, a reportagem revela o motivo do orgulho dos mestres de Milene, ao afirmar que a estudante de apenas 17 anos foi aprovada em Medicina na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Câmpus de Araguaína. Em 1:19, a própria Milene aparece, pela primeira vez, para responder a repórter, que pergunta se a garota já havia se sentido pequena diante das suas ambições acadêmicas. “A gente sente, mas tem Deus pra levantar a gente. Ele dá força, ele dá aquela garra, assim, pra gente subir. Apesar das circunstâncias, de tudo que passou, de tudo que já sofreu” (RECORD TV GOIÁS, 2019), explica Milene, que começa a chorar e recebe um abraço da repórter, que assegura a menina: “Sua emoção é bonita” (RECORD TV GOIÁS, 2019), toda a ação é filmada.

Em um novo cenário, Milene e a repórter estão no que parece ser um centro de recolhimento de materiais recicláveis. Essa nova etapa da reportagem começa no minuto 01:58, é introduzida por uma passagem da repórter ao lado da estudante, que destaca: “É a história da Milene que faz dela uma gigante” (RECORD TV GOIÁS, 2019). É nesse momento que a produção da reportagem tenta explicar ao telespectador a importância da narrativa apresentada, ou seja, o que faz com que Milene vire notícia.

A partir de então, o público é apresentado aos familiares de Milene, a primeira é a sua mãe, Maria, catadora de recicláveis que trabalha no depósito onde Milene e a repórter estão. A mãe é descrita como uma mulher que “trabalha duro com um único objetivo na vida: manter os filhos na escola” (RECORD TV GOIÁS, 2019) apesar das dificuldades enfrentadas. Entre os minutos 01:58 e 05:04, a reportagem constrói a história da família de



Milene, focando nas dificuldades financeiras e emocionais vivenciadas. Nesse tempo, os telespectadores descobrem que a jovem morou durante a vida inteira em um barracão dentro do depósito de recicláveis onde a família trabalha. Além disso, para oferecer uma maior amplitude das dificuldades financeiras enfrentadas, a reportagem seleciona algumas sonoras em que a mãe da estudante relata problemas enfrentados pela falta de dinheiro, como as dificuldades enfrentadas para pagar o aluguel ou comprar comida, material escolar e roupas novas para os filhos. Ainda é importante ressaltar que, durante as sonoras em que Maria relata dificuldades, três delas envolvem o papel da fé na superação dos obstáculos implementados pela pobreza por meio do termo “Deus proverá”.

O restante da família, irmãos e pai de Milene, também ganham sonoras neste momento da reportagem, um deles também foi aprovado em Medicina na Universidade Federal de Goiás, enquanto o outro sonha em ser engenheiro. Já o pai da estudante, recebe uma sonora para relatar as invenções e ferramentas que cria com os materiais recicláveis que recolhe. O momento de apresentação da família termina com o relato da importância da aprovação de Milene na mudança de vida de sua família, em off, a repórter descreve: “A aprovação da filha foi uma alegria pra Maria, ela perdeu um filho, irmão da Milene, assassinado e está enfrentando um câncer no colo do útero. Mas, mãe e filha não enxergam obstáculos”. (RECORD TV GOIÁS, 2019). Devido a situação de saúde da mãe, a repórter relata que os tratamentos afastaram Maria do trabalho, reduzindo ainda mais a renda da família, que agora depende do trabalho dos pais e irmãos, somado a um benefício social entregue à Maria no valor de um salário-mínimo. Visivelmente emocionada e abraçada com a mãe, uma sonora de Milene é inserida para fechar o momento de apresentação da família da estudante. “O esforço que eu estou fazendo é por ela. Por ela, pra dar uma vida melhor pra ela, pros meus irmão, pra ajudar todo mundo, a família” (RECORD TV GOIÁS, 2019).

O último arco da reportagem tem menos de dois minutos e revela como Milene está se organizando para enfrentar seu mais novo desafio: juntar dinheiro para cursar a universidade no Câmpus de Araguaína, localizado cerca de 1.142 quilômetros de distância de Goiânia, cidade em que Milene mora com a família. A repórter explica que a escola foi a responsável por pagar as passagens para que Milene conseguisse realizar a matrícula no curso, mas que a família ainda não sabe como vai manter a filha morando em outra cidade. A reportagem é encerrada com uma explicação da mãe sobre não ter dinheiro suficiente para enviar a filha ao curso de medicina, mas que pretende confiar em Deus para que o sonho de Milene se realize.

Eu vou ser bem sincera, condições hoje de manter ela lá, eu não tenho. É porque hoje, o que eu tenho hoje é um auxílio de um salário, né? Então, eu não tô trabalhando, assim, não estou. Mesmo trabalhando, ficaria muito difícil. Mas, como eu tenho fé, eu confio em Deus que minha filha, a gente, vai conseguir (RECORD TV GOIÁS, 2019).

Para finalizar, a repórter evoca mais uma vez o papel da fé e pergunta para Maria “como é que é?” (RECORD TV GOIÁS, 2019), em alusão às referências religiosas feitas pela mulher ao longo das entrevistas. Com uma música emocionante de fundo, a reportagem se encerra com a fala de Maria: “Deus proverá tudo” (RECORD TV GOIÁS, 2019) e uma imagem de Milene limpando lágrimas de felicidade do rosto enquanto sorri.

Dois dias depois da exibição da reportagem principal, o mesmo telejornal exibiu uma suíte para retratar o impacto causado pela história de Milene entre os telespectadores do programa. Nesta nova produção, agora mais curta, com 05:57 minutos, a repórter visita mais uma vez a casa da estudante no depósito de materiais recicláveis para conversar com a família sobre a repercussão da reportagem inicial.

Novamente, o *off* de abertura, feito pela repórter, define de imediato o objetivo da produção: “Foi só a reportagem da Milene passar na TV, que o Júlio César caiu no choro. Ele se lembrou das dificuldades que enfrentou na infância” (RECORD TV GOIÁS, 2019). Júlio César é o primeiro dos três telespectadores citados diretamente na reportagem que realizaram doações para ajudar na nova etapa da vida de Milene. Nessa reportagem, a figura dos professores como guias e apoiadores da trajetória de Milene é substituída pela representação dos telespectadores que se comoveram com a sua trajetória, como relata Júlio César:

Nós éramos seis irmãos, meus pais na fazenda trabalhando pra que a gente estudasse aqui em Goiânia, né? E eu pensei de imediato: olha, uma pessoa que dificilmente vai dar errado na vida, porque ela tem o que os médicos todos deveriam ter, que é a paixão pelo que ela quer fazer (RECORD TV GOIÁS, 2019).

Administrador de uma clínica especializada em tratamento de câncer, o público descobre que Júlio César vai disponibilizar todo o material necessário para Milene ao longo do curso de Medicina, incluindo livros e equipamentos para aulas práticas. Novamente no depósito de materiais recicláveis, a repórter encontra a família para relatar outra caridade feita por uma telespectadora anônima, que doou para Milene um estetoscópio e um esfigmomanômetro, utilizado para medir a pressão arterial dos pacientes em atendimentos clínicos. Ao longo da reportagem, a estudante e sua família aparecem em poucas sonoras,

apenas para relatar como estão felizes com o que ganharam e, que agora, graças a reportagem, Milene vai poder realizar o sonho de cursar medicina. Em seguida, a reportagem apresenta Arnaldo, um empresário local que promete depositar uma quantia de dinheiro específica na conta de Milene até o final do curso. “A gente acha que sim, que só através de uma formação, dos estudos, é que a gente muda a história de uma menina que nem ela, da família e a história do Brasil, também. É através da educação” (RECORD TV GOIÁS, 2019), explica. O último telespectador é citado pela repórter enquanto ela conversa com Milene: “o dono de um restaurante em Araguaína, o Maurício, nosso telespectador, assistiu à reportagem [...] E ele está te oferecendo refeição gratuita todos os dias enquanto você estiver lá” (RECORD TV GOIÁS, 2019).

Após as boas notícias, a reportagem se encaminha para o seu arco final, mais uma vez, falando sobre a fé de Milene e sua família. Após todas as doações recebidas, Moisés, o pai da garota, compartilha um desejo sobre o futuro da filha: “O que eu mais quero é que ela não deixe o dinheiro convencer a amizade humana, o amor ao próximo e a fé em Deus” (RECORD TV GOIÁS, 2019). “Fé não pode fraquejar jamais” (RECORD TV GOIÁS, 2019), responde a repórter. “Jamais”, destaca Moisés (RECORD TV GOIÁS, 2019). Em seguida, a mãe da jovem relata sobre a mensagem que sempre procurou ensinar aos filhos e, atribui as conquistas alcançadas à fé da família em Deus:

A sua fé pode ser do tamanho do grão de mostarda, mas se você pôr ela em ação, as bênçãos de Deus, Ele provém tudo. Então, assim, (...) eles achava que aquilo ia ser difícil pro outro dia, inclusive as passagem, eu falei: minha filha, Deus proverá (RECORD TV GOIÁS, 2019).

Após o depoimento de Maria, a repórter junta mãe e filha na frente da câmera e faz um pedido: “Vamos falar nós três juntas? Pra encerrar essa reportagem? Pras pessoas em casa nunca se esquecerem disso. Como é que é?” (RECORD TV GOIÁS, 2019). Juntas, as três repetem “Deus proverá” (RECORD TV GOIÁS, 2019) e um “Amém” coletivo encerra a reportagem.

Com o conjunto de reportagens apresentado acima, a primeira etapa da análise, embasada no nível semântico e léxico do texto construído, identificou quatro atores sociais: a estudante, citada 47 vezes, a família, citada 42 vezes, os professores, citados 6 vezes e os telespectadores, citados 17 vezes.

Quanto à etapa referente à identificação dos papéis semânticos atribuídos aos atores sociais elencados, a estudante foi citada uma vez como agente, seis vezes como experienciador, também seis vezes como beneficiário, três vezes como paciente e uma vez como causativo. Já a figura dos professores, aparecem três vezes como agente e uma vez como experienciador. A família é representada cinco vezes como agente, cinco vezes como experienciador e uma vez como paciente. Por fim, os telespectadores aparecem três vezes como “agentes”, três vezes como experienciador e uma vez como benefactores.

Na etapa final de análise, com foco na identificação dos discursos referidos, foi possível apontar 8 menções indiretas sobre os atores sociais já definidos. Destas, cinco menções foram feitas pela repórter (quatro sobre a família da estudante e uma a respeito do telespectador), as outras três citações indiretas aconteceram durante as falas da família e todas foram sobre a estudante. As citações diretas aconteceram 18 vezes, oito delas foram feitas pela estudante, que falou duas vezes sobre a sua relação com a família e seis vezes sobre si. A família da estudante realizou 6 menções diretas, duas sobre a estudante e quatro sobre si. Entre os professores, foram duas citações diretas, ambas falavam sobre si e sobre a estudante ao mesmo tempo. Quanto aos telespectadores, foram duas citações diretas, uma sobre a estudante e uma sobre si mesmo e a estudante.

A segunda reportagem analisada no âmbito das produções jornalísticas regionais, foi veiculada no telejornal Balanço Geral Curitiba, exibido pela emissora RICTV, afiliada da Record em Curitiba, em 28 de março de 2022. Nesta narrativa de 06:16 minutos, a personagem principal e centro da notícia é Natielle Souza, uma jovem de 20 anos que recolhe lixo nas ruas da cidade para conseguir juntar dinheiro com objetivo de realizar sua matrícula na faculdade. Antes de o conteúdo ser exibido aos telespectadores, o apresentador faz uma breve introdução da reportagem, ele descreve a história de Natielle como uma “daquelas pra deixar o coração quentinho” (RICTV, 2022) e prossegue descrevendo a jovem como uma pessoa que “muitas vezes pode parecer invisível” (RICTV, 2022), comparando a garota com milhares de outros cidadãos que também possuem histórias semelhantes a de Natielle.

Sabe aquelas pessoas que se misturam à paisagem urbana da cidade grande? Mas, todo esse pessoal tem planos, essas pessoas têm sonhos [...] Nati é uma daquelas pessoas guerreiras, que ganha a simpatia de todos por onde passa. Uma mulher que se orgulha do que faz e sabe que ainda tem muito a fazer (RICTV, 2022).

Com o início da reportagem, o primeiro *off* da repórter segue o mesmo padrão narrativo do apresentador, introduzindo Natielle como “uma batalhadora” (RICTV, 2022) que “trabalha desde os quinze anos de idade” (RICTV, 2022). A repórter acompanha a estudante no seu trajeto diário durante a busca por materiais recicláveis. A garota, por sua vez, explica que o percurso entre sua casa e o bairro onde recolhe o lixo dura cerca de uma hora e meia.

A narrativa de Natielle, estabelecida pelo programa de TV Balanço Geral, não traz falas ou contextos que apresentem ao telespectador a família da garota ou aos seus professores. Assim, a única informação sobre Natielle que o público recebe diz respeito à sua profissão e seu valor como pessoa “batalhadora”, atribuído a ela devido ao trabalho que realiza. A falta de personagens secundários na reportagem, que busquem trazer um maior aprofundamento sobre a história da personagem principal da notícia é substituída pelo depoimento de uma zeladora de um dos prédios da vizinhança em que Natielle recolhe lixo. A fala da zeladora Adriana traz elogios para Natielle, chamando-a de “guerreira” e “batalhadora”, são pouco mais de 4 segundos de sonora que terminam com a frase “ela merece tudo o que há de melhor nesse mundo” (RICTV, 2022).

Até este momento, o público ainda não foi apresentado ao sonho de Natielle e a reportagem toma um rumo diferente ao abordar o preconceito que a garota sofre por precisar recolher lixo na rua para se sustentar. Um *off* da apresentadora mais uma vez reforça a dificuldade da atividade realizada pela estudante, ressaltando o orgulho da jovem em exercer a ocupação. “Um trabalho duro, puxado, mas muito digno. Nati não tem vergonha do que faz” (RICTV, 2022), descreve a repórter.

Em seguida, uma longa sonora de Natielle é inserida, a garota relata como se sente ao enfrentar olhares indelicados e comentários preconceituosos das pessoas que conhecem o seu trabalho e não aprovam. “Talvez nunca passou fome nem precisou fazer um serviço desses”, ela comenta ao rebater as críticas que recebe. A repórter, em outro *off*, reafirma ao público em casa que “todo esse sacrifício com certeza vai valer a pena”. Nesse momento, o objetivo da estudante é apresentado.

Faltando poucos minutos para o final da reportagem, o *off* da repórter explica: “Nati tem muitos sonhos, ser médica veterinária é só um deles” e, em seguida, pergunta para a garota o que ela pretende alcançar com os frutos colhidos devido ao trabalho que realiza. Natielle, então, conta do desejo de comprar uma casa própria e cursar a faculdade de medicina veterinária ou direito. Com esse objetivo esclarecido, a reportagem se encerra e a câmera volta rapidamente para o estúdio, onde o apresentador, visivelmente emocionado, faz

um apelo final ao público, pedindo doações para Natielle. Além disso, ele também tira um momento para, mais uma vez, exaltar a força de vontade da garota.

Você vê como tem gente que batalha nesse mundo? Né? E a Nati é um exemplo de pessoas que batalham pra conseguir vencer na vida. Às vezes não precisa você nascer num berço de ouro pra ter um... um futuro, né?, digno. É preciso batalhar, é preciso acreditar. E ela acredita, ela acredita que vai fazer a faculdade de veterinária, né?, ou vai ser advogada. Mas, ela vai conseguir (RICTV, 2022).

Seguindo os métodos de análise estabelecidos para este trabalho, foi possível identificar, na análise de nível semântico, apenas um ator social referente a figura da estudante, citada 55 vezes ao longo da reportagem. Na etapa de identificação do papel semântico atribuído aos atores sociais presentes no conteúdo analisado, a estudante aparece dez vezes como agente, sete vezes como experienciador, três vezes como identidade e uma vez como beneficiário. Em uma observação extra, a zeladora do bairro em que Natielle recolhe lixo também é representada uma vez como agente.

Quanto aos discursos referidos, foi possível perceber três citações indiretas a respeito da estudante. Destas, uma foi feita pelo apresentador do telejornal e duas pela repórter. Já as menções diretas aconteceram oito vezes, sete realizadas pela estudante falando sobre si mesma e uma pela zeladora, falando sobre Natielle.

Com as descrições dos objetos de análise reunidos nesta etapa da investigação, em conjunto com a identificação dos processos analíticos embasados pelo posicionamento de pesquisa da ACD, é possível traçar semelhanças e repetições dos padrões narrativos nas duas reportagens, que embasam e fundamentam a prática do telejornalismo melodramático nos produtos em destaque, elaborado com foco em uma narrativa centrada na trajetória do herói, que reforça padrões identificados nos discursos meritocráticos ao enquadrar os personagens sob o ângulo da superação individual de obstáculos.

Em um primeiro momento, é válido ressaltar as semelhanças encontradas na representação dos atores sociais envolvidos em ambas as narrativas. Nas duas, o papel do estudante é a figura central da reportagem; no entanto, é importante destacar que as representações de ambas as estudantes não acontecem apenas com a citação de seus respectivos nomes. No caso da primeira reportagem aqui apresentada, Milene também é descrita uma vez como “criança pobre”, duas vezes como “médica” e duas vezes como “doutora”, todas as três representações reforçam a ideia de que a identidade da garota é moldada por sua condição financeira e pela possibilidade de ascensão social, promovida por

meio do curso de medicina. Já no caso de Natiele, além do seu nome, a reportagem também se refere à estudante três vezes como “batalhadora”, destacando a força de vontade que ela tem para mudar a sua realidade.

Neste aspecto, é possível perceber um enquadramento que se apresenta como favorável aos ideais meritocráticos na construção da identidade das duas personagens. Isso porque, se faz clara a correlação da pobreza das estudantes com a possibilidade de mudança de vida proporcionada por suas respectivas trajetórias impulsionadas pelos estudos, no caso de Milena, e pela determinação de trabalhar para bancar um futuro aparentemente inacessível para pessoas mais pobres, no caso de Natiele.

Além do espectro meritocrático, também pode-se inferir as nuances que relacionam as representações dos atores sociais com a trajetória do herói ambientada na produção de roteiros e descrita por Volger (2015). A primeira denotação deste aspecto, ainda no âmbito da análise dos atores sociais, diz respeito aos dois produtos jornalísticos que contam a história de Milene, na matéria principal, a narrativa usa, uma vez, o termo “mestre”, para se referir aos educadores que ajudaram a estudante durante o processo de aprovação. Já na suíte, a figura dos professores é substituída pela presença dos telespectadores que, com seus atos de caridade, passam a guiar o futuro de Milene, ajudando a garota financeiramente para que ela possa cursar medicina em uma cidade distante de sua casa.

Ambos os tipos de apresentação dos personagens utilizados na reportagem da Record TV Goiás, estão de acordo com os preceitos elaborados por Vogler (2015), responsável por estabelecer técnicas utilizadas para apresentar a figura de um mentor dentro de uma narrativa que envolve o fluxo temático da trajetória do herói. Para o autor, a figura do Mentor ou do Sábio, é representada por “todos os personagens que ensinam e protegem os heróis e lhes concedem presentes” (VOLGER, 2015, p. 79), sendo assim, a responsabilidade do mentor dentro de uma história é guiar o herói ao longo da sua Jornada do Herói.

Ainda para Volger (2015), o arquétipo do mestre pode cumprir diversas funções dramáticas em uma narrativa. Na produção da Record TV Goiás é possível enxergar duas delas. A primeira, presente na reportagem principal, diz respeito ao mentor responsável por repassar ensinamentos: se aprender é uma função chave da figura do herói, ensinar é o traço que define o mentor. Vale destacar também a semelhança entre a citação utilizada na reportagem com a função dramática do mentor responsável por repassar os ensinamentos. Na produção, um *off* destaca o papel do professor de biologia de Milene: “Mestre e aluna frente a frente, ou aluno e mestre, aqui tanto faz. Enquanto ensinou biologia pra Milene, Póvoa também aprendeu muito sobre determinação” (RECORD TV GOIÁS, 2019), em Vogler

(2015), a função dramática do mentor como guia de ensinamentos é descrita como: “Qualquer um que já tenha dado aulas sabe que se aprende tanto com os alunos quanto eles aprendem com o professor” (VOGLER, 2015, p. 87).

O segundo papel dramático descrito pelo escritor retrata a função do mentor como o responsável por presentear o herói, esse tipo de arquétipo ganha destaque na suíte realizada pela Record TV Goiás sobre o caso de Milene, no momento em que os telespectadores assumem o papel de mentores de sua trajetória, quando representados entregando doações em dinheiro, roupas, alimento e material escolar, todos itens que serão essenciais para que a estudante consiga atingir seu objetivo de se mudar para a cidade em que foi aprovada no curso de medicina.

Na análise de Vladimir Propp de contos de fadas russos, *A morfologia do conto maravilhoso*, ele identifica essa função como a de um “doador” ou provedor: aquele que temporariamente ajuda o herói, em geral lhe oferecendo algum presente. Pode ser uma arma mágica, uma chave ou pista importante, algum remédio ou alimento mágico ou um conselho salvador (VOGLER, 2015, p. 81).

Outro ponto importante referente aos mentores que assumem a figura de doadores, está relacionado com o merecimento dos presentes ofertados. Nesse sentido, Propp *apud* Vogler (2015) destaca que os heróis, costumeiramente, só recebem doações depois de passar por algum tipo de teste. “É uma boa regra básica: o presente ou ajuda do doador deve ser merecido pelo aprendizado, sacrifício ou compromisso” (VOGLER, 2015, p. 82). Essa dinâmica é percebida em ambas as produções, em maior grau na reportagem da Record TV Goiás. Esses fatos também corroboram para o fortalecimento do senso comum meritocrático que atribui o sucesso apenas para aqueles que merecem alcançar os bons resultados, ou seja, aqueles que, obrigatoriamente, passaram por desafios e conquistaram suas recompensas individuais como fruto do seu próprio esforço.

No caso da narrativa de Milene, a emissora dedicou cerca de seis minutos, na reportagem principal, apenas para relatar os problemas e sacrifícios enfrentados pela estudante. Foi apenas na realização da suíte que Milene e sua família foram visitados novamente pela equipe de reportagem responsável por unir a família com seus doadores. Já na produção da RICTV, só após o final da exibição dos desafios enfrentados por Natiele diariamente ao recolher lixo das ruas com objetivo de juntar dinheiro para sua faculdade, que o apresentador do telejornal pede aos telespectadores para que sejam efetuadas doações em prol da estudante: “Às vezes a gente tá cheio de cacareco em casa, material reciclável. Faz



uma limpeza, né? Dê um jeito de ajudar ela, eu não sei se ela busca ou se você leva, enfim, através do telefone vocês podem se acertar, tá bom?” (RICTV, 2022), apela o jornalista ao público.

Ainda dentro deste espectro de análise é possível fazer uma correlação das figuras dos mentores com a quantidade de vezes que estes aparecem como “agentes” durante a observação dos papéis semânticos representados nas reportagens. No caso da reportagem exibida pela Record TV Goiás, os telespectadores aparecem três vezes como “agentes”, enquanto os professores são representados da mesma maneira por mais outras três vezes. Esse papel semântico coloca sob responsabilidade dos mentores parte do sucesso de Milene, usando as duas figuras presentes na narrativa como uma maneira para suprir uma responsabilidade que deveria ser obrigação do Estado para com a estudante.

Em conjunto com a representação das personagens, também é possível avaliar a função que os papéis semânticos atribuídos às duas estudantes desempenham no reforço da hipótese defendida neste trabalho. Nesse sentido, durante o processo de avaliação qualitativa dos atores sociais, a semelhança mais relevante encontrada entre as duas reportagens em destaque é referente ao número de vezes em que a figura das estudantes ou de suas famílias é apresentada cumprindo o papel semântico de sujeito agente. Nas duas reportagens da Record TV Goiás, principal e suíte, ainda que a estudante Milene apareça apenas uma vez como “agente”, sua família é representada no mesmo papel por outras cinco vezes. No total, são seis vezes em que a responsabilidade das ações efetuadas pela estudante recaíram sob sua atribuição ou de sua família, sem ajuda de terceiros. Já na reportagem da RICTV, a estudante Natielle é citada dez vezes como agente, seguindo a mesma lógica do que foi possível perceber na produção da Record TV Goiás, em que a responsabilidade da “mudança de vida” encontra-se diretamente ligada com as atitudes tomadas pelas estudantes e seus responsáveis legais.

Além disso, em nenhum momento, as estudantes ou suas respectivas famílias ocupam o papel semântico de vítimas, o Estado ou autoridades governamentais em nível regional, estadual ou federal também não são citadas como atores sociais e não cumprem nenhum papel semântico na narrativa. Essas representações corroboram para a manutenção dos ideais meritocráticos que defendem a ideia do “*self made-man*”, conceito cunhado por Henry Clay, estadista e advogado norte-americano, para descrever indivíduos que, apesar das marginalizações e opressões impostas socialmente, conseguem ascender financeiramente com base apenas no seu esforço individual, independente de outras condições externas adversas.

Por fim, a última categoria analítica que envolve a análise pragmática em torno dos discursos referidos identificou que, em ambas as reportagens, os atores sociais, previamente listados, são citados ao menos uma vez; no entanto, o papel das estudantes ganha maior destaque nesta etapa. Isto porque, entre todas as citações, diretas e indiretas, que compõem o discurso referido das duas reportagens, a grande maioria está relacionada com a descrição e criação da identidade e personalidade da figura das estudantes diante da audiência.

No caso de Milene, entre as 26 menções identificadas, a estudante foi tema central de 14 delas, ou seja, ela era o centro da narrativa em mais de 50% das vezes em que uma citação a respeito de um dos atores sociais foi feita, seja de maneira direta ou indireta. Em relação a Natielle, a estudante foi o tópico principal de todas as 11 citações, diretas ou indiretas, que foram reconhecidas.

Assim, devido à prevalência do foco nas estudantes em todos os processos analíticos elencados e, principalmente, durante a fase respectiva às observações a respeito dos discursos referidos, é importante destacar a função que essas citações exercem no poder de transmissão das ideias que a emissora deseja repassar por meio do seu discurso midiático. Entre as frases selecionadas, foi possível perceber três assuntos centrais que fazem parte do subcontexto das falas que representavam as estudantes: dedicação, fé cristã e emoção.

Isso significa que, na grande maioria das menções, as estudantes foram representadas ou se auto representavam como pessoas de muita fé, dedicadas aos estudos e ao trabalho, capazes de inspirar emoções fortes que provocam identificação naqueles impactados por suas histórias. No caso da reportagem da Record Goiás, frases como: “o esforço que eu estou fazendo é por ela. Por ela, pra dar uma vida melhor pra ela, pros meus irmão, pra ajudar todo mundo, a família” (RECORD TV GOIÁS, 2019) carregam a perspectiva da determinação. Já as repetitivas menções a Deus feitas, em grande parte, por Milene e sua mãe, encorajadas pela repórter, podem ser exemplificadas quando a estudante desabafa: “[...] tem Deus pra levantar a gente. Ele dá força, ele dá aquela garra, assim, pra gente subir. Apesar das circunstâncias, de tudo que passou, de tudo que sofreu” (RECORD TV GOIÁS, 2019).

A promoção da emoção, com objetivo da identificação no público também é um fator observado no caso de Milene, que pode ser representado em momentos como quando, na suíte, um telespectador explica que, após ver a reportagem, todos no seu consultório médico decidiu se reunir para ajudar a garota.

A mesma dinâmica também acontece na reportagem da RICTV, com Natielle. No caso da estudante, a tentativa de comoção do público fica por conta do apresentador do telejornal, que faz apelos antes e depois da exibição da notícia: “[...] e ela acredita, ela

acredita que vai fazer a faculdade de veterinária, né? Ou vai ser advogada. Mas ela vai conseguir” (RICTV, 2022). Aqui, os exemplos de determinação acontecem em mais da metade das citações diretas, provando que o objetivo central da reportagem é, de fato, elogiar a capacidade batalhadora de Natielle, tratá-la como uma heroína. “Eu falo que a gente tem que encarar de peito aberto, né? E cabeça erguida, porque é um serviço honesto” (RICTV, 2022).

O contexto da fé aparece em duas citações diretas de Natielle: na primeira, a fé se apresenta em um contexto mais generalizado, sem relação direta com a fé cristã, a garota destaca que é preciso focar em um futuro positivo e não pensar nas coisas ruins que acontecem na sua vida; em um segundo momento, a figura de Deus é evocada pela estudante, que contextualiza sua fala com a presença da fé cristã: “[...] Se Deus quiser, um dia eu ainda vou conseguir” (RICTV, 2022).

Por isso, fica perceptível que as motivações implícitas nos discursos referidos apresentados, reúnem objetivos que dialogam com a lógica meritocrática de pensamento e com a dinâmica melodramática da narrativa da trajetória do herói. A tentativa de construir personagens determinadas, que depositam suas esperanças de ascensão de vida na própria força de vontade e na fé em Deus aliada a um otimismo ilusório, retira, de maneira implícita, a responsabilidade que deveria ser do Estado, em promover acesso à educação de qualidade, para que o desenvolvimento social e financeiro fosse alcançado por meio de um processo profissionalizante capaz de promover a igualdade entre cidadãos independente de seus contextos de renda pré-estabelecidos ao nascimento. Assim, a determinação e a fé como ferramentas subentendidas nos discursos referidos aludem aos ideais de meritocracia, que defendem e vangloriam trajetórias de desenvolvimento individual, em que os que alcançam o sucesso fazem isto por mérito próprio, independente das circunstâncias.

Nessa lógica, apenas essas pessoas, que são consideradas como determinadas, merecem a ascensão social, enquanto as outras que por algum motivo não conseguem atingir bons resultados nos estudos e no trabalho, merecem a fatal realidade, pois, para o conceito meritocrático, elas não se esforçaram o suficiente. É importante destacar que a ideia deixa de lado os diversos contextos sociopolíticos de marginalização e exclusão social que impactam diretamente as camadas mais pobres e oprimidas da sociedade, generalizando todos os que não conseguem sucesso na vida como pessoas que falharam e deixando de lado a responsabilidade social e estatal da questão.

Quanto à emoção como ferramenta predominante na reportagem de Milene, fica evidente o uso do apelo melodramático para atingir a audiência. Esse discurso tem dois

objetivos, o primeiro deles está relacionado ao retorno financeiro da emissora, como já abordado neste trabalho. As narrativas que se assemelham ao entretenimento captam com maior facilidade a atenção do público, o que retém a audiência por mais tempo, impactando diretamente nos lucros da rede televisiva. Essa melodramatização da notícia é feita por meio das técnicas da Trajetória do Herói, que também utiliza de conceitos semelhantes à determinação e fé para criar arquétipos de heróis em narrativas fictícias.

Com isso, é possível concluir que os dados obtidos por meio da análise realizada em conjunto com processos elaborados por meio do posicionamento de pesquisa da ACD reafirmam padrões de reforço e endosso à meritocracia no discurso televisivo das reportagens regionais apresentadas, que se apropriam de conceitos que remetem à Trajetória do Herói para explorar ângulos melodramáticos de narrativas reais, com objetivo de afastar a audiência da informação em prol de benefício próprio com a transformação do jornalismo em entretenimento, o que alavanca a permanência do telespectador na frente da televisão e impulsiona os lucros da emissora. Além disso, a postura acrítica dos conteúdos também beneficia a isenção governamental diante as situações apresentadas, o que também comprova um acordo de proteção entre grandes veículos midiáticos e o poder público, responsável pelas concessões das emissoras.

## **4.2 Reportagens nacionais**

Para o momento de análise do material produzido no telejornalismo com foco nos produtos de difusão nacional, a primeira reportagem escolhida foi exibida em março de 2021, no Fantástico, revista eletrônica dominical da Rede Globo. No total, a produção conta com 05:09 minutos e retrata a vida de Arthur Mesquita, um jovem de 15 anos, morador da área rural do município de Alenquer, localizado no oeste do Pará, que, durante a modalidade de aulas remotas, provocada pela pandemia de covid-19 entre os anos de 2020 e 2021, precisou improvisar um local de estudos em cima de uma árvore no quintal de casa para receber sinal de internet e conseguir acompanhar os conteúdos repassados.

A notícia foi exibida como a última reportagem da noite, no encerramento do programa. Por isso, antes da sua transmissão, os apresentadores do programa alertaram a audiência sobre o conteúdo que seria transmitido em sequência, destacando que a história que todos em casa estavam prestes a acompanhar se tratava de uma narrativa de esperança no meio das diversas notícias negativas que tomavam conta da mídia durante o ápice do período pandêmico.

A gente vai encerrar o programa com uma história de resistência diante das dificuldades impostas pela pandemia. Um rapaz de quinze anos que improvisou um cantinho de estudos no alto de uma árvore pra não perder as aulas online. Boa noite, um abraço, pessoal (GLOBOPLAY, 2021).

Em seguida, uma trilha sonora comovente se torna plano de fundo para imagens aéreas da Floresta Amazônica, enquanto o primeiro *off* da repórter apresenta a árvore do quintal de Arthur como uma personagem ativa da narrativa: “Em meio a vegetação da maior floresta tropical do planeta, está ela. Oferecendo sombra e esperança” (GLOBOPLAY, 2021). Nesse momento, com o final do *off*, a imagem é centralizada em um jovem sentado em uma mesa de madeira localizada embaixo da árvore.

Antes de elencar quais seriam os atuais problemas enfrentados por Arthur, a repórter opta por um rumo mais otimista para a história e questiona o garoto sobre os seus planos para o futuro. A resposta de Arthur, “dar uma vida melhor pra minha mãe, pro meu pai e terminar minha faculdade” (GLOBOPLAY, 2021), é o gancho que a narrativa utiliza para transformar a árvore em agente ativo do processo estudantil do jovem. “É com a ajuda dela que o Arthur se mantém como um dos alunos mais aplicados do primeiro ano do Ensino Médio da rede pública do município de Alenquer, no oeste do Pará” (GLOBOPLAY, 2021).

Quase monossilábicas, as sonoridades de Arthur revelam os poucos momentos em que o garoto explica sua situação para a audiência, “Não dava sinal bom, mas aí (nós) resolveu subir aí em cima, foi o que deu melhor o sinal” (GLOBOPLAY, 2021), explica o jovem quando perguntado porque resolveu estudar em cima da árvore do quintal de sua casa. Em outro *off*, a repórter complementa, ao esclarecer que Arthur convive com a falta de sinal de internet desde novembro de 2020, época em que sua família se mudou para a região rural.

Dessa forma, para driblar a situação, o jovem, ao lado dos irmãos, construiu uma escada, um apoio para o celular e um pequeno banco, todos suspensos nos mais altos galhos, para conseguir obter recepção de dados móveis e assistir às aulas online. Após imagens que retratam Arthur subindo na sua instalação na árvore, a reportagem apresenta o único ponto que carrega uma visão mais crítica da situação. Por meio da sonora de Jeferson Silva, professor de Arthur, é explicado ao público que o garoto não é o único estudante que sofre com a precariedade da internet na região. “A realidade de Alenquer, em questão de internet, é uma realidade muito preocupante. Se é uma realidade difícil pros alunos aqui da zona urbana, pior ainda pros alunos da zona rural” (GLOBOPLAY, 2021).

Neste momento, a repórter também apresenta dados que destacam o número total de alunos da zona rural que estão matriculados na rede pública de Alenquer e possuem acesso restrito à internet. No entanto, logo em seguida, o tom na notícia volta para a positividade: em outra sonora de Jeferson, o professor destaca que a instalação na árvore mudou o estilo de estudo de Arthur, que passou a se dedicar mais e atingir bons resultados.

O último arco da reportagem continua com o contexto geral da determinação, mas, dessa vez, é apresentada a relação de Arthur com o trabalho na lavoura ao lado do pai. A repórter destaca positivamente que, além de estudar assiduamente em condições não favoráveis, quando não está estudando, Arthur ainda tem força de vontade para ajudar o pai no trabalho manual na lavoura. Nos minutos finais, o público também descobre que, antes da ajuda da árvore, a família de Arthur já precisava suprir a ausência do Estado na região.

Até investir numa antena rural, que dá acesso à internet, que custou quase dois mil reais. Mas não adiantou, sinal bom mesmo, só do alto da mangueira. Por isso, a família ainda paga um plano mensal de cento e vinte reais para a operadora de celular (GLOBOPLAY, 2021).

Todos esses esforços representam o objetivo comum de Arthur e sua família para que ele consiga ter acesso a uma educação que o prepare para disputar uma vaga em um curso universitário voltado para o campo, com intuito de ajudar na rotina campestre dos pais. A notícia se encerra com uma sonora do professor de Arthur, elogiando a vontade que o estudante tem de mudar a sua própria realidade.

Durante o processo de análise realizado por meio dos processos referentes ao posicionamento de pesquisa da ACD que embasa metodologicamente este trabalho foi possível compreender, no âmbito semântico da investigação, a identificação de três atores sociais: o estudante, citado 31 vezes, a família, citada 13 vezes e o professor, citado apenas uma vez. Quanto ao processo referente aos papéis semânticos relacionados aos atores sociais que foram encontrados, o estudante foi apresentado 11 vezes como agente, duas vezes como identidade, uma vez como beneficiário e uma vez como tema. Já a família foi identificada quatro vezes como agente.

Já na parte final da análise, com intuito de conhecer os discursos referidos que atribuem contexto a narrativa, foram levantadas 13 menções indiretas sobre o estudante. Destas, nove foram feitas pela repórter, três pelo professor e uma pelo pai do estudante. Já as menções diretas aconteceram cinco vezes, três por meio do estudante, falando sobre si

mesmo, duas realizadas pela família e uma pelo professor, todas também tinham o estudante como temática.

A segunda reportagem retratada para representar as transmissões em rede nacional foi veiculada em janeiro de 2022, no Domingo Espetacular, revista eletrônica dominical da Record. A reportagem tem 10:37 de duração e relata a história de Wellington José, um jovem de 29 anos, nascido no município rural de Ribeirão, próximo da capital pernambucana, Recife, que trabalhava como cortador de cana e conseguiu se formar em medicina em uma renomada faculdade particular.

Como de costume neste tipo de produção, antes da reprodução da notícia, os apresentadores realizam uma pequena introdução do que o público verá a seguir: aqui, o primeiro jornalista categoriza a narrativa como “emocionante”, destacando que Wellington é “um jovem que batalhou pesado na lavoura, cortando cana ao lado do pai, mas que ele nunca desistiu de sonhar” (DOMINGO ESPETACULAR, 2022). Em seguida, a segunda jornalista complementa ressaltando que “nem as piores dificuldades o impediram de chegar lá” (DOMINGO ESPETACULAR, 2022).

A reportagem começa no ápice da trajetória de Wellington, sua formatura de medicina. O público assiste um vídeo de arquivo pessoal em que o estudante tem o nome chamado durante a celebração e segue para receber o diploma. No *off* que aparece logo em seguida, o repórter complementa o teor emocional da história do jovem. “Como não se emocionar em uma cerimônia de formatura? Ainda mais para Wellington, que lutou tanto pra chegar até aqui e receber o tão sonhado diploma do curso de medicina” (DOMINGO ESPETACULAR, 2022). Após a introdução, uma pequena entrevista entre o repórter e Wellington remonta o contexto vivido pelo garoto antes da sua aprovação no curso: ele explica a felicidade que sente com tudo que conseguiu alcançar e relembra suas origens. Filhos de pais analfabetos, precisou começar a trabalhar cedo no corte de cana ao lado do pai para poder sustentar a família. Wellington também perdeu a mãe antes de entrar na graduação de medicina.

Mesmo com as dificuldades, uma sonora do pai destaca o contínuo interesse por estudos que sempre esteve presente na vida do filho, ressaltando que Wellington costumava se destacar entre os outros estudantes por seu interesse em ler e escrever. Nesse momento, a reportagem intercala entre passagens em que o potencial acadêmico de Wellington é destacado por sua família e professores e algumas novas contextualizações a respeito dos problemas enfrentados pelo estudante.

No ensino médio, como precisava estudar e não tinha acesso ao transporte público, ele tinha que pedalar cerca de cinquenta quilômetros ida e volta, todos os dias, por uma estrada de terra como essa, pra chegar até a sala de aula. A bicicleta que o ajudou a mudar de vida, Wellington ganhou num sorteio na escola (DOMINGO ESPETACULAR, 2022).

Ao longo da produção, a repórter, assim como familiares e professores também reforçam a informação de que Wellington é uma pessoa uma determinação fora do comum, aludindo ao fato de que muitas outras pessoas teriam desistido de seus sonhos caso enfrentassem as mesmas dificuldades. Uma frase importante, dita pela repórter, marca esse ideal defendido pela notícia: “desistir é um verbo que nunca fez parte do vocabulário de Wellington” (DOMINGO ESPETACULAR, 2022).

Em um momento mais emocional da narrativa, a repórter explica que o curso de medicina também foi a realização de uma promessa, feita por Wellington para sua mãe enquanto ela estava doente. Por isso, a reportagem explica que o estudante passou a se esforçar para chamar a atenção dos professores que lecionavam nos cursinhos pré-vestibulares preparatórios para medicina. O estudante ressalta a importância da figura de seus mestres na conquista da sua aprovação e a reportagem insere sonoras de professores responsáveis por ajudar Wellington durante a jornada.

Entre os professores apresentados, a professora Luciana é chamada de “mãe” por Wellington. Ela foi responsável por oferecer uma vaga de trabalho ao garoto no seu cursinho, para que ele pudesse pagar a mensalidade e, além disso, custeou a alimentação de Wellington durante os anos em que ele estudou ao seu lado. A educadora ainda revela que o jovem costumava ficar das 7h da manhã até às 22h da noite dedicado aos estudos e ambos ressaltam que as atividades de Wellington incluíam o trabalho e o estudo. Em outra sonora, o professor de física Carlos Alberto destaca como sentiu que Wellington não conseguiria passar no vestibular sem uma matrícula no cursinho preparatório, por isso, revela que foi responsável por oferecer uma bolsa de estudos ao garoto.

Em mais outro impasse, a reportagem relata que, para pagar a taxa de inscrição do vestibular, Wellington teve que voltar para a roça e trabalhar um dia inteiro ao lado do pai cortando cana, como fazia antes de se dedicar aos estudos. O único momento em que a função do Estado como órgão responsável por garantir o acesso à educação é citada acontece quando a repórter relata que, por meio do Programa Universidade para Todos (Prouni), Wellington conseguiu cursar medicina em uma faculdade particular.



O arco final da reportagem é voltado para celebrar as conquistas de Wellington. A repórter descreve: “E foi assim, com essa força de vontade extraordinária e amor incondicional aos estudos que o cortador de cana virou doutor”. Nos últimos minutos, o público também descobre o desejo do estudante de mudar a vida da sua família, ao retirar o pai do corte de cana. Após mais algumas sonoras em que os professores de Wellington descrevem o orgulho que sentem por ele, a reportagem é encerrada com uma mensagem do estudante que marca, mais uma vez, o tom da reportagem: “As pessoas não têm obrigação de acreditar no seu sonho. É você que tem obrigação de mostrar pra elas que, mesmo parecendo impossível, você vai conseguir” (DOMINGO ESPETACULAR, 2022).

Na análise realizada para a reportagem do Domingo Espetacular, foi possível apreender, no campo léxico da narrativa, a identificação de três atores sociais: o estudante, citado 90 vezes, a família, citada 27 vezes, e os professores, citados oito vezes. Na identificação dos papéis semânticos, observou-se que o estudante foi citado 23 vezes como agente, quatro vezes como identidade, três vezes como beneficiário, duas vezes tema, duas vezes como experienciador e uma vez como paciente. A família aparece duas vezes como agente e uma vez como identidade, já os professores são retratados uma vez como benefactores e duas vezes como agente.

Para a etapa de identificação dos discursos referidos, foram identificadas três menções indiretas pela repórter sobre o estudante e 16 menções diretas, entre elas, oito foram realizadas pelo estudante, que falou cinco vezes sobre si, uma vez sobre a família e uma vez sobre os professores. Além disso, os professores realizaram seis menções diretas sobre o estudante, enquanto a família efetuou duas menções sobre Wellington e uma sobre si, feita pelo pai do garoto.

Após as descrições dos objetos de análise em âmbito de reprodução nacional, cabe avaliar os resultados encontrados individualmente com os processos analíticos pertencentes ao posicionamento da ACD e efetuar comparações que corroborem para sustentar a hipótese de que a mídia reforça na população o mito da meritocracia, por meio de narrativas melodramáticas que usam do sistema de produção de histórias da trajetória do herói para vangloriar processos de ascensão social de pessoas mais pobres por meio de um esforço maior para alcançar lugares e posições sociais as quais as camadas mais ricas conseguem atingir com menos esforço.

Seguindo a ordem já estabelecida, cabe mencionar as semelhanças definidas entre as representações dos atores sociais, em especial, os dois estudantes. Assim como ocorre nas reportagens regionais, aqui, Arthur e Wellington não são representados apenas por seus

nomes ou por outros vocativos comuns à gramática portuguesa. No caso da reportagem da Rede Globo, Arthur também é mencionado como “aluno” e “rapaz de quinze anos”, já para a produção da Record, Wellington também é representado como “cortador de cana”, “médico”, “filho de pais analfabetos” e “doutor”. Percebe-se, assim, que todas as representações citadas buscam categorizar a identidade dos personagens apenas por meio dos estudos ou trabalho, prática que também acontece na lógica de pensamento meritocrática, em que um cidadão tem sua importância social medida de acordo com o seu potencial de desenvolvimento intelectual e corporativo.

Ainda é importante notar que, assim como também aconteceu no processo de análise das reportagens regionais, o papel semântico atribuído com mais frequência à figura dos estudantes e de suas famílias é o de agente, novamente reforçando os ideais defendidos pela ideologia da meritocracia em que a responsabilidade de desenvolvimento profissional e intelectual deve ser considerada uma obrigação individual. Dessa forma, é possível perceber, novamente, o reforço ao conceito do *self made-man*, como também acontece nas reportagens que retratam as narrativas de Milene e Natielle.

Outro ponto em comum diz respeito à figura dos professores, presente com maior impacto na reportagem da Record. Os educadores que ajudaram Wellington são descritos como “mestres” e “gigantes”, o que novamente remonta os padrões narrativos elaborados por Vogler (2015) que reproduzem a trajetória do herói para dramatizar uma narrativa e torná-la mais atraente ao público. Nesse caso, os professores assumem novamente o papel de guias e mentores, o que além de reforçar o uso das técnicas de ficcionalização de um fato real, também exime, em parte, a responsabilidade do estado diante o dever constitucional de promover educação de qualidade e acessível para todas as classes sociais.

Se as reportagens não abordam, em nenhum momento, que a ausência do poder público na vida dos personagens é o que motiva professores e outros benefactores à assumirem a responsabilidade de guiar a vida destes jovens, agenda-se um debate social que gira em torno da importância da filantropia, enquanto a criticidade é deixada de lado, o que resulta na falta de pressão da sociedade civil para que os governantes atuem com maior eficácia na redução das desigualdades educacionais no Brasil.

Para a última categoria analítica, referente à investigação pragmática dos discursos referidos, é factível afirmar que, em semelhança ao que já foi analisado nas reportagens de transmissão regional, os estudantes são a temática central da maioria das citações diretas e indiretas. No caso da reportagem da Rede Globo, Arthur foi o assunto principal das dez

menções diretas e indiretas, já Wellington, na reportagem da Record, foi tema das três menções indiretas e de 13 das 16 citações diretas.

Em outro paralelo, também é possível perceber que grande parte das citações continuam reforçando os ideais de determinação e força de vontade em relação aos estudos e trabalho, categorizando esses sentimentos como as únicas ferramentas necessárias para o sucesso profissional e intelectual, descontextualizando a narrativa que se afasta da crítica às desigualdades sociais e se aproxima da melodramaticidade apelativa e espetacularizada, sem propósito informativo ou reflexivo, se transformando apenas em entretenimento dramático.

No caso da reportagem da TV Globo, frases como: “ele fez daquela árvore a sua sala de aula, né? E isso mudou completamente o estilo de estudo dele” (GLOBOPLAY, 2021), carregam a perspectiva da determinação, insinuando que Arthur foi o responsável por tomar uma iniciativa para resolver o problema enfrentado e, por consequência disso, conseguiu obter resultados satisfatórios na sua trajetória escolar. Em comparação com a reportagem da Record, o mesmo também acontece. Frases como “por ser uma família numerosa, uma família sem muitas condições, a gente acabou desde muito cedo sendo inserido, assim, no corte de cana também, pra tentar ajudar em casa e fazer com que nós tivéssemos algumas condições melhores” (DOMINGO ESPETACULAR, 2022) demonstram isso.

Com as citações acima representadas, é possível admitir que existe, por meio do discurso referido, objetivos e motivações implícitas da emissora, que perpassam os enquadramentos da reportagem, em agendar debates voltados para a valorização de ideais meritocráticos, ao reforçar o trabalho individual para a ascensão de classe e a importância da determinação e força de vontade como força motriz da mudança de vida. Além disso, também é possível perceber a ausência da crítica destas produções em relação ao papel do Estado, responsável por garantir o acesso à educação e a elaboração de políticas públicas que diminuam as disparidades sociais no país. Nesse sentido, as reportagens nacionais também perpetuam o mesmo discurso identificado nas produções regionais, comprovando que a tendência da dramatização das narrativas resulta no afastamento do papel do jornalismo crítico, responsável por provocar reflexões e atuar como um vigilante dos poderes públicos.

Ao invés disso, as emissoras optam por histórias roteirizadas segundo padrões narrativos nos moldes da indústria do entretenimento, ao seguir rotas que traduzam a vida dos personagens apresentados em uma trajetória do herói, com intuito do ganho de lucro próprio e proteção dos interesses e alianças pessoais com figuras governamentais, deixando de lado os interesses da população.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi observado durante a etapa de análise deste trabalho, é possível inferir que as reportagens exibidas em escala regional e nacional seguem um padrão narrativo que faz uso das técnicas de construção de roteiro presentes na estrutura da Jornada do Herói, elaborada por Joseph Campbell e aplicada por Vogler (2015) no desenvolvimento de produções audiovisuais fictícias para o cinema. Ao se apossar dessas táticas textuais e imagéticas na elaboração da reportagem e na constituição da identidade dos personagens apresentados, observa-se a criação de um jornalismo melodramático, que privilegia o impacto do drama e do choque em detrimento do repasse de informações factíveis de forma crítica e reflexiva. Esse processo, portanto, resulta em um abandono dos valores éticos da profissão, que se comprometem com a defesa dos interesses da população, em prol do alcance de maiores números na audiência e da manutenção das boas relações corporativas e lobistas entre os respectivos conglomerados comunicacionais e os grandes nomes políticos e econômicos do país.

Ao levar em consideração que o objetivo do trabalho concentra-se em comprovar que a maneira melodramática de produção no telejornalismo resulta na ausência do agendamento de debates críticos a respeito dos ideais falaciosos da meritocracia, quando os programas buscam retratar narrativas que apresentam um foco noticioso em histórias de superação de estudantes de baixa renda no Brasil, a análise elaborada também comprova que, por meio dos critérios analíticos que abarcam os conceitos da ACD, as reportagens fazem uso de ferramentas discursivas no âmbito semântico e léxico, atribuindo papéis específicos aos sujeitos apresentados, colocando os estudantes na função de agentes de seus futuros, ao passo que atribuem pouca ou nenhuma responsabilidade do Estado na construção de caminhos que viabilizem o desenvolvimento estudantil das classes mais baixas da população.

Por meio dessas técnicas, confirma-se a existência de um enquadramento, realizado pelas reportagens analisadas, que corrobora para que o público enxergue os sofrimentos e desafios enfrentados pelos estudantes como moedas de troca pelo sucesso, valorizando, de forma exagerada, conceitos que estão presentes no cerne da ideologia da meritocracia, que superestimam o senso de determinação, trabalho e estudo como porta de entrada para o sucesso, independente de condições externas que possam dificultar o alcance de bons resultados. Neste caso, as reportagens fazem parecer que para superar dificuldades instauradas devido às disparidades sociais estratificadas no Brasil, basta apenas ter força de vontade e desejo de mudar a própria realidade, o que configura um pensamento desonesto e

falacioso, visto que casos como os apresentados nas reportagens são exceções na realidade brasileira, em que os grupos mais pobres enfrentam uma série de opressões sistemáticas que só podem ser superadas com intervenções estatais, formuladas por meio de políticas públicas.

Como um breve exemplo, na produção da Record Goiás, que conta a história de Milene em uma reportagem principal e uma suíte, a estudante só foi capaz de superar suas dificuldades por meio da atenção que recebeu com o efeito provocado pela produção da reportagem principal, ou seja, as atitudes filantrópicas cumpriram o papel do Estado na vida da personagem que, provavelmente, não teria superado as dificuldades com o esforço individual se não fosse pela ajuda que recebeu dos telespectadores da emissora.

Comprova-se, então, que as narrativas exploradas enquadram histórias de superação sob uma ótica desonesta, que reforça mitos criados pela ideologia meritocrática e desestimula o pensamento crítico da população a respeito das situações apresentadas. Esse processo, resulta em um agendamento de debates rasos, que não contemplam estratégias civis de mobilização social para pressionar representantes políticos ao desenvolvimento de políticas públicas que efetuem a promoção justa e verdadeiramente eficaz da desigualdade educacional e de renda no Brasil, promovendo, assim, uma chance real de ascensão social para cidadãos que vivem à margem da sociedade.

Com os resultados obtidos, é perceptível que o uso das técnicas do posicionamento de pesquisa da Análise do Discurso durante o processo metodológico se tornou essencial para o desenvolvimento deste trabalho. Ademais, o extensivo corpus foi responsável por promover uma amplitude relevante da investigação, comprovando que os padrões identificados nas reportagens telejornalísticas não se caracterizam como exceções ou modos de produções referentes a um tipo de telejornal ou uma linha editorial de determinada emissora, mas se configuram como uma prática comum no jornalismo como um todo.

Com este percurso, foi possível alcançar o objetivo geral da pesquisa que almejava analisar a construção da narrativa midiática ao retratar histórias de superação de obstáculos na vida de estudantes de baixa renda no Brasil. Também, por meio das técnicas apresentadas, foi viável executar ainda os objetivos específicos desta pesquisa, conseguindo plenamente realizar averiguação de reportagens de destaque sobre casos que se encaixam na narrativa de superação de jovens estudantes de baixa renda, para entender se a repercussão dessas histórias foi capaz de impulsionar os conceitos de meritocracia no senso comum dos indivíduos, observando, por meio da análise dos discursos referidos, quais interdiscursos estavam presentes nas notícias avaliadas, percebendo qual recorte foi dado aos problemas

enfrentados pelos personagens por meio da análise da estrutura da notícia para, dessa forma, destacar também a falha do sistema meritocrático como forma de ascensão social.

Neste aspecto, com o primeiro capítulo do trabalho, foi possível, de forma mais contundente, explorar o conceito meritocrático desde o início da elaboração dos ideais de desigualdade entre os homens por meio do trabalho de Rousseau (2017), até o desenvolvimento e fortalecimento do movimento de defesa da meritocracia, incentivado em oposição à aristocracia em ascensão com objetivo de valorizar o mérito como valor de maior importância para sucesso em detrimento da origem familiar. Nesse processo, foi possível esclarecer como, teoricamente, a meritocracia se apresenta como um modelo de organização social que busca a igualdade, mas que na prática perpetua a desigualdade em outros moldes. Por fim, o capítulo se encarregou ainda de realizar a ligação entre os conceitos meritocráticos de valorização extrema do intelecto e do trabalho às narrativas heroicas em que o indivíduo descrito como *self-made man* alcança o sucesso por mérito individual, apesar de todas as dificuldades externas, assim, comprovando que meritocracia e Trajetória do Herói possuem uma relação de dependência.

Em relação ao papel do jornalismo, o segundo capítulo centraliza o debate na produção telejornalística brasileira e sua histórica tradição de intimidade com o público. Este momento do trabalho é essencial para esclarecer as dinâmicas de produção televisiva, bem como entender com maior amplitude teorias do jornalismo que reforçam a capacidade do repórter como narrador de uma história que pode, na maioria das vezes, diferir de forma exagerada da realidade dos fatos. Por meio das Teorias do Enquadramento e Agendamento, o capítulo consegue compor um cenário explicativo para demonstrar o poder que a figura do jornalismo possui na hora de contar uma história. Junto a isso, também é oferecido um panorama de como a televisão se configura como o veículo mais propenso ao sensacionalismo e ao ajuste de seus conteúdos de acordo com os desejos e interesses de seus anunciantes.

Por isso, o trabalho carrega uma importância decisiva para compreender o processo do sensacionalismo dramático que toma conta das produções telejornalísticas da atualidade. Ao refletir sobre a falta de criticidade e comprometimento com o papel social do jornalismo, esta pesquisa traz reflexões sobre o perigo da construção de narrativas que priorizem o drama, a audiência e o entretenimento enquanto deixam de lado a notícia e suas implicações sociais. Ao levar em consideração o problema explorado nas reportagens analisadas, a pesquisa demonstra que a conduta jornalística observada pode criar uma falsa percepção da realidade, neste caso, uma sensação de que estudantes de baixa renda que não conseguem

alcançar o sucesso falharam por falta de esforço e força de vontade. Esse tipo de agendamento da mentalidade das grandes massas promove não só a falta de pressão social para o desenvolvimento de políticas públicas que apaziguem as diferenças de classe, como já citado, mas também reforça um ódio entre classes ao implementar a subjetiva ideia de que pessoas pobres continuam pobres por falta de esforço, o que reforça uma série de marginalizações e opressões reproduzidas por meio das classes dominantes que desejam perpetuar essas ideias para manter suas posições de poder em segurança.

Por fim, espera-se que esse trabalho possa contribuir para uma maior reflexão sobre os fenômenos apresentados, auxiliando no desenvolvimento de pesquisas futuras que sejam capazes de expandir as análises aqui apresentadas ao explorarem outros temas de interesse social que também sofrem enquadramentos desonestos por parte dos grandes conglomerados midiáticos.

## 6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Livia. **Igualdade e meritocracia**: a ética do desempenho nas sociedades modernas. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999

BRANDI, Daniel. Evolução dos Estudos de Agendamento: uma Explicação sobre a Influência da Mídia na Opinião Pública. In: DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 19., 2017, Fortaleza. **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Ceará: Intercom, 2017. p. 1-15

COHEN, B. **The press and the foreign policy**. Princeton: Princeton University, 1963.

COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. Dos personagens à incorporação do público: uma análise sobre o lugar do cidadão no telejornalismo. In: COUTINHO, Iluska (org.); PORCELLO, Flávio (org.); VIZEU, Alfredo (org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010. p. 215-229

CURADO, Olga. **A notícia na TV**: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo. 1.ed. São Paulo: Alegro, 2002

DIJK, Teun A. van. La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. **Métodos de análisis crítico del discurso**. p.143-177. Barcelona: Gedisa, 2003.

\_\_\_\_\_, Teun A. van. 1996. Discourse, power and access. In: CALDAS-COULTHARD, C. R. (ed.); COULTHARD, M. (ed.). **Texts and practices**: readings in Critical Discourse Analysis. London: Routledge, 1996, p. 84-104.

DUBET, François. Desigualdades multiplicadas. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun./Jul/Ago. 2001 N. 17, 2001, p. 5-19.

FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. F. de. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728>. Acesso em: 3 jun. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONSECA, André Azevedo da; VARGAS, Raul H. Osório. Fato, trama e narrativa: um diálogo entre o jornalismo e a historiografia. In: VI ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6., 2006, Brasília. **Anais do VI ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM**. Distrito Federal: Intercom, 2006. p. 1-16

FRANCISCATO, C. E.; GÓES, J. C. Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo. *Animus*. Revista Interamericana de **Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 11, n. 22, 2012. DOI: 10.5902/217549776564. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/6564>. Acesso em: 3 jun. 2023.



FRANK, Robert H. **Sucesso e sorte: o mito da meritocracia**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

GADRET, Débora Lapa; PORCELLO, Flávio. A TV no Brasil: influência política e o discurso de poder. In: COUTINHO, Iluska (org.); PORCELLO, Flávio (org.); VIZEU, Alfredo (org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 215-229

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**. New York: Harper & Row, 1974.

GONÇALVES, Telmo. A Abordagem do Enquadramento nos Estudos do Jornalismo. Caleidoscópio: **Revista de Comunicação e Cultura**, [S.l.], n. 5/6, July 2011. ISSN 1645-2585.

HELAL, D. H. O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE E ORGANIZAÇÕES MODERNAS: CRITICANDO A MERITOCRACIA. **Revista Eletrônica de Administração**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 386–408, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/39926>. Acesso em: 3 jun. 2023.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: norte e sul**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.

LEEUWEN, T. van. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R. (ed.) & COULTHARD, M. (ed.). **Texts and practices: readings in Critical Discourse Analysis**. London: Routledge, 1996, p. 32-70.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Tradução e Prefácio: Jacques A. Wainberg. Petropolis, RJ: Vozes, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo teórico-metodológico. São Paulo: Loyola, 1994.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

MANHÃES, Eduardo. Análise do Discurso. In: BARROS, Antonio (org.); DUARTE, Jorge(org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 305-315.

MARASCIULO, M. Como a meritocracia contribui para a desigualdade. **Revista Galileu**. 24 jun. 2016. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/06/como-meritocracia-contribui-para-desigualdade.html> Acesso em 28.05.2023.

MARIA VIEIRA, C.; PEREIRA BORGES, K.; PIRES GONZAGA, L.; LEITE DE OLIVEIRA, N. D. G. REFLEXÕES SOBRE A MERITOCRACIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. **Reflexão e Ação**, p. 315-334, 26 abr. 2013.

MARKOVITS, Daniel. **A cilada da meritocracia: como um mito fundamental da sociedade alimenta a desigualdade, destrói a classe média e consome a elite**. 1. ed, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2022.

MATTOS, Sérgio. A evolução da televisão brasileira. In: COUTINHO, Iluska (org.); PORCELLO, Flávio (org.); VIZEU, Alfredo (org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 23-53.

MAZZA, M. G.; MARI, C. L. D.. Meritocracia: origens do termo e desdobramentos no sistema educacional do Reino Unido. **Pro-Posições**, v. 32, p. e20190063, 2021.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. **The Evolution of Agenda-setting Research: Twenty Five Years in the Marketplace of Ideas**. Journal of Communication, vol. 43, n. 2, 1993.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, Oxford, v. 36, n. 2, Summer, p. 176-187, 1972.

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MELO, Iran Ferreira. **Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções**. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/adeacd.pdf>>. Acesso em: 03 Jun. 2023.

MELO, J. M. de; ASSIS, F. DE. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. Intercom: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, p. 39–56, jan. 2016.

\_\_\_\_\_, J.M. de. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

\_\_\_\_\_, J.M. de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MOLOTCH, H.; LESTER Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2004

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999

PENA, Felipe. **Teorias do jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

PORCELLO, Flávio (org.); VIZEU, Alfredo (org.). In: COUTINHO, Iluska (org.); PORCELLO, Flávio (org.); VIZEU, Alfredo (org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 23-53.

ROSSATO, Eder Adão. Da meritocracia clássica à meritocracia social(des)continuidades de processos de desigualdades. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 22, n. 234, p. 231 - 242, 2022.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A Origem da desigualdade entre os homens**. 1. ed. São Paulo: Schwarcz, 2017.

SANDEL, Michael, J. **A Tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SCHLAUCHER, B. G. P. ; COUTINHO, I. M. S. . O 'drama cotidiano' na era da convergência midiática: uma análise do quadro 'Jovens do Brasil' a partir do conceito metodológico de dramaturgia do telejornalismo. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013, Manaus. **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2013. v. 1. p. 31-46.

SCHUDSON, M. (1982/1993). **The Politics of Narrative Form: Emergence of News Conventions in Print and Television**. Daedalus. Vol. 111.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: COUTINHO, Iluska (org.); PORCELLO, Flávio (org.); VIZEU, Alfredo (org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 101-124

TILIO, Rogério. Revisitando a Análise Crítica do Discurso: um instrumental teórico-metodológico. **E-escrita**, Nilópolis, v. 1, n. 2, p. 86-102, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TUCHMAN, Gaye. **Making News**. 1. ed. New York e London: The Free Press, 1980.

\_\_\_\_\_, Gaye. **A Objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993, p. 74-90.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2015.

WEAVER, David H.; McCOMBS, Maxwell E.; E., Spellman. **Watergate and the Media: a Case Study of Agenda-Setting**. *American Politics Quarterly*, VOL. 3, 1975.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6.ed. Lisboa: Presença, 2001.

## 7. APÊNDICES

### IDENTIFICAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NA REPORTAGEM DO FANTÁSTICO - REDE GLOBO - ARTHUR MESQUITA

Representações do estudante	Representações dos familiares	Representações dos professores
Rapaz de quinze anos (1x)	Mãe (2x)	Professores (1x)
Arthur (9x)	Pai (4x)	
Ele (7x)	Irmãos (1x)	
Jovem de quinze anos (1x)	Família (2x)	
Você (5x)	Vocês (1x)	
Alunos (3x)	Irmão (1x)	
Eu (2x)	Deles (1x)	
Dele (2x)	Mamãe (1x)	
Aluno (1x)		
<b>Total: 31</b>	<b>Total: 13</b>	<b>Total: 1</b>

### PAPÉIS SEMÂNTICOS NA REPORTAGEM DO FANTÁSTICO - REDE GLOBO - ARTHUR MESQUITA

FRASE	PAPEL SEMÂNTICO
improvisou um cantinho de estudos no alto de uma árvore pra não perder as aulas online	agente (estudante)
dar uma vida melhor pra minha mãe, pro meu pai e terminar minha faculdade	agente (estudante)
É com a ajuda dela que o Arthur se mantém como um dos alunos mais aplicados do primeiro ano do ensino médio da rede pública do município de Alenquer, no oeste do Pará	beneficiário (estudante)
Ele e os irmãos procuravam o sinal de celular aqui pela comunidade	agente (estudante)
mas aí resolveu subir aí em cima	agente (estudante)

Construíram uma escada, um banquinho e até o suporte para o celular no alto da árvore	agente (estudante)
Arthur assiste às aulas, baixa os conteúdos da internet e conversa em tempo real com os professores	agente (estudante)
Quando a família do Arthur se mudou aqui para a zona rural	agente (família)
Arthur é um dos mil e trezentos que vivem na área rural, com acesso restrito à internet.	identidade (estudante)
essa foi a maneira que o jovem de quinze anos encontrou, de acompanhar as aulas que passaram a ser online, por causa da pandemia	agente (estudante)
ele fez daquela árvore a sua sala de aula	agente (estudante)
O Arthur também ajuda o pai na lavoura	agente (estudante)
Mesmo levando essa vida simples	tema (estudante)
o que a gente pode fazer pra ajudar pra alavancar o estudo deles a gente faz	agente (família)
Até investir numa antena rural, que dá acesso à internet, que custou quase dois mil reais.	agente (família)
a família ainda paga um plano mensal de cento e vinte reais para a operadora de celular.	agente (família)
seguir esse exemplo do meu pai, né? Com a minha mãe	agente (estudante)
Eu não vou ficar aqui parado, esperando tudo acontecer. Eu vou lá e vou mudar a minha realidade.	agente (estudante)
O Arthur é um aluno incrível	identidade (estudante)

**DISCURSO REFERIDO - NA REPORTAGEM DO FANTÁSTICO - REDE GLOBO -  
ARTHUR MESQUITA**

<b>CITAÇÃO INDIRETA</b>	<b>CITAÇÃO DIRETA</b>
Eu vou lá e vou mudar a minha realidade. (professor sobre o estudante)	Não dava sinal bom, mas aí (nós) resolveu subir aí em cima, foi o que deu melhor o sinal (estudante sobre si)

	A realidade de Alenquer, em questão de internet, é uma realidade muito preocupante. Se é uma realidade difícil pros alunos aqui da zona urbana, pior ainda pros alunos da zona rural (professor sobre alunos no geral)
	Mesmo levando essa vida simples (pai sobre estudante)
	É uma coisa muito emocionante (pai sobre estudante)
	seguir esse exemplo do meu pai (estudante sobre si)
	o Arthur tá lá em cima da árvore estudando (pai sobre estudante)
	E ele fez daquela árvore a sua sala de aula, né? E isso mudou completamente o estilo de estudo dele (professor sobre o estudante)
	o Arthur tá lá em cima da árvore estudando (pai sobre estudante)
	O Arthur é um aluno incrível (professor sobre o estudante)
<b>TOTAL: 1</b>	<b>TOTAL: 9</b>

**IDENTIFICAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NA REPORTAGEM DO DOMINGO  
ESPETACULAR - TV RECORD - WELLINGTON JOSÉ**

<b>Representações do estudante</b>	<b>Representações dos familiares</b>	<b>Representações dos professores</b>
sonhador (1x)	pai (5x)	mestres (1x)
ele (24x)	pais (2x)	gente boa (1x)
dele (4x)	mãe (5x)	gigantes (2x)
Wellington (18x)	família (4x)	mamãezinha (1x)
médico (3x)	ela (7x)	lua (1x)
um grande exemplo (1x)	painho (1x)	como se fosse minha mãe (1x)
Doutor (5x)	namorada fisioterapeuta (1x)	ex-professor (1x)

você (4x)	seu arnaldo (1x)	
eu (20x)	cortador de cana (1x)	
filho de pais analfabetos (1x)		
jovem (3x)		
cortador de cana (3x)		
filho (3x)		
<b>Total: 90</b>	<b>Total: 27</b>	<b>Total: 8</b>

**PAPÉIS SEMÂNTICOS NA REPORTAGEM DO DOMINGO ESPETACULAR - TV  
RECORD - WELLINGTON JOSÉ**

<b>FRASE</b>	<b>PAPEL SEMÂNTICO</b>
um jovem que batalhou pesado na lavoura, cortando cana ao lado do pai	agente (estudante)
ele nunca desistiu de sonhar.	agente (estudante)
Wellington, sempre quis ser médico e nem as piores dificuldades o impediram de chegar lá.	agente (estudante)
lutou tanto pra chegar até aqui e receber o tão sonhado diploma do curso de medicina	agente (estudante)
eu cortava a cana	agente (estudante)
Sou filho de pais analfabetos	identidade (estudante)
uma família numerosa, uma família sem muitas condições	identidade (família)
tentar ajudar em casa e fazer com que nós tivéssemos algumas condições melhores	agente (estudante)
Ele era um jovem, uma criança, que sempre ele se destacava no meio dos outros	agente (estudante)
ele é um jovem que sempre gostou de ler e escrever bem.	agente (estudante)
Wellington morou com a família aqui na zona	tema (estudante)

rural de Ribeirão, que fica afastada do centro da cidade.	
ele tinha que pedalar cerca de cinquenta quilômetros ida e volta, todos os dias, por uma estrada de terra como essa, pra chegar até a sala de aula.	agente (estudante)
A bicicleta que o ajudou a mudar de vida, Wellington ganhou num sorteio na escola	beneficiário (estudante)
muitas vezes chegava molhado, muitas vezes chegava todo melado de lama	experenciador (estudante)
não desanimou o projeto e o sonho que ele tinha	agente (estudante)
Desistir é um verbo que nunca fez parte do vocabulário de Wellington	agente (estudante)
Wellington era muito estudioso, é muito concentrado	identidade (estudante)
ele ainda tentava ajudar aqueles alunos, os colegas mais próximos dele também a estudar.	agente (estudante)
prometi pra ela que faria medicina	agente (estudante)
pena que eu não estarei aqui pra poder ver	agente (família)
Wellington conquistou a admiração dos mestres	agente (estudante)
muita gente boa me ajudou, muita gente boa esteve ao meu lado	beneficiário (estudante)
Uma das gigantes que apoiaram Wellington foi a professora Luciana	agente (professor)
ele trabalhava no cursinho pra pagar a mensalidade	agente (estudante)
não tinha o que comer	experenciador (estudante)
(eu) trazia o almoço dele, trazia o jantar	agente (professor)
Wellington ficava espiando através da porta	agente (estudante)
naquela condição ele não conseguiria	paciente (estudante)
Uma caminhada onde não faltaram obstáculos	tema (estudante)
cortamos cana o dia inteiro	agente (estudante)
trabalhamos o dia todinho e no outro dia, na segunda-feira, ele foi, pagou a inscrição	agente (estudante)
Por meio do PROUNI, Wellington finalmente	beneficiário (estudante)



conseguiu cursar a faculdade de medicina	
E foi assim, com essa força de vontade extraordinária e amor incondicional aos estudos que o cortador de cana virou doutor	agente (estudante)
Ele já começou a trabalhar nesse hospital público	agente (estudante)
ser um médico que vê o paciente de uma forma holística, que vê o paciente de uma forma que impacta	agente (estudante)
ela tá vendo que eu cumpri minha palavra	agente (estudante)
eu fiz a proposta de que ele saísse e fosse integral, no nosso curso, no curso de preparação única e exclusivamente pro vestibular	benefactor (professor)
(eu vou) voltar a estudar esse ano	agente (família)
Ele é um grande exemplo, ele é um sucesso	identidade (estudante)
Ele é o grande momento da superação ligado ao processo de oportunidade	identidade (estudante)
É você que tem obrigação de mostrar pra elas que mesmo parecendo impossível, você vai conseguir.	agente (estudante)

**DISCURSO REFERIDO - NA REPORTAGEM DO DOMINGO ESPETACULAR - TV RECORD - WELLINGTON JOSÉ**

<b>CITAÇÕES INDIRETAS</b>	<b>CITAÇÕES DIRETAS</b>
o cortador de cana fez uma promessa à mãe, que a essa altura estava muito doente, internada no hospital. repórter	eu cortava a cana, ó. Difícil, difícil. Agora, doutor. Muito bom, muito bom mesmo. Maravilhosa a sensação (estudante sobre si)
Desistir é um verbo que nunca fez parte do vocabulário de Wellington. repórter	Sou filho de pais analfabetos. Meus pais casaram muito jovens, um tinha treze, o outro tinha doze anos. Minha mãe acabou falecendo e somos cinco filhos ao todo. E por ser uma família numerosa, uma família sem muitas condições, a gente acabou desde muito cedo sendo inserido, assim, no corte de cana também, pra tentar ajudar em casa e fazer com que nós tivéssemos algumas condições melhores (estudante sobre si)
Outra promessa que o Wellington espera ver realizada em breve é ajudar a família e retirar o pai do corte de cana. repórter	prometi pra ela que faria medicina, ela começou a chorar e disse: pena que eu não estarei aqui pra poder ver. Dois dias após ela faleceu (estudante sobre família)

	eu a chamo de mamãezinha, né? Minha mãe de verdade faleceu, não está mais entre nós, mas Lua, que é como se fosse minha mãe. (estudante sobre professora)
	eu fiz a proposta de que ele saísse e fosse integral, no nosso curso, no curso de preparação única e exclusivamente pro vestibular, inclusive de Medicina (professor sobre estudante)
	Eu lembro até que algumas pessoas ao redor disseram que não ia conseguir, pediram pra eu botar outro curso mais fácil, que eu não iria passar. Não, tenta outro curso, faz não sei o que. E aí nunca dei ouvido a essas pessoas. Então assim, eu sabia onde eu queria chegar e eu sabia que eu iria chegar. Poderia demorar um pouco mais, mas eu iria chegar. (estudante sobre si)
	Peguei o celular, liguei pro meu pai, meu pai começou a chorar, chorando do lado da ligação e eu chorando do outro, muito bom assim, a sensação indescritível e melhor ainda foi começar a faculdade, sabe? Quando eu comecei medicina foi muito legal. Lembro que o primeiro dia de aula seria uma quinta-feira à tarde e aí quando foi quinta-feira de manhã eu estava na faculdade, olha o tamanho da ansiedade que era. Assim, foi maravilhoso. (estudante sobre si)
	eu tomei uma decisão, voltar a estudar esse ano, no ano de dois mil e vinte e dois. Eu quero voltar a estudar porque eu só tenho primeira série arrastada. (pai sobre si)
	o Wellington tá desse jeito, sem almoço, sem comida, sem nada. (professor sobre estudante)
	naquela condição ele não conseguiria (professor sobre estudante)
	Wellington tem um perfil, aquele perfil instigado, ele pergunta e se oferece. ele é ele tem propósito (namorada sobre estudante)
	Ele é um grande exemplo, ele é um sucesso nesse aspecto, né? Ele é o grande momento da superação ligado ao processo de oportunidade (professor sobre estudante)
	Ele era um jovem, uma criança, que sempre ele se destacava no meio dos outros porque ele é um

	jovem que sempre gostou de ler e escrever bem. (pai sobre estudante)
	Wellington era muito estudioso, é muito concentrado. Além disso, ele ainda tentava ajudar aqueles alunos, os colegas mais próximos dele também a estudar. (professor sobre estudante)
	Eu disse: não acredito que o Wellington tá desse jeito, sem almoço, sem comida, sem nada. Aí eu disse, chamei, chorei, chorei, chorei, chorei que só. Foi quando eu disse a ele, a partir de hoje você jamais aqui comigo passará fome. E trazia o almoço dele, trazia o jantar, porque ele ficava, chegava de sete da manhã do colégio e só saía às dez da noite. (professor sobre estudante)
	Meu conselho sempre para aquelas pessoas que estão num cursinho, estão tentando para aquelas pessoas que estão inseridas em situações que parecem difíceis e intransponíveis, por vezes, é: não desista. As pessoas não têm obrigação de acreditar no seu sonho. É você que tem obrigação de mostrar pra elas que mesmo parecendo impossível, você vai conseguir. (estudante sobre si)
<b>Total: 3</b>	<b>Total: 16</b>

**IDENTIFICAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NA REPORTAGEM DA RECORD  
GOIÁS - TV RECORD GOIÁS - MILENE**

<b>Representações do estudante</b>	<b>Representações dos familiares</b>	<b>Representações dos professores</b>	<b>Representações dos telespectadores/caridade</b>
aluna (2x)	Maria (5x)	Mestre (1x)	Júlio César (1x)
Milene (13)	mãe (11x)	Póvoa (1x)	Administrador da clínica Oncovida (1x)
ela (10x)	ela (4x)	A gente (1x)	ele (4x)
criança pobre (1x)	irmão (2x)	professora (1x)	telespectadora (1x)
menina (3x)	Moisés (1x)	diretora (1x)	Arnaldo (1x)
médica (2x)	pai (2x)	eu (1x)	pessoas (2x)
pessoa (2x)	filho (3x)		dono de um restaurante (1x)

doutora (2x)	eu (14x)		Maurício (1x)
filha (8x)			telespectador (1x)
eu (4x)			Aqueles (1x)
			eu (3x)
<b>Total: 47</b>	<b>Total: 42</b>	<b>Total: 6</b>	<b>Total: 17</b>

**PAPÉIS SEMÂNTICOS NA REPORTAGEM DA RECORD GOIÁS - TV RECORD  
GOIÁS – MILENE**

<b>FRASE</b>	<b>PAPEL SEMÂNTICO</b>
Enquanto ensinou biologia pra Milene, Póvoa também aprendeu muito sobre determinação	agente (professor)
ela ensinou pra gente que vale a pena lutar por um sonho, vale a pena se esforçar, vale a pena ter foco, ter disciplina e alcançar o sonho que ela tanto almejou	agente (professor)
nós demos a escola pra ela, bolsa integral	beneficiário estudante /agente (professor)
a melhor aposta que a diretora fez	experenciador (professor)
Milene acaba de ser aprovada para Medicina na Universidade Federal de Araguaína	agente (estudante)
tem Deus pra levantar a gente. Ele dá força, ele dá aquela garra assim pra gente subir.	experenciador (estudante)
É a história da Milene que faz dela uma gigante	causativo (estudante)
A Maria é catadora de recicláveis e trabalha duro	agente (família)
mas Deus dá força pra gente	experenciador (família)
Deus proverá (5x)	experenciador (estudante)
o irmão, Moisés, também está cursando Medicina na UFG	agente (família)
A Milene foi criada no barracão dentro do depósito	paciente (estudante)
meu sonho é ser um engenheiro mecatrônico	experenciador (família)

Todo mundo nessa família sonha grande	experienciador (família)
a gente não pode desistir do sonho da gente	experienciador (família)
ele, que administra o depósito de materiais pra reciclagem	agente (família)
A aprovação da filha foi uma alegria pra Maria	experienciador (família)
eu já trabalhei das sete à uma da manhã	agente (família)
está enfrentando um câncer no colo do útero	experienciador (família)
mãe e filha não enxergam obstáculos	experienciador (estudante)
O esforço que eu estou fazendo é por ela. Por ela, pra dar uma vida melhor pra ela, pros meus irmão, pra ajudar todo mundo, a família	experienciador (estudante)
Foi a escola quem pagou a passagem pra Milene ir pro Tocantins, fazer a matrícula	beneficiário (estudante)
condições hoje dela manter ela lá, eu não tenho	agente (família)
O Júlio César caiu no choro	experienciador (telespectador)
Ele se lembrou das dificuldades que enfrentou na infância	experienciador (telespectador)
ele vai ser um apoio fundamental pra menina recém aprovada no curso de medicina	beneficiário (estudante)
nós vamos patrocinar isso até o final do curso	beneficiário (estudante /agente telespectador)
ela está ali, ó, ajudando a mãe	experienciador (estudante)
gente querendo doar roupas, de gente oferecendo ajuda de todo tipo	benefactores (telespectador)
cê já recebeu muitas ligações	paciente (estudante)
enviado por uma telespectadora	agente (telespectador)
you comoveu muita gente	experienciador (estudante)
ficou comovido com a história	experienciador (telespectador)
vamos ajudar a menina	agente (telespectador)
Ele vai depositar um dinheiro todo mês na conta dela até o fim da faculdade	agente/beneficiário (estudante)
eles já ganharam TV, micro-ondas, geladeira pra	paciente (família)

casa	
vários depósitos em dinheiro foram feitos também na conta da Milene	paciente (estudante)
ele está te oferecendo refeição gratuita todos os dias enquanto você estiver lá	beneficiário (estudante)

**DISCURSO REFERIDO - NA REPORTAGEM DA RECORD GOIÁS - TV RECORD  
GOIÁS – MILENE**

<b>CITAÇÕES INDIRETAS</b>	<b>CITAÇÕES DIRETAS</b>
A Maria é catadora de recicláveis e trabalha duro, com um único objetivo na vida: manter os filhos na escola. Dificuldade pouca não é não (repórter)	A gente ensinou pra ela o conteúdo que está nos livros, né? E ela ensinou pra gente que vale a pena lutar por um sonho, vale a pena se esforçar, vale a pena ter foco, ter disciplina e alcançar o sonho que ela tanto almejou. (professor)
O pai diz que a inteligência veio da mãe, mas ele, que administra o depósito de materiais pra reciclagem, também é inventor (repórter)	Não é não, não é fácil, não é fácil você manter isso aqui, você está dedicado vinte e quatro horas por dias, às vezes até sem aguentar doente, mas Deus dá força pra gente ir ter esse objetivo na vida deles (mãe)
O Júlio César caiu no choro. Ele se lembrou das dificuldades que enfrentou na infância (repórter)	Muito orgulho. Eu choro só de lembrar das coisas que ela fez pra gente. (estudante)
eles pediam: mãe, tem que levar pra escola (mãe)	Eu falei: filha, vai lá, no mercado, compra dois super bonder, vamos colar que amanhã dá pra você ir. Então, assim, eu não esqueço disso. Eu já trabalhei das sete à uma da manhã, das sete à uma. (mãe)
Às vezes faltava os materiais, sumia, faltava: mãe, está acabando isso. (mãe)	O esforço que eu estou fazendo é por ela. Por ela, pra dar uma vida melhor pra ela, pros meus irmão, pra ajudar todo mundo, a família (estudante)
Ela falou: “mãe, meu tênis abriu todinho” (mãe)	até pra ir organizando lá e fazendo as coisas por lá, tem que ter pelo menos um dinheirinho pra poder comer, comprar alguma coisa de roupa, calçado que precisar. (estudante)
A mãe está anotando num caderninho toda ajuda que chega (repórter)	Eu vou ser bem sincera, condições hoje de manter ela lá, eu não tenho. É porque hoje, o que eu tenho hoje é um auxílio de um salário,

	né? Então, eu não tô trabalhando assim, não estou. Mesmo trabalhando, ficaria muito difícil. Mas, como eu tenho fé, eu confio em Deus que minha filha, a gente, vai conseguir (mãe)
o pai dela custa acreditar em tudo que está acontecendo (repórter)	E eu pensei de imediato. Olha, uma pessoa que dificilmente vai dar errado na vida, porque ela tem o que os médicos todos deveriam ter, que é a paixão pelo que ela quer fazer. (telespectador)
	Nossa não imaginava sabe? Que ia atingir tanta pessoa pra poder tá me ajudando. Não imaginava mesmo. (estudante)
	Estou bastante contente. (estudante)
	Foi um pedido de uma mãe de um aluno que foi professora dela numa escola pública, se não me engano até o quinto ano, e ela pediu pra que nós, é que ela tinha uma aluna que ela estava com muita dó de continuar na escola pública porque tinha um potencial muito grande e eu pedi pra que ela trouxesse essa menina aqui e ela trouxe e nós demos a escola pra ela, bolsa integral. (professora)
	Sim, a gente sente, mas tem Deus pra levantar a gente. Ele dá força, ele dá aquela garra assim pra gente subir. Apesar das circunstâncias, de tudo que passou, tudo que já sofreu (estudante)
	meu sonho é ser um engenheiro mecatrônico. (irmão)
	Nossa não imaginava sabe? Que ia atingir tanta pessoa pra poder tá me ajudando. Não imaginava mesmo. (estudante)
	Quando eu cheguei no escritório todo mundo começou a comentar: e aí cê viu aquela história e tal, vamos ajudar, não vamos? Eu falei, não, vamos, vamos ajudar a menina. E aí a gente acha que sim, que só através de uma formação, dos estudos, é que a gente muda a história de uma menina que nem ela, da família e a história do Brasil também. É através da educação. (telespectador)

	Ficar sem o teto eu não vou ficar, ficar sem comer eu não vou ficar e está muito bom. (estudante)
	O que eu mais quero é que ela não deixe o dinheiro convencer a amizade humana, o amor ao próximo e a fé em Deus. (pai)
	sempre eu falava pra eles, sempre eles vinha falar, mãe, eles achava que aquilo ia ser difícil pro outro dia. Inclusive as passagem, eu falei, minha filha, Deus proverá. (mãe)
<b>Total: 8</b> <b>5x repórter</b> <b>3x família</b>	<b>Total: 18</b> <b>8x estudante</b> <b>6x família</b> <b>2x professores</b> <b>2x telespectadores</b>

**IDENTIFICAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NA REPORTAGEM DO BALANÇO  
GERAL CURITIBA - TV RECORD CURITIBA - NATIELE SOUZA**

<b>Representações do estudante</b>	<b>Representações dos familiares</b>	<b>Representações dos professores</b>
gente (1x)		
peessoas (4x)		
peessoal (1x)		
Natielle (3x)		
jovem (1x)		
ela (17x)		
Nati (8x)		
mulher (1x)		
menina (2x)		
batalhadora (3x)		
Eu (6x)		
você (6x)		
grilinho (1x)		
guerreira (1x)		



<b>Total: 55</b>		
------------------	--	--

**PAPÉIS SEMÂNTICOS NA REPORTAGEM DO BALANÇO GERAL CURITIBA -  
TV RECORD CURITIBA - NATIELE SOUZA**

<b>FRASE</b>	<b>PAPEL SEMÂNTICO</b>
gente que muitas vezes pode parecer até invisível	identidade (estudante)
pessoas que se misturam à paisagem urbana da cidade grande	experenciador (estudante)
(ela) encontra forças pra puxar um carrinho de recicláveis com mais de cento e vinte quilos	agente (estudante)
Nati é uma daquelas pessoas guerreiras, que ganham a simpatia de todos por onde passa	agente (estudante)
Nati trabalha desde os quinze anos de idade	agente (estudante)
Essa é a Natielle, uma menina de vinte anos, uma batalhadora	identidade (estudante)
pego o carrinho e venho andar	agente (estudante)
(eles) guardam aí os recicláveis pra você	agente (moradores)
(a gente) pega em todas as ruas	agente (estudante)
Nati também faz amigos pelo caminho	experenciador (estudante)
(ela) tá empurrando esse carrinho	agente (estudante)
(ela) merece tudo que há de melhor nesse mundo pra ela.	beneficiário (estudante)
Nati não tem medo do trabalho	experenciador (estudante)
ela faz isso todo dia, faça chuva ou faça sol	experenciador (estudante)
(ela) tem só quarenta e dois quilos	identidade (estudante)
já dá pra ver que eu tô um pouco sem fôlego	experenciador (estudante)
a gente que levou a palavra sente, né?	experenciador (estudante)
catando recicláveis e também vendendo balinhas	agente (estudante)
gente que batalha nesse mundo	agente (estudante)

peças que batalham pra conseguir vencer na vida	agente (estudante)
ela acredita que vai fazer a faculdade de veterinária	agente (estudante)
não precisa você nascer num berço de ouro pra ter um futuro	experenciador (estudante)

**DISCURSO REFERIDO - NA REPORTAGEM DO BALANÇO GERAL CURITIBA -  
TV RECORD CURITIBA - NATIELE SOUZA**

CITAÇÕES INDIRETAS	CITAÇÕES DIRETAS
E ela acredita, ela acredita que vai fazer a faculdade de veterinária, né, ou vai ser advogada. Mas, ela vai conseguir. (apresentador)	Eu saio seis e meia de casa, sete horas, né? Aí chego ali no Prado Velho umas sete e meia, oito horas, depende da BR, né? Aí eu me troco de roupa, pego o carrinho e venho andar. (estudante)
Nati tem muitos sonhos, ser médica veterinária é só um deles. (repórter)	Sim, isso na verdade é que faz bastante tempo que a gente vem aqui nessa pracinha, é o nosso foco né? Daí a gente pega em todas as ruas e muita gente conhece porque vê que a gente está aí todo dia, né? E também é o certinho, não rasgo o lixo na frente do prédio nem nada né? É bem organizado sim. (estudante)
você tava me contando que tem só quarenta e dois quilos (repórter)	Sim, tem, assim, principalmente na subida, né? A questão é equilibrar bem o peso, pra não ficar nem muito pra frente nem muito pra trás, né? Mas já dá pra ver que eu tô um pouco sem fôlego, mas a gente leva, né (estudante)
	Eu falo que a gente tem que parar de de peito aberto, né? E cabeça erguida, porque é um serviço honesto, né? (estudante)
	É mais um extra mesmo, o meu foco agora tá sendo a reciclagem, mas já ajuda, uma balinha, duas balinha no final você junta que cê nem viu, né? (estudante)
	Primeira vez que eu vi ela falei, não pode, um grilinho desse daí tá empurrando esse carrinho mas ela é muito guerreira, muito batalhadora e ela merece tudo que há de melhor nesse mundo pra ela (moradora da vizinhança)

	A gente não pode olhar as coisas ruins, tem que sempre pensar nas coisas boas, né? E pensar no futuro. (estudante)
	fazer minha faculdade de veterinária, ou advogado, né? Que era o que eu queria seguir assim. Se Deus quiser, um dia eu ainda vou conseguir. (estudante)
<b>Total: 3</b> 1x apresentador 2x repórter	<b>Total: 8</b> 7x estudante 1x moradora da vizinhança

### TABELA REPORTAGEM REGIONAL - MILENE E NATIELLE

	<b>Reportagem 1 - Milene</b>	<b>Reportagem 2 - Natielle</b>
<b>Atores Sociais</b>	estudante - 47x família - 42x professores - 6x telespectadores - 17x <b>total: 112</b>	estudante - estudante 55x
<b>Papel Semântico</b>	estudante - 1x agente, 6x experienciador, 6x beneficiário, 3x paciente e 1x causativo professores - 3x agente e 1x experienciador família - 5x agente, 5x experienciador e 1x paciente telespectadores - 3x agentes, 3x experienciador e 1x benefactores <b>total: 41</b>	estudante - 10x agente, 7x experienciador, 3x identidade e 1x beneficiário moradores das redondezas - 1x agente
<b>Citações Indiretas (Discurso Referido)</b>	<b>8 menções indiretas</b> 5x - repórter (4 sobre a família e 1 sobre o telespectador) 3x - família (todas sobre estudante)	<b>3 menções indiretas</b> 1x - apresentador do telejornal (sobre estudante) 2x - repórter (sobre estudante)

<b>Citações Diretas (Discurso Referido)</b>	<b>18 menções diretas</b> 8x estudante (2x sobre família 6x sobre si) 6x família (2x sobre estudante 4x sobre si) 2x professores (sobre si e estudante ao mesmo tempo) telespectadores (1x apenas sobre estudante e 1x sobre si e estudante ao mesmo tempo)	<b>8 menções diretas</b> 7x estudante (sobre si) 1x por moradora da vizinhança (sobre estudante)
<b>Total:</b>	<b>179</b>	<b>88</b>

**TABELA REPORTAGENS NACIONAIS - ARTHUR E WELLINGTON**

	<b>Reportagem 1 - Arthur</b>	<b>Reportagem 2 - Wellington</b>
<b>Atores Sociais</b>	estudante - 32x família - 13x professores - 1x	estudante - 90x família - 27x professores - 8x
<b>Papel Semântico</b>	estudante - 11x agente, 2x identidade, 1x beneficiário família - 4x agente	estudante - 23x agente, 4x identidade, 3x beneficiário, 2x tema, 1x paciente, 2x experenciador família - 2x agente, 1x identidade professores - 1x benefactor, 2x agente
<b>Citações Indiretas (Discurso Referido)</b>	<b>1 menções indiretas</b> professor sobre estudante	<b>3 menções indiretas pela repórter sobre o estudante</b>
<b>Citações Diretas (Discurso Referido)</b>	<b>9 menções diretas</b> 2x estudante sobre si	<b>16 menções diretas</b> 5x estudante sobre si 1x estudante sobre família

	4x família sobre estudante 3x professor sobre estudante	1x estudante sobre professor 6x professor sobre estudante 1x família sobre si 2x família sobre estudante
<b>Total:</b>	<b>82</b>	<b>185</b>